



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

DANIEL DE BRITO MACHADO

**(RE)ANÁLISE DO INFINITIVO E DA PREPOSIÇÃO “DE”
EM PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Brasília

2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Daniel de Brito Machado

**(RE)ANÁLISE DO INFINITIVO E DA PREPOSIÇÃO “DE”
EM PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.

Linha de pesquisa: Gramática: teoria e análise.

Orientadora: Profa. Dra. Rozana Reigota Naves

Coorientador: Prof. Dr. Marcus Vinícius da Silva Lunguinho

Brasília

2019

DANIEL DE BRITO MACHADO

**(RE)ANÁLISE DO INFINITIVO E DA PREPOSIÇÃO “DE”
EM PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese de Doutorado em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, a ser apresentada em 5 de agosto de 2019, perante a banca examinadora constituída pelos professores:

Prof^a. Dra. Rozana Reigota Naves – UnB

Orientadora e Presidente

Prof. Dr. Paulo Medeiros Júnior – PPGL/UnB

Membro Interno

Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte – UFMG

Membro Externo

Profa. Dra. Bruna Elisa da Costa Moreira – UnB

Membro Externo

Prof^a. Dra. Eloisa Nascimento Silva Pilati – PPGL/UnB

Suplente

Dedico a meus pais. Sempre presentes, sempre amorosos.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais e à minha família pela ajuda durante todo esse tempo, assim como por toda a confiança, amor, paciência: o amor dos meus pais para comigo é meu motor diante dos desafios da vida.

Aos meus orientadores Rozana Naves e Marcus Lunguinho, àquela, por ter aceito o desafio de me orientar no meio do doutorado, por ter me ajudado bastante e me guiado de forma exemplar nesse período; a este, pela alegria de ouvir minhas hipóteses, por compartilhar minha alegria diante de dados novos e me dar a honra de ser o seu primeiro orientando de doutorado na UnB.

Aos meus amigos San, Leilanne, Carol e Bruna. Minhas grandes e melhores amizades.

Aos meus chefes, Rô e Eilzon, por tantos ensinamentos dados e por tantas ajudas nesse longo caminho de doutorado. À minha grande, sábia e antiga chefe, Corina, pela grande amizade que se formou entre nós e pela sensibilidade de entender a minha caminhada.

Às grandes amigas de trabalho, Cyl e Martina, por todas as risadas, desabafos e apoio!

Mes ami(e)s français(es): je remercie Juliette de m'avoir appris le français de manière très agréable et de m'avoir présenté la langue qui est sujet de cette thèse-ci. Je remercie Julie de m'avoir beaucoup aidé avec les données de la langue française et de m'avoir appris la façon réelle dont l'on parle en France dans la vie quotidienne. Je remercie Romain de m'avoir beaucoup aidé avec les données et d'avoir clarifié mes doutes concernant le français. Je t'attends à Brasília, mec !

Finallement, je remercie le couple le plus sympa de France: Luiza et Victor. Je vous remercie de m'avoir reçu en France de façon très amoureuse. En plus, je vous remercie de m'avoir beaucoup aidé dans la quête des locuteurs natifs. Merci beaucoup !

Agradeço aos professores do departamento de linguística da UnB. Todos, todos fazem parte da minha história, são 13 anos de LIP com muito orgulho!

A todos os amigos que me ajudaram respondendo às minhas diversas indagações e questionários. Muito, muito obrigado!

Resumo

Nesta tese, discutem-se aspectos relacionados ao infinitivo em orações pré e pós- verbais e em *tough movement constructions*, bem como o estatuto da preposição *de* nesses contextos oracionais. Dessa forma, dois são os objetivos deste trabalho: abordar o problema relacionado à categoria infinitivo e à sua classificação na teoria gramatical, assim como analisar os traços funcionais da preposição *de* nos contextos acima discriminados. Para o primeiro objetivo, qual seja, o problema da categorização do infinitivo, partimos do pressuposto de que se trata de uma categoria de caráter misto, como já foi descrito para outras línguas. Para sustentar essa hipótese na análise do português brasileiro, recorreremos ao conceito de *categorias mistas* postulado por Panagiotidis (2015) e às características sintáticas que o autor descreve para as sentenças com categorias mistas nas línguas. Defendemos existirem dois tipos de infinitivo no português brasileiro: um misto, com traços de Nome e Verbo, o que lhe confere possibilidade de ser argumento; outro puramente verbal, que ocorre em posições não argumentais. Quanto ao estatuto da preposição *de* em contextos de orações pré e pós-verbais e em *tough movement constructions*, defendemos que elas não aparentam carregar Caso (abstrato) e postulamos que elas têm a função de manifestar traços-*phi*, especialmente os de número. Essa hipótese se sustenta na argumentação de que os dados apontam para uma correlação entre o uso da preposição *de* e o tipo de expletivo nulo inserido como especificador em orações impessoais, de um lado, e a marcação de plural nas *tough movement constructions*, de outro lado. Também apontam para a possibilidade efetiva de a preposição funcional *de* manifestar traços-*phi* no português brasileiro, em contextos nos quais tal preposição ocorre aparentemente na posição de artigo ou de pronome – categorias que tipicamente manifestam traços-*phi* – não só em português brasileiro como também, numa análise comparativa, em francês e italiano.

Abstract

In this thesis, we discuss aspects related to the infinitive in contexts of pre and post verbal clauses and tough movement constructions, as well as the status of the preposition *de* in these clausal contexts. Thus this thesis has two objectives: to address infinitives and their classification within Grammar Theory, as well as to analyze the functional features of the preposition *de* in the aforementioned contexts. With respect to the first objective, i.e., the categorization of infinitives, we assume that it is a mixed category, as already described in other languages. In order to reinforce this hypothesis, we draw on the concept of *mixed categories* postulated by Panagiotidis (2015) and the syntactic characteristics the author describes for the sentences with mixed categories in languages in general. We argue that there are two types of infinitives in Brazilian Portuguese: the first one is mixed, with nominal and verbal features, and this enables it to be argument; the second one is purely verbal and occurs on non-argumental positions. With regard to the status of the preposition *de* in contexts of pre and post verbal clauses and tough movement constructions, we argue that it does not seem to bear (abstract) Case features. We postulate that it has a role in manifesting phi-features, particularly those of number. This hypothesis is reinforced in the face of the data pointing to a correlation, on one side, between the use of the preposition *de* and the type of null expletive inserted as specifier in impersonal sentences and, on the other side, the plural marking in tough movement construction. Besides they point to the evidence that the preposition *de* may manifest phi-features in Brazilian Portuguese in contexts in which the preposition seems to occur on article and pronoun positions – categories which typically manifest phi-features –, not only in Brazilian Portuguese, but also, within a comparative analysis, in French and Italian.

Sumário da Tese

CAPÍTULO 1. Introdução	7
1.1 A sintaxe do infinitivo e da oração infinitiva introduzida pela preposição <i>de</i>	7
1.2 Objetos da pesquisa.....	13
1.2.1 As orações infinitivas pré e pós-verbais.....	14
1.2.2 Tough constructions.....	18
1.3 Referencial teórico e metodológico.....	21
1.3.1 O programa gerativista.....	21
1.3.2 Metodologia do trabalho.....	22
1.4 Estrutura da Tese.....	23
CAPÍTULO 2. O estatuto categorial do infinitivo.....	25
2.1 A categorização de N e V	28
2.2 A distinção (universal) entre N e V	30
2.3 A universalidade dos traços N e V: desafios empíricos	34
2.4 Categorias mistas na visão de Panagiotidis (2015)	39
2.5 A proposta de <i>switches</i> Panagiotidis e breve análise para o português brasileiro.....	43
CAPÍTULO 3. Orações infinitivas pré e pós-verbais e uso da preposição <i>de</i>	48
3.1 O debate sobre o estatuto de orações infinitivas	49
3.1.1 Orações subjetivas como tópico	49
3.1.2 Orações subjetivas como sujeito	53
3.2 Orações infinitivas no português brasileiro	55
3.2.1 A proposta de Kato e Mioto (2000)	55
3.2.2 Discutindo a proposta de Kato e Mioto (2000)	62
3.3. Em direção a uma análise da relação entre a variação da preposição <i>de</i> em orações infinitivas e os contextos inacusativos	66
CAPÍTULO 4. O estatuto da preposição <i>de</i> nas <i>tough constructions</i>	75
4.1 Reestruturação.....	78

4.1.1 Evidência para a existência de <i>Voice</i> nas reestruturações	80
4.1.2 Propriedades do domínio de <i>Voice</i>	83
4.1.3 Tipos de reestruturação	84
4.2 Análise do português brasileiro à luz da proposta de Wurmbrand e Shimamura (2015).....	90
 CAPÍTULO 5. A preposição <i>de</i> como manifestadora de traços-phi.....	100
5.1 A variação de concordância no português brasileiro.....	101
5.2 A (não) concordância de número no francês.....	106
5.3 O <i>de</i> em francês e o artigo partitivo.....	110
5.3.1 O uso do artigo partitivo em francês em frases negativas.....	113
5.3.2 O uso de <i>pas</i> como palavra negativa em francês.....	114
5.4 Para uma análise do uso do artigo partitivo e da preposição <i>de</i> na negação com <i>pas</i>	115
5.4.1 Gramática 1.....	116
5.4.2 Gramática 2	123
5.5 O uso da preposição <i>de</i> como manifestadora de traços-phi no português brasileiro	126
5.6 Conclusão	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
ANEXO	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	144

CAPÍTULO 1

Introdução

Neste trabalho, discutimos, sob o referencial teórico da gramática gerativa (cf. CHOMSKY, 1957, 1981, 1986, 1995, 2004), a sintaxe das orações infinitivas introduzidas por preposição, em particular a preposição *de*, no português brasileiro (doravante PB), em três contextos específicos: (i) orações infinitivas na posição de sujeito; (ii) orações não finitas pré e pós-verbais em contextos inacusativos e (iii) *tough constructions*.¹ Para tanto, procedemos a uma discussão em relação à categorização da forma infinitiva, com o objetivo de trazer à tona o debate, profícuo e antigo, a respeito dos traços categoriais da forma infinitiva, bem como apresentamos os fundamentos teóricos e os dados empíricos que norteiam este trabalho e dão embasamento às teses nele propostas.

Este capítulo se divide em três seções: na primeira, discorremos sobre a sintaxe do infinitivo e da oração infinitiva introduzida pela preposição *de*; na segunda, apresentamos o objeto de estudo desta tese nos contextos de orações infinitivas pré e pós-verbais e de *tough constructions*; na terceira, registramos a estrutura da tese.

1.1 A sintaxe do infinitivo e da oração infinitiva introduzida pela preposição *de*

O infinitivo é uma forma que apresenta traços tanto verbais – por exemplo, a possibilidade de selecionar argumentos internos e externos –, bem como traços nominais – por exemplo, a possibilidade de funcionar como argumento. Particularmente, sob uma visão de língua em que as categorias Nome e Verbo têm suas especificidades bem definidas dentro do sistema da língua, restrito por regras de um sistema maior e universal, postulado básico da teoria gerativa, essas formas representam um desafio para a teoria, pois Verbo e Nome (V e N, respectivamente) são, na abordagem gerativista, categorias discretas e distintas (cf. ROBERTS, 2007). Assim, o estatuto categorial dessas formas tem levantado questionamentos relevantes para a teoria desenvolvida no âmbito da gramática gerativa.

¹ Optamos por não traduzir o termo *tough constructions*, que já está bastante difundido na literatura sob esse rótulo.

Outro aspecto interessante relacionado ao infinitivo – observável em diversas línguas – é o uso da preposição como introdutora de oração infinitiva, isto é, como conector entre o predicado da oração matriz e a forma infinitiva, nesse caso, com *locus* no predicado da oração encaixada, conforme demonstram os exemplos abaixo, em que os termos em negrito correspondem à preposição e os termos em itálico às formas infinitivas:²

- (1) a. I am happy [**to** *see* you]. (inglês)
 ‘Estou feliz de/em ver você.’
- b. Su interes [**en** *vestir* ropas de ninas] lo fue modificando. (espanhol)
 ‘O interesse dele de/em se vestir de menina foi transformando-o.’
- c. La sua fortuna deve consistere [**di** *avere* molti amici]. (italiano)
 ‘A sua fortuna deve consistir de/em ter muitos amigos.’
- d. Er hofft, sie morgen wieder-**[zu-]***sehen*]. (alemão)
 ‘Ele espera ver ela amanhã.’
- e. Jean a oublié [**de** *mettre* ses gants]. (francês)
 ‘Jean esqueceu de pôr suas luvas.’
- f. Aceastl perspectivl ne permite [**de a** *contempla* infinitul]. (romeno)
 ‘Essa perspectiva nos permite contemplar o infinitivo.’
- g. I appu attu innantis [**de** *Oorrare-s* tue]. (paulilatino, língua sarda)
 ‘Eu fiz (isso) antes de você voltar’

A relação entre preposição e infinitivo que se observa nos dados acima parece se dar pelas propriedades nominais que o infinitivo aparentemente apresenta, já que sintagmas nominais são complementos típicos de preposições, como em *casa de madeira, apaixonado por música*. Por esse motivo, a preposição tem sido considerada, embora não seja essa a hipótese que se formula neste trabalho, marcadora de Caso (abstrato) nesses ambientes de complementação infinitiva, conforme a Teoria do Caso, proposta inicialmente por Chomsky (1986) no âmbito da teoria de Princípios e Parâmetros, que concebe a gramática universal como um sistema de módulos, interligados pelos princípios de regência e de ligação. A Teoria do Caso é um desses módulos, articulando-se com outros, como, por exemplo, a Teoria Temática.

² Os dados foram obtidos com a colaboração de falantes nativos ou por meio de *sites* estrangeiros. O dado (1g) foi retirado de Manzini e Savoia (2011, p. 74).

A Teoria do Caso diz respeito à noção de Caso abstrato, a qual é relacionada, no nível formal, a como um sintagma nominal (doravante NP, do inglês, *Nominal Phrase*) é distribuído na estrutura da oração. Dessa forma, propõe-se que, para um NP ser acessível ao componente sintático, é preciso que ele seja marcado com algum tipo de Caso abstrato. Tal marcação distingue-se do caso morfológico, encontrado sistematicamente em línguas como o alemão, o latim, o grego, as quais apresentam morfologia para marcar as funções gramaticais na oração, isto é, nessas línguas é visível a morfologia do Caso.³

Por estabelecer relações entre categorias gramaticais e sua distribuição sintática, o Caso está diretamente relacionado à regência, isto é, à relação entre um núcleo e as categorias gramaticais dele dependentes, definida em termos de c-comando, noção estrutural formulada da seguinte maneira: “Um nóculo A c-comanda um nóculo B sse: (i) A não domina B; (ii) B não domina A; (iii) o primeiro nóculo ramificado que domina A também domina B” (CHOMSKY, 1995, p. 35).

Nesse quadro teórico, Chomsky (1986) propõe que a marcação de Caso ocorre nas seguintes projeções:

- (i) VP (do inglês, *Verbal Phrase*), associada ao Caso Acusativo.
- (ii) PP (do inglês *Prepositional Phrase*), associada ao Caso Oblíquo.
- (iii) IP (do inglês, *Inflectional Phrase*), associada ao Caso Nominativo.⁴

Em relação ao papel de V(erbo) e P(reposição) no licenciamento de seus NPs complementos, é intuitivamente previsível essa relação formal, diante da relação estrutural que mantêm na estrutura do VP e do PP, respectivamente. No entanto, em relação a I, a Teoria do Caso se baseia na relação com a concordância de sujeito, que permite estabelecer o contraste de gramaticalidade entre orações finitas e infinitivas em relação à presença do sujeito lexical, como ilustrado em (2), exemplos do inglês extraídos de Chomsky (1986, p. 186):

- (2) a. *I wonder to whom [John to give the book].
 ‘*Eu imagino para quem João dar o livro.’

³ Seguindo a tradição, grafamos com inicial maiúscula a para Caso quando se refere a Caso abstrato e com inicial minúscula para o caso morfológico.

⁴ Essa projeção é também referida como TP (do inglês, *Tense Phrase*), e é assim que nos referiremos a ela nos demais capítulos deste trabalho, especialmente com respeito à posição de sujeito, que consideramos ser SPEC, TP.

b. I wonder to whom [John is to give the book].

‘Eu imagino para quem João vai dar o livro.’

É interessante notar que, em alguns contextos, pode ocorrer a chamada marcação excepcional de Caso (ECM, do inglês, *Exceptional Case Marking*), em que a oração infinitiva tem um sujeito lexical licenciado por uma preposição introdutora da oração infinitiva ou pelo verbo da oração principal, manifestando-se, assim, com o Caso acusativo em inglês (*default* nessa língua, conforme os exemplos em (3), adaptados de Chomsky (1986, p. 186):

(3) a. For John/him to be the winner is unlikely.

‘João/ele ser o vencedor é incomum.’

b. I believe John/him to be the winner.

‘Eu acredito ser ele/o João o vencedor’

A relação entre o Caso nominativo e a categoria funcional I se confirma no português, com os dados do infinitivo flexionado, em que se verifica a possibilidade de inserir o sujeito lexical exatamente nos mesmos contextos, conforme os exemplos em (4):

(4) a. Nós sermos os campeões é improvável.

b. Lamento eles serem os campeões.

Essas constatações empíricas motivam a inclusão da posição de sujeito (SPEC, TP) na configuração de marcação de Caso, passando a definição de regência a ser formulada em termos de m-comando (e não de c-comando), o que significa considerar o nó máximo (não o primeiro nó ramificante) na relação de comando entre o núcleo regente e a categoria regida.

De acordo com Chomsky (1986), as categorias N(ome) e A(djetivo) apenas atribuem Caso, mas não o realizam. Para tanto, uma preposição funcional (chamada *dummy preposition*) é inserida como marca morfológica para a realização do Caso atribuído por essas categorias lexicais.

Decorre disso que as preposições podem ter conteúdo temático ou não. Ao primeiro grupo, dá-se o nome de preposições lexicais; ao segundo, de preposições gramaticais/funcionais ou *dummy*. Mais especificamente, a preposição pode ser lexical, manifestando propriedades como a capacidade de projetar uma estrutura argumental à

semelhança de N, A ou V, ou funcional, alinhando-se com categorias como I e D(eterminante), que não selecionam argumentos, apenas complementos.

Dessa maneira, por conta do pressuposto largamente aceito de que preposições funcionais são marcadoras de Caso, com base na Teoria do Caso, e de que o infinitivo é uma categoria que, embora se comporte em diversos contextos como verbo, tem características (traços) nominais, é que se fundamenta a ideia de que preposições introdutoras de oração infinitiva, particularmente a preposição *de*, objeto deste trabalho, sejam também marcadoras de Caso, como defendem Kato e Miotto (2000), Nunes (2008) e Moreno (2014), entre outros, já que apresentam características puramente funcionais, tais como a não capacidade de projetar grade argumental nem temática e o esvaziado conteúdo semântico a elas atribuído.

No entanto, Machado (2013) observa que a preposição introdutora de oração infinitiva se comporta de maneira distinta da preposição funcional *de* com NPs e DPs (do inglês, *Determiner Phrase*), como nos dados em (5), defendendo que as preposições introdutoras de oração infinitiva não são marcadoras de Caso (seguindo as propostas de Kayne (2000) e Salles (2007)). Para Machado (2013), a disparidade de comportamento em relação à flutuação entre as preposições funcionais que abaixo exemplificamos coloca em questão a análise da preposição como marcadora de Caso quando seguida de oração infinitiva:

- (5) a. Daniel está surpreso [com/*de/*em a festa].
b. Daniel está surpreso [em/de/?com (você_{SPEC, TP}) estar aqui].⁵
c. Lucas ficou feliz [com/*de/*em/ a surpresa].
d. Lucas ficou feliz [de/em/com (o João_{SPEC, TP}) ter chegado cedo na aula].
e. Martina tem receio [de/*em uma possível discriminação].
f. Martina tem receio [de/em (a Gabriela_{SPEC, TP}) ser discriminada].

Conforme observamos nos dados, os contextos de preposição *de* diante de sintagmas determinantes (cf. (5a), (5c), (5e)) não licenciam a flutuação da preposição, enquanto os contextos de oração infinitiva (cf. (5b), (5d), (5f)) permitem a flutuação da preposição *de*, o que se dá quase sempre com a preposição *em* e, em alguns casos, também com a preposição *com*.

⁵ Destacamos que é interessante observar que a preposição *com* como introdutora de oração infinitiva aparenta ter mais aceitabilidade em construções em que o sujeito da oração infinitiva está lexicalizado, conforme demonstram os exemplos (5b)-(5c). Além disso, ela parece estar ainda em processo de gramaticalização, já que ocorre apenas em contextos em que o verbo da oração matriz seleciona a preposição *com* na sua contraparte de complemento relativo, diferentemente do que ocorre com as preposições *de* e *em*, aparentemente gramaticalizadas por completo em ambientes de complementação infinitiva.

Paralelamente à disparidade em relação à flutuação das preposições funcionais, Machado (2013) observa que o infinitivo, em ambientes de oração encaixada/complementação, tem comportamento típico de verbos, isto é, pode selecionar argumento interno (6a), pode projetar argumento externo e/ou sujeito e tem flexão de número e pessoa (6b) e adicionamos o fato de ser possível a adjunção de advérbios (6c):

- (6) a. João se arrependeu [de/em beijar [aquela garota_{ARG INT}]].
b. Eu estou feliz [de/?em/com [o Daniel_{SUJ}/nós_{SUJ} ter/termos chegado]].
c. O Ângelo está preocupado [de/em/com ter que acordar [cedo_{ADV} [amanhã_{ADV}]]].

Ademais, quando o infinitivo em posição encaixada é antecedido de D, o que se espera é que a forma não finita se comporte como Nome (ou categoria nominalizada) e não apresente flutuação da preposição, expectativa confirmada pelos dados a seguir:

- (7) a. Estou chateado [por/em/de/com ter que reclamar de tudo].
b. Estou chateado [com o/*do/*no seu reclamar de tudo].
- (8) a. Tenho gosto [em/de/por andar à noite].⁶
b. Tenho gosto [pelo/*do/?no seu andar].
c. Tenho gosto [por/*de/*em você].

Os dados acima, assim, sugerem que o estatuto da preposição funcional introdutora de oração infinitiva sem D lexical é diferente daquele da preposição funcional tipicamente marcadora de Caso, como em *casa de madeira*, *apaixonado por música*, daí a pergunta: por que não observamos um comportamento uniforme?

A versão de Princípios e Parâmetros tem no Programa Minimalista (cf. CHOMSKY, 1995, 2004) um refinamento no tocante à descrição dos sistemas linguísticos. Esse programa rompe com várias postulações da versão de Princípios e Parâmetros referida como Teoria da Regência e Ligação. Em particular, elimina as noções de estrutura superficial, estrutura profunda, atribuição/marcação de Caso, entre outras, objetivando descrições estruturais mais econômicas, a serem interpretadas nas interfaces conceitual-intencional e

⁶ Nesta tese, usamos exemplos com as preposições *por*, *em*, *com*, *para* no sentido de demonstrar algumas flutuações que tais preposições permitem com a preposição *de*, objeto deste trabalho. Entretanto, não nos aprofundaremos na discussão e no uso específico de tais preposições.

articulatório-perceptual, que correspondem às representações de som e de significado. As descrições estruturais são definidas em termos de traços introduzidos na derivação, os quais podem ser formais, semânticos ou fonéticos. Os itens lexicais carregam tais traços e articulam-se para formar expressões linguísticas complexas. Dessa maneira, o Programa Minimalista, modelo que adotamos para o desenvolvimento deste trabalho, busca utilizar uma tecnologia que dê conta da descrição e da explicação dos fatos sobre as línguas naturais com base em motivações conceituais e empíricas bem definidas.

Com base nos dados acima e na argumentação encontrada em Machado (2013), juntamente com os dados empíricos analisados neste trabalho, propomos, como hipótese inicial, que a preposição *de* em ambientes de oração infinitiva encaixada não carrega traços de Caso. A partir dessa proposta é que segue toda a argumentação delineada neste trabalho.

1.2 Objetos da pesquisa

Nos três contextos de oração infinitiva objetos deste trabalho, a saber, as orações não finitas pós-verbais em contextos inacusativos (9), orações pré-verbais em posição de sujeito (10) e as *tough constructions* (11) e (12), a preposição *de*, a qual aparece nos contextos em (9) e (11, 12) não tem aparente correlação com marcação de Caso.

- (9) a. É fácil [(de) viver aqui].
b. Não me surpreendeu [(de) ver vocês na festa].
c. Aconteceu [*(de) ser assim dessa maneira].
d. Me admirou [(d)ele saber tanto].
e. Não me ocorreu [(de) ter que comprar o material hoje].
f. Agrada demais [(de) ver as crianças sorrindo].
g. Não convém [(d)ele aparecer lá amanhã].
h. Urge [(d)ela ficar mais atenta].

- (10) a. [Ser homem] é fácil.
b. [Correr] faz bem à saúde.
c. [Comer muito] faz mal.
d. [Falar demais] cansa.

- e. [Ser adulto] é legal!
- f. [Viver] é uma arte.
- g. [Trabalhar pouco] não cansa.
- h. [Viajar todos os meses] não estressa.

- (11) a. O Daniel é [fácil (de) enganar].
 b. O Daniel e o Lucas são [fáceis */?(de) enganar].
- (12) a. Esse bolo é [chato (de) fazer].
 b. Esse bolo e essa torta são [chatos */?(de) fazer].

Em (9), temos exemplos de orações não finitas na posição pós-verbal em contextos inacusativos, em que existe flutuação da preposição, sendo possível o seu apagamento. Em (10), temos exemplos de orações não finitas na posição pré-verbal, que defendemos ser a de sujeito. Em (11) e (12), temos exemplos de *tough constructions*, estruturas em que os sujeitos, respectivamente [O Daniel] e [Esse bolo] têm interpretação lógica de objeto da oração infinitiva encaixada, havendo também a possibilidade de apagamento da preposição nos contextos de sujeito simples (sentenças a) e restrições nos contextos de sujeito plural (sentenças b).

Nas próximas subseções, trazemos os argumentos que dão suporte para a hipótese de que a preposição não marca Caso nos exemplos (9), (11) e (12). A intenção é subsidiar o leitor em relação às hipóteses a respeito do valor da preposição *de* nos contextos acima, que serão formuladas nos próximos capítulos.

1.2.1 As orações infinitivas pré e pós-verbais

Muitos trabalhos no âmbito da teoria gerativa (cf. ROSENBAUM, 1967; EMONDS, 1976; KOSTER, 1978; DELAHAUNTY, 1983; STOWELL, 1981; POSTAL, 1998) vêm debatendo a existência ou não de sujeitos oracionais, mais especificamente no inglês. Em particular, para o português, Kato e Mito (2000) defendem a existência de orações na posição de sujeito, com base em testes de ilha, que serão abordados de forma mais profunda em outro capítulo, bem como discutem o aspecto nominal que o infinitivo carrega, especificamente a possibilidade de funcionar como argumento, no caso, sujeito (cf. dados (10) na seção anterior).

Nesse momento da discussão, defendemos que o infinitivo carrega traços mistos de N e V, seguindo Panagiotidis (2015), pois tal análise explica a possibilidade de existirem casos em que o infinitivo exerce função argumental – característica típica de N –, mas, ainda assim, projeta argumento interno – traço típico de V.

A discussão relacionada aos verbos inacusativos surgiu a partir da constatação de que os verbos intransitivos não formam uma classe homogênea, dividindo-se em inergativos e inacusativos. Os estudos iniciais a respeito da classe dos verbos inacusativos se deram em Chomsky (1981) e Perlmutter (1982) e, para o português, tiveram tratamento em muitos trabalhos, como Eliseu (1984), Franchi, Viotti e Negrão (1988), Galves (1993), Duarte (2003), entre outros. O grupo dos verbos inergativos, segundo a teoria, é formado por verbos prototipicamente intransitivos, isto é, que não apresentam complemento e apenas projetam argumento externo, como *cantar*, *telefonar*, *cuspir*, *tossir*, e o grupo dos inacusativos, por verbos que não projetam argumento externo, mas apenas o argumento interno, sendo o sujeito desses verbos o objeto lógico verbal, como *acontecer*, *aparecer*, *vir*, *sair*.

A diferença estrutural entre verbos inergativos e inacusativos é constatada por meio de testes que demonstram que o comportamento do argumento interno dos verbos inacusativos é semelhante ao dos verbos transitivos, bem como pelo fato de que o argumento interno de tais verbos pode se apresentar na posição pós-verbal e ser antecedido de pronomes expletivos (nulos, por hipótese, ou lexicais) na posição de sujeito (por hipótese, SPEC, TP). Salientamos que se propõe que a inacusatividade é um traço linguístico universal e pode ser encontrada em outras línguas:

- | | |
|---|-------------|
| (13) a. [There] arrived [some men]. | (inglês) |
| EXPL chegou alguns homens. | |
| ‘Chegou/chegaram os homens.’ | |
| b. [Il] y ha quatre personnes différentes]. | (francês) |
| EXPL LOC haver quatro pessoas diferentes. | |
| ‘Há quatro pessoas diferentes.’ | |
| c. [Ø] Foi [todo mundo] embora. | (português) |
| d. [Ø] Chegou/chegaram as cartas hoje. | (português) |

Analisamos, neste trabalho, a existência de orações infinitivas na posição pós-verbal, em contextos inacusativos como os ilustrados acima. Demonstramos que essas orações

podem ocorrer licenciadas pela preposição *de* no português brasileiro ou aparecer sem a preposição, conforme demonstram os exemplos em (9), retomados em (14):

- (14) a. É fácil [(de) viver aqui].
b. Não me surpreendeu [(de) ver vocês na festa].
c. Aconteceu [*(de) ser assim dessa maneira].
d. Me admirou [(d)ele saber tanto].
e. Não me ocorreu [(de) ter que comprar o material hoje].
f. Agrada demais [(de) ver as crianças sorrindo].⁷
g. Não convém [(d)ele aparecer lá amanhã].
h. Urge [(d)ela estar mais atenta].

Embora apareçam quase sempre numa posição não canônica de sujeitos nominais em português, a posição pós-verbal, tais orações são denominadas orações subjetivas pela gramática tradicional (cf. CUNHA e CINTRA, 2001), pois têm aparente função de sujeito, como ilustra a possibilidade de substituição por um pronome substantivo do tipo *isso* nos dados abaixo:

- (15) a. É fácil (de) viver aqui.
É fácil isso.
Isso_{SUJ} é fácil.
b. Não me surpreendeu [(de) ver vocês na festa].
Não me surpreendeu isso.
Isso_{SUJ} não me surpreendeu.
c. Aconteceu [?(de) ser assim dessa maneira].
Aconteceu isso.
Isso_{SUJ} aconteceu.
d. Me admirou [(d)ele saber tanto].
Me admirou isso.
Isso_{SUJ} me admirou.

⁷ Seguimos Campos e Xavier (1991), para quem verbos psicológicos se incluem no grupo de inacusativos.

e. Não me ocorreu [(de) ter que comprar o material hoje].

Não me ocorreu isso.

Isso_{SUJ} não me ocorreu.

f. Agrada demais [(de) ver as crianças sorrindo].

Agrada demais isso.

Isso_{SUJ} agrada demais.

g. Não convém [(d) ele aparecer lá amanhã].

Não convém isso.

Isso_{SUJ} não convém.

h. Urge [(d)ela estar mais atenta].

Urge isso.

Isso_{SUJ} urge.

Portanto, as orações infinitivas acima são aparentemente argumentais, isto é, se comportam como argumento quanto à possibilidade de pronominalização e pelo fato de essas orações poderem estar na posição de SPEC, TP da oração matriz, *locus* do sujeito. No entanto, elas podem aparecer em posição pós-verbal, como mencionado nas linhas anteriores, sendo essa a ordem não marcada (cf. KATO e MIOTO, 2000), também possível com DPs em contextos inacusativos, como nos exemplos a seguir:

(16) a. Chegaram/chegou os livros ontem.

Os livros chegaram ontem.

b. Caiu todo mundo da plateia.

Todo mundo caiu da plateia.

c. Não morreu ninguém no tiroteio.

Ninguém morreu no tiroteio.

d. Nasceu o bebê da Maria.

O bebê da Maria nasceu.

e. Já foram/foi duas pessoas embora.

Duas pessoas já foram embora.

f. Quebrou a janela.

A janela quebrou.

h. Ficou muita gente aqui ontem à noite.

Muita gente ficou aqui ontem à noite.

Como se pode observar acima, há semelhança de comportamento entre as orações infinitivas em (15) e os dados em (16), pois, em ambos os casos, os contextos são inacusativos e o sintagma que aparece na posição de sujeito em (16) também pode ocorrer na posição pós-verbal, como nas orações em (15). Dessa forma, este trabalho se baseia na premissa de que são duas manifestações do mesmo fenômeno a variação de concordância que se apresenta com orações simples inacusativas como em (16a) e (16e), por exemplo, e a opcionalidade do uso da preposição *de* em contextos não finitos inacusativos, como em (15a) e (15b).

1.2.2 *Tough constructions*

Os dados (11) e (12), repetidos abaixo como (17) e (18), representam as chamadas *tough constructions* (cf. CHOMSKY, 1977, 1981; BAYER, 1990; HORNSTEIN, 2001; WURMBRAND, 2001; HICKS, 2003; ANDERSON, 2005; OLIVEIRA, 2010). Tal denominação se refere a estruturas em que o sujeito (derivado/sintático) é, intuitiva e logicamente, o argumento interno da oração infinitiva encaixada.⁸ Em relação a (17a), a leitura é de que *É fácil enganar [o Daniel]* e, para (17a), a de que *É chato fazer [o bolo]*.

- (17) a. O Daniel é fácil (de) enganar.
b. O Daniel e o Lucas são fáceis *(de) enganar.
- (18) a. Esse bolo é chato (de) fazer.
b. Esse bolo e essa torta são chatos *(de) fazer.

Conforme argumenta Oliveira (2010, p. 106), as análises da “estrutura das sentenças com predicado *tough* (...) têm sido baseadas ou na geração de um elemento nulo na posição que se vê vazia posterior ao verbo da oração mais encaixada (CHOMSKY, 1977, 1981; HICKS, 2003, entre outros) ou no alçamento do DP desde a posição pós-verbal do predicado encaixado até o especificador do TP da matriz (e.g. BAYER, 1990 e HORNSTEIN, 2001)”.

⁸ Em português brasileiro, existe outro tipo de *tough constructions*, em que o sujeito da oração matriz é interpretado como agente do verbo da oração encaixada, como em *João é difícil de pagar*, cuja leitura pode ser a de que *João quase nunca paga (as pessoas)*. Não nos atemos a esse fenômeno neste momento, pois vamos discuti-lo adiante.

Voltando aos dados em (17) e (18), depreende-se desses exemplos que existe uma relação entre a ocorrência do verbo da oração matriz no plural e a obrigatoriedade de uso da preposição *de* (cf. (17b) e (18b)). Esse fato sugere uma possível correlação entre o uso obrigatório da preposição e a concordância entre o predicado da oração encaixada e o predicado da oração matriz.

Podemos, ainda, substituir a forma infinitiva encaixada das *tough constructions* pela forma analítica da voz passiva, a saber, auxiliar + particípio, a fim de identificar a vinculação original do elemento em posição de sujeito da oração matriz e a posição de complemento do verbo infinitivo, conforme demonstram os exemplos em (19) e (20):⁹

- (19) a. O bolo é difícil (de) fazer/ (de) ser feito.
b. O Daniel é fácil (de) enganar/ (de) ser enganado.
c. O bolo e a tortas são difíceis *(de) enganar/*(de) serem feitas.
d. O Daniel e o Lucas são difíceis *(de) enganar /*(de) serem enganados.
- (20) a. O Raul é difícil (de) pegar/ (de) ser pego.
b. Nossa amizade vai ser tranquila (de) reatar/ (de) ser reatada.
c. O Raul e o Murilo são difíceis *(de) pegar/ serem pegos.
d. Nossa amizade e confiança vão ser tranquilos *(de) reatar/ *(de) serem reatados.

Quanto à hipótese de uma preposição marcadora de Caso nesses contextos, é imperioso observar que o infinitivo nas *tough constructions* carrega traços de verbo, quais sejam:

- (i) projeção de argumento externo/sujeito:¹⁰ *Esse bolo é fácil [qualquer um] fazer*;
(ii) existência de argumento interno (lógico), embora ele esteja na posição de sujeito da oração matriz: *Esse bolo_i é fácil de fazer [esse bolo_i]*;
(iii) possibilidade de adjunção de advérbios/expressões adverbiais: *Esse bolo é fácil de fazer [diariamente]*.

⁹ Para esses exemplos, entendemos que a leitura dos sintagmas pré-verbais é de sujeito, não tópico, isto é, com pausa entre o nome e o verbo.

¹⁰ As *tough constructions* em PB apresentam o seu argumento externo como DPs genéricos ou indeterminados na interpretação em que o sujeito é objeto lógico do infinitivo encaixado.

Dessa forma, como se vê a partir das observações acima, a oração infinitiva em *tough constructions* carrega traços tipicamente verbais, o que, em tese, dispensa a necessidade de Caso. Ademais, convém observar que a preposição nas *tough constructions* pode ser omitida quando o verbo da oração matriz está no singular, comportamento não esperado para a preposição marcadora de Caso, já que, conforme demonstram os exemplos em (21), tais preposições não são passíveis de omissão em contextos conhecidos como de marcação de Caso (cf. CHOMSKY, 1988; OUHALLA, 1994; NUNES, 2008; entre outros):

- (21) a. A casa *(de) madeira está logo ali.
b. O pé *(do) Daniel está machucado.
c. O aparelho *(da) academia está quebrado.

Quanto ao uso (mais) obrigatório da preposição nas *tough constructions* no caso de o verbo da oração matriz estar no plural, formulamos a hipótese de que a preposição está relacionada aos traços-*phi* da oração matriz, fenômeno que chamamos preliminarmente de concordância dupla, seguindo Wurmbrand e Shimamura (2015). Isto é, os traços-*phi* da oração matriz, além de estarem presentes morfologicamente tanto no DP que se encontra em SPEC, TP quanto na oração infinitiva, aparecem, pela tese aqui defendida, manifestados pela preposição *de* nas *tough constructions*. Tal conclusão, reafirmamos, corrobora a hipótese por nós formulada de que a preposição *de* não marca Caso nesses ambientes sintáticos.

Outro desafio para a análise de preposição como marcadora de Caso em *tough constructions*, como discutido nas linhas anteriores, está no fato de que a *tough construction* não aparenta estar numa posição argumental, o que dispensa a necessidade de marcação de Caso. Observem-se os testes de constituição para complemento verbal abaixo:

- (22) a. Eu gosto [de maçã].
b. [Do que] eu gosto?
c. O Daniel é difícil [(de) enganar].
d. [*De/do que] o Daniel é difícil?

- (23) a. Eu tenho medo [de ficar no escuro/do cachorro].
b. Eu tenho medo [disso/dele].
c. O bolo é fácil [(de) fazer].
d. O bolo é fácil [*disso/dele].

Dessa forma, e tendo em mente as análises acima, defendemos que a preposição *de* das *tough constructions* não marca Caso e está relacionada à manifestação da concordância dos traços-*phi* entre a oração matriz e a oração encaixada.

Isso posto, no decorrer deste trabalho, nos aprofundaremos em relação à análise delineada acima, com o intuito de demonstrar que as *tough constructions* em português brasileiro são, na verdade, orações de movimento longo de objeto (do inglês, *long object movement*), numa construção de reestruturação de *matching voices* (cf. WURMBRAND e SHIMAMURA, 2015), hipótese que explica o problema relacionado à opcionalidade/obrigatoriedade da preposição *de* nesses contextos.

1.3 Referencial Teórico e Metodológico

1.3.1 O programa gerativista

Este trabalho tem como pressuposto teórico o programa gerativista formulado por Chomsky (1965). Esse programa, comumente chamado de gerativismo, revolucionou a maneira de se pensar a língua, no sentido de que foi de encontro ao pensamento vigente da época em relação a como os indivíduos adquirem sua língua. A língua, até então vista como um produto social, isto é, que surge pela interação social, teve em Chomsky (1965) um tratamento oposto. Para Chomsky (1965), há uma parte do cérebro destinada à linguagem, tanto quanto um gene específico para a aquisição linguística.

Essa ideia tomou forma na versão Princípios e Parâmetros do programa gerativista formulada por Chomsky (1986). Para o linguista, haveria uma gramática universal na mente de todo ser humano, com princípios que regessem todas as línguas e que licenciasses a existência destas, ou proibisse todas elas de terem alguns aspectos definidos como impossíveis em qualquer língua. A forma como cada língua se apresenta, a partir dos princípios, é chamada *parâmetro*.

A versão de Princípios e Parâmetros tem no programa minimalista o seu refinamento e abordagem mais modernos no tocante à descrição dos sistemas linguísticos. Este programa, também chamado de *minimalismo*, rompeu com várias postulações da versão Princípios e Parâmetros de Chomsky (1986), como as noções de estrutura superficial, estrutura profunda, atribuição de Caso, entre outras.

Dessa forma, o programa tem como meta compreender a faculdade de linguagem, postulada em Chomsky (1986) como sendo a capacidade inata que todo ser humano tem de falar línguas, na interação com as interfaces conceptual-intencional e articulatório-perceptual.

De acordo com Chomsky (1995), a linguagem tem traços de som e de significado – que podem ser formais, semânticos ou fonéticos –, itens lexicais que carregam tais traços e expressões linguísticas complexas. A linguagem é vista, no âmbito desse programa, como a interação do léxico com sistemas de operações que trabalham com os traços (formais, semânticos ou fonéticos) lexicais para formar expressões ou sentenças linguísticas.

Duas outras operações são fundamentais para o sistema operacional, quais sejam, *Select* e *Merge*. Essas operações consistem em selecionar um item lexical e juntá-lo a outro item lexical a fim de formar um sintagma ou uma expressão linguística. Esses itens estão dispostos numa *Numeração*. Dessa maneira é que se satisfaz a operação básica do sistema computacional postulado em Chomsky (1995) para o programa minimalista.

Com efeito, nesta tese de Doutorado, utilizamos a tecnologia do programa minimalista junto com as noções clássicas da Teoria de Princípios e Parâmetros/Teoria do Caso a fim de melhor determinar os traços da preposição funcional *de*, assim como a classificação do infinitivo, partindo da premissa de que o caráter dessa última categoria é, em diversos contextos, nominal e verbal no português brasileiro.

1.3.2 Metodologia do trabalho

Em Chomsky (1965), já se faz ascender a questão da agramaticalidade como importante ferramenta para a descrição e explicação linguística. Esse método de análise é conhecido como *método negativo*.

Nesta tese de Doutorado, usamos o método negativo e introspectivo para a análise. Entretanto, como argumenta Maia (2012), a introspecção ou conhecimento inato do falante tem sido auxílio para o começo da pesquisa em outros campos linguísticos, não só gerativistas. O questionamento reside no fato de se, além de ser um ponto de partida, deva também ser ponto de chegada.

Para minimizar esses problemas, propomos neste trabalho a análise introspectiva de diversos falantes – consultados de maneira informal – para os dados do português brasileiro e, para o julgamento de gramaticalidade das sentenças em francês, usamos um questionário a ser respondido por 30 falantes nativos, a fim de contrastar as aceitabilidades

desses falantes em relação aos dados com aquelas encontradas comumente em livros didáticos.

Ademais, utilizaremos como método de análise o estudo de construções similares em línguas românicas e no inglês com o objetivo de confrontar o resultado obtido com os dados do português.

A metodologia do trabalho, portanto, terá o viés introspectivo para averiguar as tendências e usos gerais da língua e terá como base os julgamentos de falantes nativos de língua francesa obtidos por meio de um questionário proposto com 57 frases.

1.4 Estrutura da tese

A estrutura desta tese de Doutorado é a seguinte: nesta Introdução, apresentamos a discussão a respeito da existência de orações infinitivas subjetivas, classificação própria dada pela tradição gramatical a orações não finitas que ocorrem numa aparente posição de sujeito sintático pré-verbal. Defendemos que é importante discutir a possibilidade de orações não finitas ocuparem a posição de sujeito no PB, já que é uma discussão interessante para este trabalho, no que se refere aos contextos inacusativos que pretendemos analisar após a discussão. Ainda neste capítulo, discutimos brevemente os objetos de pesquisa desta tese, a saber, as orações infinitivas pré e pós-verbais e as *tough movement constructions*. Apresentamos o problema e os traços gerais que delinearemos para formular as hipóteses norteadores desta tese. Ademais, apresentamos o referencial teórico e metodológico utilizado.

No capítulo 2, discutimos o estatuto categorial do infinitivo no âmbito da teoria gerativa e definimos a abordagem teórica que pretendemos adotar para dar conta de um dos dados a serem analisados neste trabalho, qual seja, a proposta de categorias mistas tal como postulado em Panagiotidis (2015) em relação às orações pré e pós-verbais.

No capítulo 3, tratamos da questão concernente às chamadas orações infinitivas pré e pós-verbais, no intuito de contribuir para a discussão a respeito do estatuto sintático de tais constituintes oracionais. Ademais, apresentamos os dados do português relacionados a essa discussão, assim como as hipóteses formuladas, embasadoras da tese que será defendida, e discutimos um dos objetos deste trabalho, as orações não finitas pós-verbais em contextos inacusativos. Nesse capítulo, incluímos tanto as orações pré-verbais quanto as pós-verbais, por defendermos estarem ambas em posições argumentais e pelo fato de conseguirmos explicar os problemas daí decorrentes com base na proposta de Panagiotidis (2015) de

categorias mistas. Ademais, discutimos o estatuto da preposição *de* nos casos de oração pós-verbais não finitas.

No capítulo 4, apresentamos hipóteses sobre as *tough constructions*, apontando as perspectivas de análise que pretendemos implementar para essas construções. Escolhemos um capítulo à parte para essas orações pelo fato de elas se diferenciarem das orações infinitivas pré e pós-verbais no que concerne à possibilidade de serem argumentos, não apresentando, assim, traços de nomes, tão somente os de verbo. Além disso, discutimos o estatuto da preposição *de* nesses contextos.

No capítulo 5, a partir das discussões desenvolvidas nos capítulos anteriores, tratamos unicamente da preposição *de* em contextos independentes daqueles tratados nos capítulos 3 e 4. O objetivo desse capítulo é discutir casos em que a preposição *de* funciona como manifestadora de traços-phi, segundo a proposta que defendemos, corroborando as análises dos capítulos anteriores. Ademais, buscamos relacionar a existência da preposição *de* como manifestadora de traços-phi à concordância nominal e verbal variável em português brasileiro. Para tanto, fazemos uma comparação entre o francês e o português brasileiro quanto ao uso da preposição *de* como manifestadora de traços-phi e em relação a como se dá a concordância nominal e verbal nessas línguas.

Por fim, na conclusão, apresentamos questões a serem levantadas em trabalhos futuros, bem como análises outras, embora embrionárias, a respeito dos casos discutidos nesta tese.

CAPÍTULO 2

Estatuto categorial do infinitivo

Neste capítulo, discutimos o estatuto categorial do infinitivo, particularmente em relação aos traços mistos dessa categoria, isto é, o fato de ela apresentar características verbais típicas, como, por exemplo, a capacidade de projetar argumento interno, argumento externo e/ou sujeito, estar acompanhado de adjuntos adverbiais, carregar flexões típicas de verbo, como o traço de pessoa, e características tipicamente nominais, como a possibilidade de denotar referência e ser argumento na estrutura oracional. Tomamos, como ponto de partida, duas generalizações a respeito das categorias N e V, as quais discutimos mais profundamente nas próximas seções:

- (i) Argumentos são Nomes (PANAGIOTIDIS, 2015);
- (ii) Verbos são licenciadores de sujeito (BAKER, 2003) e checam o Caso acusativo dos seus argumentos internos (CHOMSKY, 2004).

Para ilustrar o problema do estatuto categorial do infinitivo, listamos a seguir, de forma não exaustiva, os contextos em que a forma infinitiva aparece no português brasileiro, com o objetivo de apresentar a discussão com exemplos empíricos desse comportamento misto. Confiram-se os dados:

- (1) a [Andar] me faz bem.
- b. [O andar dela] me incomoda.
- c. [Comer besteira] nos incomoda .
- d. [Maria comer muita besteira] nos incomoda.
- e. [Correr e nadar] me faz(em) bem.
- f. [Comer macarrão e beber cerveja] te alegra(m).
- g. Me faz (?fazem) bem [correr e nadar].
- h. Me traz (?trazem) saúde [malhar e andar].
- i. Estou surpreso [em/de ver você aqui].
- j. Daniel foi ali [para comer].

- k. [Dançar] é [viver].
- l. [Dançar] é [botar tudo para fora].
- m. É fácil [de fazer isso].
- n. Isso é fácil [de fazer].

Em (1a), *Andar* ocupa a posição de SPEC, TP da oração matriz, posição argumental relacionada ao sujeito. Por esse motivo, a forma infinitiva carrega traços de N, pois funciona como argumento, conforme apresentado em (i). A lexicalização da categoria D, associada a N, nem sempre torna a sentença gramatical em alguns contextos: *?O andar me faz bem; ?Esse andar me faz bem*. Todavia, é quase sempre possível nos contextos em que esse elemento denota posse, quer seja por um pronome possessivo, como em *Meu andar parece com o de um astronauta* e *Seu andar é estranho*, quer seja por um PP adjunto, como em (1b). É interessante observar que o constituinte preposicionado ocorre somente quando está lexicalizada a posição de D antes do infinitivo (cf. **Andar dela me incomoda*, **Andar de André é feio*), o que sugere, em análise preliminar, haver uma relação de dependência entre o constituinte preposicionado e o núcleo de DP em contextos de oração infinitiva na posição SPEC, TP, em português brasileiro, de tal forma que um D possessivo pode ser lexicalizado porque esse tipo de pronome carrega um PP adjunto implícito (seu andar =o andar dele).

Em (1c), temos, novamente, a forma infinitiva na posição de SPEC, TP da oração matriz, portanto, é nominal. Entretanto, a forma infinitiva apresenta um argumento interno, o que tem como consequência analisá-la também como tendo traço verbal, já que a possibilidade de projeção de argumento interno e a consequente marcação de Caso acusativo é característica típica de verbos, conforme apresentado em (ii). É possível, ainda, a inserção de um advérbio com a possibilidade de leitura orientada para o sujeito *Comer besteira deliberadamente nos incomoda*, que pode ser lexicalizado na posição de Spec, TP da oração infinitiva, conforme demonstra o exemplo (1d), em que a grade argumental da forma infinitiva está completa, isto é, contempla o argumento interno e o argumento externo. Nesses casos, observamos que a lexicalização da camada D torna as sentenças agramaticais, ou com uma leitura forçada/artificial, **O comer besteira nos incomoda*, **O Maria comer besteira nos incomoda*; **Meu comer besteira te incomoda*. Observamos também que o infinitivo admite flexão: *Comermos besteira nos deixa felizes*, *Comerem besteira nos deixa felizes*. No entanto, D lexicalizado **O comermos besteira nos deixa felizes*, **O comerem besteira nos deixa*

felizes, torna as sentenças agramaticais, ou com leitura forçada/artificial.¹¹ Dessa maneira, os exemplos (1c) e (1d) apresentam aspecto misto relacionado à forma infinitiva, já que, conforme argumentado anteriormente, ocupam posição argumental, a de sujeito, e exibem grade argumental (argumento externo e interno), bem como podem apresentar morfologia verbal.

Em (1e), existem duas formas infinitivas coordenadas na posição de SPEC, TP da oração matriz, e tais formas podem ocorrer com argumento interno (cf. (1f)), o que evidencia o traço verbal desses infinitivos nesse contexto. É interessante observar que, em (1e), a concordância é optativa. Isso pode ser explicado, por hipótese, pelo aspecto misto das formas infinitivas nesses contextos, o que torna fraco o traço de concordância. Já em (1g)-(1h), a expressão do verbo da oração matriz no singular parece ser mais aceita que a leitura com o verbo no plural, o que pode ser explicado pelo fato de as inversões do tipo VS serem típicas de contextos bem definidos, como aqueles em que há foco identificacional (cf. PILATI 2006), nos quais os constituintes pós-verbais tendem a não acionar a concordância em português brasileiro. Vale ressaltar, ainda, que é possível a substituição das formas não finitas em (1e), (1g) e (1h) por nomes: *Corrida e natação me fazem bem*, *Me faz/fazem bem corrida e natação*; *Me traz/trazem saúde malhação e caminhada*.

Em (1i), a forma infinitiva é antecedita de uma preposição comumente denominada complementadora (cf. SALLES, 2007), que tem sido interpretada como marcadora de Caso (cf. NUNES, 2008), em decorrência do seu estatuto de preposição *dummy* (cf. discussão na Introdução). No entanto, embora o estatuto nominal do infinitivo nesses contextos seja explícito, na medida em que funciona como complemento do verbo da oração matriz, a postulação de marcador de Caso para a preposição *dummy* complementadora não explica nem contempla o fato de o infinitivo se comportar como verbo também nessas estruturas (cf. capítulo 1), ficando tais análises incompletas em relação a esse traço misto que o infinitivo, nesse contexto, apresenta.

Em (1j), a forma infinitiva ocorre como adjunto da oração matriz. Carrega traços explicitamente verbais, pois apresenta sujeito controlado *O Daniel foi ali para PRO comer* e objeto nulo *O Daniel foi ali para comer Ø/(algo)*, também sendo possível a análise como verbo intransitivo (cf. PERINI, 1995). Em (1k)-(1l), a forma infinitiva pré-copular funciona

¹¹ É interessante rememorar a canção “O Quereres” de Caetano Veloso, em que o autor utiliza construções, de forma flagrantemente literária, nas quais ocorre a lexicalização do D diante do infinitivo flexionado: “O quereres e o estares sempre a fim”. No entanto, defendemos que esse uso é de extrema poeticidade e não soa gramatical na gramática do português brasileiro usada cotidianamente.

como sujeito e a pós-copular como predicativo do sujeito. Também em ambas, os traços de nome e verbo são explícitos, sendo, assim, a forma infinitiva, nesses contextos, mista. Em (1m), temos um exemplo de oração em que o uso da preposição na oração encaixada é opcional. Não sendo *fácil* um adjetivo transitivo, torna-se frizado determinar que a estrutura não finita é argumental, conforme os argumentos trazidos em linhas anteriores. E, em (1n), tem-se uma *tough construction*, cujo aspecto misto da forma não finita foi discutido no capítulo 1.

Uma vez demonstrado que o infinitivo é uma categoria prototipicamente mista em português brasileiro, compartilhando propriedades de N e de V, baseamo-nos na análise de Panagiotidis (2015) para categorias mistas (entre as quais o autor inclui o gerúndio e o particípio, os quais não discutiremos nesta tese) para desenvolvermos a nossa proposta.¹²

2.1 A categorização de N e V

Como observado nos exemplos discutidos anteriormente, as formas infinitivas apresentam características tanto nominais quanto verbais, com base naquilo que Baker (2003) e Panagiotidis (2015) propõem que sejam características sintáticas inerentes a essas duas categorias. A fim de explorar mais essa discussão, remontamos a Panagiotidis (2015), o qual, além de seguir parcialmente Baker (2003), inova ao relacionar as categorias à interface semântica, universal, visão esta que adotamos neste trabalho, a fim de contribuir para a análise da categoria infinitivo e de avançar para a compreensão das propriedades da Gramática Universal.

A primeira análise a respeito das categorias lexicais na teoria gerativa foi feita em Chomsky (1970), em que o autor descreve, por meio dos traços N e V, cada categoria lexical em âmbito universal. Tal visão tem sido largamente adotada, ainda hoje, na teoria gramatical:

(2)	N	V
Nome	+	-
Verbo	-	+
Adjetivo	+	+
Preposição	-	-

¹² Estamos utilizando o termo *categorias mistas* como tradução para o termo *mixed categories*, empregado por Panagiotidis (2015).

Por ser uma análise puramente taxonômica, o sistema de traços categoriais feito por Chomsky mostra-se circular, pois não explicita o que é, de fato, um N ou V, conforme Panagiotidis (2015, p.13) argumenta:

Tendo dito isso, tal categorização universal não pode ser verdadeira substancialmente, ou até mesmo útil, até que resolvamos a questão do que esses traços categoriais, bem como os seus valores, significam. Para deixar isso mais claro, é muito difícil estabelecer os limites das propriedades inerentes aos nomes e aos verbos. (PANAGIOTIDIS, 2015, p.13)¹³

Dessa forma, a categorização de Chomsky (1970) seria válida somente quando se tivesse entendimento a respeito do que, de fato, corresponde a traços nominais e verbais. É nesse espírito que a análise de Panagiotidis (2015) se desenvolve com base nas propostas de Stowell (1981), Déchaine (1993) e Baker (2003), os quais desenvolveram e refinaram aquela de Chomsky (1970). Ademais, Panagiotidis (2015) segue, parcialmente, teorias não lexicalistas, como a Morfologia Distribuída; para tanto, o autor argumenta em favor de que as categorias aqui discutidas, além de terem participação na formação sintática de estruturas, conforme estabelecido no âmbito da Morfologia Distribuída em relação aos categorizadores *n* e *v*, o Nome e o Verbo, seguindo Baker (2003), codificam uma leitura semântica/conceitual, isto é, N e V exibem diferentes conceituações, comportamentos semânticos, os quais, no trabalho de Panagiotidis (2015), são denominados *perspectivas interpretativas*.

Assim, Panagiotidis (2015) compreende os traços categoriais como sendo interpretáveis na Forma Lógica, ou seja, N e V são instruções para uma interface, tal como se postula em relação às categorias funcionais (cf. CHOMSKY, 2005), entre a faculdade da linguagem no sentido estreito e os sistemas conceitual-intencionais. Além disso, o autor defende que os categorizadores *n* e *v*, os quais carregam os traços universais N e V, são núcleos sintáticos lexicais existentes na gramática universal.

Ademais, o autor defende a hipótese de que existem traços não interpretáveis relacionados às categorias, os quais são tidos como núcleos funcionais que devem ter como complemento um material lexical (N ou V). Nesse sentido, os traços categoriais não interpretáveis funcionam como sonda numa relação de *Agree* – a qual o autor chama de *Agree*

¹³ No original: “Having said that, this cross-categorizing cannot become truly significant, or even useful, until we resolve the question of what these features, and their values, stand for. To make this clearer, it is very difficult to get the barriers of properties characteristic of nouns and verbs”. (PANAGIOTIDIS, 2015, p. 13)

categorial – e explicam o porquê da estreita relação de complementação (irmandade) entre categorias lexicais e funcionais.

Seguindo a ideia de que traços são instruções para as interfaces, Panagiotidis (2015) propõe que os traços N e V presentes nos categorizadores *n* e *v* afetam, de alguma forma, a derivação das sentenças, já que operações sintáticas são, na visão de Chomsky (1995), seguida por Panagiotidis (2015), motivadas em boa parte por traços categoriais. Nesse sentido, Panagiotidis (2015) defende que os traços N e V são instruções para a Forma Lógica, já que, segundo argumenta o autor:

- (i) se os traços N e V fossem para a Forma Fonética, a diferença entre as duas categorias seria puramente superficial, não existindo evidência em nenhuma língua de marcação fonética/fonológica que desambigue verbo de nome, ou vice-versa;
- (ii) se os traços N e V fossem puramente morfológicos ou pós-sintáticos, seriam tratados como pertencentes a uma classe morfológica, tal como declinação de nome e conjugação verbal, mas a distinção explicitada em diversas línguas em relação aos traços de Nome e Verbo, bem como a sua uniformidade, vai além de um fenômeno puramente morfológico;
- (iii) se os traços N e V fossem não interpretáveis, tal como o traço de Caso em Chomsky (1995, 2004), a distinção entre eles seria puramente gramatical (interna à estrutura) e não haveria uma universalidade de sentido desses traços, tese da qual Panagiotidis (2015) diverge, com base nas evidências translinguísticas que apresentamos na próxima seção.

2.2 A distinção (universal) entre N e V

Conforme defendido por Panagiotidis (2015), os traços N e V são interpretados na Forma Lógica (cf. DÉCHÂINE (1993) e BAKER (2003), citados pelo autor), de tal maneira que é necessário responder a uma pergunta antiga: o que faz um nome ser um nome e o que faz um verbo ser verbo? Uma primeira distinção, com base em características morfológicas e sintáticas, pode ser feita, segundo a qual:

(3)

NOMES

VERBOS

Número	Tempo
“Recebe” Caso	“Atribui” Caso
Gênero	Concordância (número e pessoa) com argumentos
Estrutura argumental coberta	Estrutura argumental explícita
Determinantes	Partículas

Utilizando os dados do português brasileiro, podemos exemplificar o quadro 3 com exemplos em que estão visíveis os traços representados:

NOMES

VERBOS

casa/ casas; cão/cães; número/números	falo (presente); falei (passado); falarei (futuro)
Dei [o livro]. [Caso Acusativo recebido pelo verbo dar]	[Dei] o livro. [O verbo dar atribui/marca o Caso Acusativo de [o livro]]
menino/menina; garoto/garota; advogado/advogada.	Eu gosto [sufixo -o marcando singular e primeira pessoa].
O menino bonito. ¹⁴	Eu vi um garoto.
Os meus filhos [artigos, pronomes].	Ela me deu.[clíticos].

Nesse sentido, seguindo Baker (2003), o autor propõe que as diferenças entre as categorias correspondem a perspectivas em relação aos conceitos em que as raízes e os materiais associados a ela são usados para expressar algum sentido. Desse modo, o componente semântico é levado em conta no sentido de que é possível extrair o conceito N e V em sentenças do tipo (exemplos adaptados de PANAGIOTIDIS, 2015):

(4) a. *Maça comer ontem.

b. *Eu vi menino semana passada. (no sentido de *Eu vi aquele menino/o menino semana passada*).

¹⁴ Não está bem delineado em Panagiotidis (2015) o que este denomina “estrutura coberta/explicita”; no entanto, podemos entender esses termos no sentido de que, em contextos verbais, a grade argumental (sujeito, complemento) é mais ‘visível’, ‘explícita’ do que na grade argumental no âmbito nominal, em que o artigo nem sempre é explicitamente visto como ‘especificador’, ou o adjetivo, que pode ser entendido, em termos de posição, como complemento ou adjunto.

O exemplo em (4a), embora seja agramatical, deixa explícito o valor categorial do componente verbal, o qual pode ser entendido como verbo sem ter passado, em termos gerativistas, pela camada vP/VP/TP, isto é, é possível depreender o significado de verbo em frases agramaticais, nas quais a camada verbal não está ainda associada aos seus traços funcionais (tempo, aspecto, projeção de argumento externo etc). De igual modo, é possível depreender o conceito de nome antes mesmo de ele estar associado a uma camada DP (4b), o que sugere que os traços categoriais N e V não dependem de operações sintáticas – embora possam motivá-las (cf. CHOMSKY, 2005) –, sendo, dessa forma, trazidos diretamente do léxico da língua.

Dados os pressupostos acima, Panagiotidis (2015) defende que o traço universal N, o qual o categorizador *n* carrega e serve como instrução para a interface semântica (Forma Lógica), funciona da seguinte forma:

(5) Interpretação na Forma Lógica do traço categorial N:

O traço [N] impõe uma perspectiva de classificação no complemento do categorizador *n* (raiz) na Forma Lógica.¹⁵

A argumentação de Panagiotidis (2015) em relação à classificação se diferencia daquela em Baker (2003) e se apoia em Prasada (2008) e Acquaviva (2009).

Para Prasada (2008), essa classificação incorpora três conceitos distintos: aplicação, identidade e individuação. O critério de aplicação, a partir do qual é possível criar argumentos, significa que “a representação é entendida como servindo para aplicar a coisas de um determinado tipo, e não de outros” (PANAGIOTIDIS, 2015, p. 85).¹⁶ Assim, a categoria [CACHORRO] nos fazer pensar em cachorros, não em gatos ou árvores. Nesse sentido, tal constatação em relação à propriedade semântica de um categorizador *n* parece ser aquilo que Panagiotidis (2015) denomina ponto de encontro (do inglês, *meeting point*) entre a teoria dos protótipos e a teoria funcionalista, já que, nessa última, nome é visto como tendo um aspecto de “tempo estável”. Embora nem todos os nomes apresentem o aspecto de “tempo estável”, conforme destaca Baker (2003), o traço categorial N que o categorizador *n* carrega é visto pela Faculdade da Linguagem, segundo defende Panagiotidis (2015), como portador de “tempo estável”, independentemente da real estabilidade de tempo dos conceitos que eles

¹⁵ Estamos traduzindo o termo *sortality*, empregado pelo autor, por *classificação*.

¹⁶ No original: “The representation is understood to apply to things of a certain kind, but no others”. (PANAGIOTIDIS, 2015, p. 85)

denotam. É nesse sentido que a *perspectiva interpretativa* se torna crucial, nas palavras do autor.

Em relação ao critério de *identidade*, também incluído no conceito de classificação, Panagiotidis (2015) recorre a Acquaviva (2009), no sentido de que identidade se refere ao fato de que, se pensarmos “em um tipo (por exemplo um tipo [PESSOA], esse tipo terá exemplos (PESSOAS) que são específicos e não têm eles próprios exemplos de si mesmos” (PANAGIOTIDIS, 2015, p. 85).¹⁷ Dessa maneira, o conceito de *pessoa* é diferente do de *alto*, por exemplo. Apenas *pessoa* identifica um tipo de entidade, enquanto *alto* é característica de entidades que carregam esse traço, no caso *ser alto*, mas não define em si uma *categoria*.

Por fim, quanto ao critério de *individuação*, nos termos de Acquaviva (2009) *apud* Panagiotidis (2015), o autor defende que é um conceito que define o significado de uma entidade de um tipo *particular* e serve como espécie de condição de identidade para algum tipo correspondente.

Quanto ao traço V, Panagiotidis (2015) defende o seguinte:

(6) Interpretação na Forma Lógica do traço categorial V:

O traço [V] impõe uma perspectiva que se estende no tempo em relação ao complemento do categorizador *v* em Forma Lógica.

O autor recorre à teoria dos protótipos e à literatura funcionalista para defender a sua tese gerativista em relação à categoria verbal. Segue-se em Panagiotidis (2015) a ideia de que a categoria Verbo é a menos estável em relação a “tempo”, dentro do *continuum* proposto em relação à estabilidade de tempo das categorias (cf. ROSS, 1973). Além da perspectiva funcionalista, existem trabalhos, no âmbito gerativista, em que o verbo também é relacionado a uma perspectiva temporal intrínseca (cf. RAMCHAND, 2008).

Na mesma linha, o autor recorre a Uriagereka (1999), para quem N e V são categorias correspondentes a dois espaços matemáticos de várias dimensões: a diferença entre eles é relacionada a se tais espaços são vistos como permanentes ou mutáveis (cf. PANAGIOTIDIS, 2015, p. 86). Nessa abordagem, são relevantes três aspectos: (i) a dimensão temporal discutida pelos funcionalistas como fator crucial na distinção entre verbos e nomes; (ii) a expansão do conceito de espaços, em que nome é tido como “regiões não interrompidas

¹⁷ No original: “A kind (eg., the kind person, it has instances (i.e, persons) which are particulars and which do not themselves have instances”. (PANAGIOTIDIS, 2015, p. 85)

no mesmo domínio” e verbo como “processos” (cf. LANGACKER, 1987) e (iii) a caracterização de categorias lexicais como sendo diferentes perspectivas de conceitos, ou diferentes gramaticalizações de conceitos (cf. ANDERSON, 1997). Uriagereka (1999) *apud* Panagiotidis (2015) defende que “temas são, em regra, nomes” e que “verbos são funções de/sobre nomes” (PANAGIOTIDIS, 2015, p. 87).¹⁸

Nesse sentido, as categorias podem ser interpretadas com base em dois critérios: a perspectiva que se coloca e a relevância do tempo (temporalidade, em oposição à noção de predicação).¹⁹ Assim, Panagiotidis (2015) defende que o traço categorial V codifica uma verdadeira perspectiva sobre o conceito ao qual se associa e essa perspectiva se relaciona a um conceito de “extensão no tempo”. Por conseguinte, com base nessa última afirmação, sintagmas verbais são subeventos que carregam o traço V, o qual atribui a perspectiva temporal a estruturas de evento.

Tais definições de Verbo e Nome, argumenta Panagiotidis (2015), são interessantes no sentido de que respondem a questionamentos antigos em relação a por que substâncias são tipicamente concebidas como classes e, por consequência, como substantivos. De maneira semelhante, espera-se que eventos dinâmicos sejam concebidos como “extensivos no tempo”.

A proposta de Panagiotidis (2015) é universalista, no sentido de que propõe que existem dois traços categoriais lexicais, a saber, N e V, explicados em termos semânticos nas linhas anteriores, os quais são instruções para a Forma Lógica, que está associada à Gramática Universal. Espera-se, portanto, traços N e V universais, presentes em todas as línguas, e sobre essa generalização, bem como os desafios empíricos que ela traz, fazemos uma discussão mais detalhada na próxima seção, também com base na argumentação apresentada em Panagiotidis (2015).

2.3 A universalidade dos traços N e V: desafios empíricos

Segundo Panagiotidis (2015), a proposta de uma teoria generalista de categoria gramatical no âmbito da teoria gerativa implica estabelecer uma relação com a Gramática Universal, no sentido de quais traços ela dispõe para as categorizações nas diferentes línguas,

¹⁸ No original: “Themes are standardly nouns. Verbal elements [are] functions over nouns”. (PANAGIOTIDIS, 2015, p. 87)

¹⁹ Estamos traduzindo o termo *predicativity*, empregado pelo autor, por *predicação*.

bem como propor uma noção unificadora do comportamento de V e N. Isso se torna particularmente um desafio quando se analisam línguas que ou (i) aparentemente não apresentam nomes ou verbos ou (ii) não apresentam diferenças entre nome e verbo, embora apresentem as duas categorias. Para tanto, Panagiotidis (2015) analisa línguas que têm recebido o tratamento de não terem distinção entre verbo e nome, tese contra a qual Panagiotidis (2015) argumenta.

O primeiro ponto a ser discutido pelo autor é a necessária e básica dissociação entre V e o(s) constituinte(s) ao(s) qual(is) ele está associado. Em termos gerativistas, separar VP de AspP (aspecto), TP (tempo), ou até mesmo CP (complementação), embora, no âmbito da morfologia, seja quase impossível fazer essa dissociação, já que é comum, translinguisticamente, o verbo ser realizado junto com a morfologia das outras projeções sintáticas, conforme pontua Panagiotidis (2015).

O segundo ponto a ser destacado é o fato de haver morfologias idênticas para V e N, bem como o fato de haver formas comumente associadas tanto a nomes quanto a verbos. Conforme Panagiotidis (2015) aponta, numa primeira análise, tais constatações levam à conclusão de que nomes e verbos compartilham camadas funcionais, já que se torna complicado argumentar em favor de um acidente histórico que explique a coincidência de formas (cf. PANAGIOTIDIS, 2015, p. 27). De forma semelhante, a falta de morfologia para distinguir certos pares Verbo-Nome não é suficiente para concluir por uma não distinção entre eles em determinada língua. Confirmam-se os exemplos do inglês, abaixo, retirados de Panagiotidis (2015, p. 27), em que a marca zero do sufixo não neutraliza a distinção entre Verbo e Nome em inglês:

- (7) work ‘trabalhar/trabalho’
 sleep ‘dormir/sono’
 fight ‘brigar/briga’

Como os exemplos acima demonstram, a mesma forma morfológica se refere tanto a um verbo quanto a um nome, configurando duas entradas lexicais diferentes, com coincidência morfológica, conforme a proposta de Panagiotidis (2015). Seguindo essa ideia, Panagiotidis (2015) recorre a Baker (2003), para quem existe apenas uma forma pela qual uma determinada língua pode não apresentar distinção categorial entre Verbo e Nome:

- (8) Se uma língua pode usar todos os seus elementos lexicais intercambiavelmente em todos os contextos, então essa língua não faz distinção entre nomes e verbos.²⁰

(BAKER, 2003 *apud* PANAGIOTIDIS, 2015, p. 28)

Numa língua em que, por hipótese, ocorre o descrito em (8), espera-se um comportamento livre dos elementos lexicais, os quais podem ocorrer tanto em projeções funcionais nominais quanto verbais. No entanto, conforme argumenta Panagiotidis (2015), não se verifica tal comportamento em nenhuma língua natural. O que ocorre, e será discutido adiante, é a inserção livre de raízes em projeções lexicais nominais e verbais em algumas línguas.

De acordo com o referido autor, quando se fala na distinção entre N e V, três formas de avaliar tal questão podem surgir (PANAGIOTIDIS, 2015, p. 29):

- (i) se existe extensiva nominalização de verbos e extensiva verbalização de nomes, a não distinção baseada nas características descritas é ilusória – nessas línguas, existe, de fato, distinção entre Verbo e Nome, embora eles possam ser recategorizados morfossintaticamente por algum ambiente funcional específico;
- (ii) se todas as raízes podem se tornar tanto N quanto V, então categorização é, certamente, um processo gramatical, isto é, nomes e verbos são constructos gramaticais, categorias puramente sintáticas – mesmo assim, a distinção entre Nome e Verbo se mantém;
- (iii) se (8) se sustenta em alguma língua, então essa língua não faz distinção entre N e V.

De acordo com Panagiotidis (2015), as línguas *Tagalog* e *Riau Indonesian* têm recebido um tratamento na literatura de serem línguas em que não há distinção entre N e V. Para o *Tagalog*, é comum a assunção de que as raízes são sempre neutras ou pré-categoriais e recebem especificação categorial por meio de especificação morfológica (RAUH, 2010, p. 343). No entanto, de acordo com Panagiotidis (2015), mesmo que isso fosse verdadeiro, tal constatação não implica a não distinção entre as duas categorias; trata-se de uma língua em que a categorização se dá unicamente no âmbito sintático e em que não há classes de palavras vindas diretamente do léxico.

Panagiotidis (2015), citando Rauh (2010), observa que, em *Tagalog*, tal como em línguas germânicas como o inglês e o holandês, algumas raízes se restringem de modo geral à

²⁰ No original: “If a language can use all of its lexical elements interchangeably in all contexts, then it does not distinguish between nouns and verbs.” (BAKER, 2003 *apud* PANAGIOTIDIS, 2015, p. 28)

materialização de substantivos. Em *Tagalog*, ocorre algo diferente: nem todas as raízes podem ser inseridas em qualquer contexto morfológico, por exemplo, o marcador *-ma* expressa estado quando adjungido a certos tipos de raízes (*magandá* ‘beleza’ < *gandá* ‘beleza’), mas denota realizações quando adjungido a outros tipos de raízes (*magalit* ‘ficar com raiva’ > *galit* ‘raiva’). Dessa maneira, segue-se que, em *Tagalog*, conforme a análise do autor, as raízes não podem ser livremente inseridas em qualquer contexto gramatical (cf. PANAGIOTIDIS, 2015, p. 30). Ademais, conforme aponta Gil (2000), é possível falar-se em N e V em relação ao *Tagalog* de forma igual a como se fala a respeito dessas categorias para as línguas românicas ou eurocênticas. Um exemplo disso é o fato demonstrado em Himmelmann (2008) de que, em *Tagalog*, raízes que expressam coisas, seres animados e ações são substantivos/nomes quando usadas isoladamente e se tornam verbos por meio de afixação da projeção de *Voice*, embora não se discorra sobre o que exatamente se entende por afixação de *Voice*.

Quanto a *Riau Indonesian*, Gil (1994, 2000, 2005, 2013), análise que Panagiotidis (2015) segue, defende que seja essa uma língua do comportamento descrito em (8), repetido em (iii) acima, isto é, em que todos os elementos lexicais podem ser usados intercambiavelmente em todos os contextos, o que implicaria uma distinção nula entre N e V. Segundo Gil (2005), o exemplo a seguir pode ser traduzido de diversas formas:

- (9) makan ayam / ayam makan
 ‘O frango está comendo.’
 ‘Os frangos estão comendo.’
 ‘Um frango está comendo.’
 ‘O frango estava comendo.’
 ‘O frango estará comendo.’
 ‘O frango come.’
 ‘O frango tem comido.’
 ‘Alguém está comendo o frango.’
 ‘Alguém está comendo para o frango.’
 ‘Alguém está comendo com o frango.’
 ‘O frango que está comendo.’
 ‘Onde o frango está comendo.’
 ‘Quando o frango está comendo.’

No entanto, ao testar novamente os dados trazidos em Gil (2015), Yoder (2010), Panagiotidis (2015) conclui, com base num teste em que ele busca correlações de nomes, verbos e adjetivos com argumentos, predicados e modificadores, funções sintáticas típicas dessas três categorias, respectivamente, e na comparação entre essa língua e o indonésio padrão – já que as duas línguas são extremamente semelhantes –, que existe um correlato quase total entre as funções de nome para argumento, de verbo para predicado e de adjetivo para modificador. A correlação é possível porque o indonésio padrão é uma língua bem descrita em termos gramaticais e de acesso mais fácil. Ademais, as exceções se mostram também regulares, no sentido de estarem acobertadas pelas mesmas regras de exceção descritas no indonésio padrão (cf. PANAGIOTIDIS 2015, pp. 31-32).

Seguindo o debate em relação à categorização do infinitivo, a língua *Nootka*, de acordo com Panagiotidis (2015), tem sido analisada como uma língua em que não ocorre a distinção entre N e V, a ponto de o debate sobre a universalidade ou não das categorias verbal e nominal ser comumente chamado “debate Nootka” (*Nootka debate*) (cf. PANAGIOTIDIS, 2015), o que também se aplica à língua *Lilloet Salish*. O que usualmente se afirma, conforme o autor aponta, em relação a essas línguas, é o fato de que nelas todos os elementos lexicais podem funcionar como predicados isolados e podem ser diferenciados em relação ao seu papel sintático apenas por meio de elementos funcionais (cf. discussão em Levinson, 2007, pp. 434-5, *apud* Panagiotidis, 2015)).

Panagiotidis (2015) discute a análise acima e destaca o fato de que, na maioria das línguas *Salish* e na língua *Nootka*, argumentos necessitam de um determinante, conforme a análise acima aponta, e, conforme argumenta Panagiotidis (2015, p. 36), isso também se sustenta para a língua *Nootka*. Em suma, o autor conclui que, nessas línguas, os argumentos podem aparecer com D lexicalizado ou não, da forma que ocorre com as línguas românicas.

O segundo ponto é relacionado ao fato de que o que se denominam itens lexicais de classes maiores (do inglês, *major class lexical items*) nada mais é que raízes nuas, o que corrobora as teses da Morfologia Distribuída ou de análises em que qualquer raiz pode ser livremente inserida em qualquer contexto lexical para se tornar um verbo, um nome, ou outra categoria, conforme defende Panagiotidis (2015).

No entanto, conforme argumenta Davis (1999) em relação a *Lilloet Salish*, enquanto o determinante *ti-a* pode nominalizar qualquer raiz, apenas nomes genuínos podem ser acompanhados de demonstrativo *ti7* mais o determinante *ku* (exemplos retirados de PANAGIOTIDIS 2015, p. 37):

- (10) a. Áts'x-em =lhkan ti7 ku-sqaycw
 Ver-DIRECIONAL= 1ªSG.SUJEITO DEM DET-homem²¹
 'Eu vi aquele homem.'
- b. *Áts' x-em=lhkan ti7 ku-qwatsáts/ku-tayt
 VER-DIRECIONAL=1ªSG.SUJEITO DEM DET-deixar/DET-com fome
 'Eu vi que deixando um/aquele que estava com fome.'

O que os dados sugerem é que, até mesmo em *Lilloet Salish*, existem elementos lexicais que exibem comportamento nominal completo. Ademais, conforme Panagiotidis (2015), algumas raízes nessa língua não podem aparecer como predicados no início da oração, como, por exemplo, o correspondente à palavra *menino*.

Em relação à língua *Nootka*, o autor defende que existe de fato distinção entre N e V, embora tais categorias sejam fáceis de serem morfologicamente recategorizadas por meio de um contexto funcional específico.

Nesse sentido, seguimos Panagiotidis (2015) no sentido de que os traços N e V são universais e funcionam como instruções para a interface semântica, a Forma Lógica, cujas especificações estão delineadas naquilo que se tem chamado de Gramática Universal. Na seção seguinte, tendo em vista a discussão anteriormente desenvolvida, apresentamos os argumentos trazidos em Panagiotidis (2015) em favor da existência de categorias mistas nas mais diversas línguas, inclusive o português. Argumentamos que a análise a ser apresentada traz boas explicações para o fenômeno de complementação infinitiva no português tratada nesta tese, bem como para o uso do infinitivo em outras posições argumentais.

2.4 Categorias mistas na visão de Panagiotidis (2015)

Panagiotidis (2015) discute o estatuto das categorias verbais e nominais à luz de uma proposta inovadora, que reúne alguns conceitos da Morfologia Distribuída, como a existência de categorizador, bem como conceitos tradicionais relacionados à semântica das classes de palavras, tal como a existência de uma semântica intrínseca às categorias N e V, embora ele não siga por completo nenhuma dessas teorias. Para o autor, a existência de categorias mistas nas línguas não é questionável – no que o seguimos –, e ele propõe uma

²¹ 1^aSG = 1^a pessoa do singular; DEM = demonstrativo; DET = determinante.

derivação sintática para as ocorrências dessas categorias. Panagiotidis (2015) propõe a existência de um nó denominado *switch* para tais casos, em que o infinitivo, ou categorias como particípio e gerúndio, apresenta traços tanto de N quanto de V.

Para Panagiotidis (2015), o estatuto do infinitivo traz problemas para a teoria, pois apresenta propriedades nominais e verbais explícitas, conforme discutimos no capítulo 1 em relação aos dados do português brasileiro. Nesse sentido, conforme o autor argumenta, postular que um DP subcategoriza um VP ou vice-versa vai de encontro ao que é largamente proposto dentro da teoria (cf. ALEXIADOU, 2001 e BORER, 2005). Além disso, Panagiotidis (2015) argumenta que duas têm sido as estratégias usuais para a abordagem das categorias mistas: uma em que se postula a dualidade categorial no núcleo das categorias (cf. JACKENDOFF, 1977; LAPOINTE, 1993; PULLUM, 1991; entre outros) e outra em que um nome tido como abstrato seleciona um VP (cf. BAKER, 1998; YOON, 1996), ambas, de certa forma, ferindo o princípio da endocentricidade (cf. CHOMSKY, 1995, 2004).

Panagiotidis (2015) reformula as duas concepções acima resumidas, a fim de propor uma nova explicação para a derivação de orações infinitivas. Para tanto, o autor pressupõe que os traços categoriais são interpretados na Forma Lógica, isto é, carregam traços semânticos universais, bem como que elementos funcionais carregam deficiência categorial, isto é, a ideia de que elementos funcionais carregam a versão não interpretável do traço categórico do núcleo lexical que está no começo da linha de projeção (cf. PANAGIOTIDIS, 2015, p. 117).

O autor defende que o que faz uma categoria ser mista é o fato de ela conter mais de um traço categorial, conforme exemplificado pelos dados a seguir, retirados de Panagiotidis (2015, p. 137):

- (11) [Bob's insulting them all] annoyed us. (inglês)
Bob POSS insultando eles todos irritou nos²²
'O Bob ?insultar/insultando a todos eles nos irritou'/ 'O fato de o Bob ter insultado a todos eles nos irritou.'
- (12) [El cantar yo La Traviata] traerá malas consecuencias. (espanhol)
O cantar.inf eu la Traviata trazer fut. más consequências²³
'Eu cantar La Traviata não será algo bom/ não terá boas consequências. '

²² POSS = possessivo.

²³ Inf = infinitivo; fut = futuro.

(13) [To oti fevyi i Niki] dhen ine provlima. (grego)

O que vai embora a Niki não é problema

‘Que a Niki está indo/A Niki estar indo embora não é um problema.’

Para dar conta dos dados acima, o autor recorre à proposta de Bresnan (1997), que defende o seguinte:

(14) Coerência categorial: a projeção mista ‘pode ser dividida em duas subárvores categorialmente uniformes de tal forma que uma está encaixada como constituinte de outra’.²⁴ (MALUF, 2000 *apud* PANAGIOTIDIS, 2015, p. 137).

De acordo com essa proposta, a alternância de uma categoria mista não ocorre aleatoriamente, ou seja, sem restrição. O que ocorre é uma projeção verbal se encaixar numa nominal, isto é, continuam sendo duas categorias distintas, em que os traços de uma terminam quando se projetam os traços da outra, como se vê em (15a), não sendo possível uma estrutura do tipo (15b):

- (15) a. [NP [N [NP [N [NP [N [VP [V [VP [V [VP [V]]]]]]]]]]]
b. *NP [V [NP [N [VP [V]]]]]

Dessa forma, o conceito de projeção mista não fica impossível de se conceber dentro da teoria. Ao se estabelecer que, na verdade, mesmo em construções mistas, as categorias verbais e nominais ainda são distintas e binárias, é mais fácil explicá-las dentro dos conceitos largamente aceitos na teoria gerativa, como o princípio da endocentricidade (CHOMSKY, 1995, 2004) e, por consequência, mantém-se o entendimento dessas categorias como sendo unidades discretas.

Feita essa constatação, o autor elabora uma segunda generalização a respeito das categorias mistas, a saber:

²⁴ No original: *Phrasal Coherence: the mixed projection ‘can be partitioned into two categorially uniform subtrees such that one is embedded as a constituent of the other’* (MALUF, 2000 *apud* PANAGIOTIDIS, 2015, p. 137)

- (16) Comportamento externo nominal: projeções mistas se comportam externamente como projeções nominais.²⁵

(PANAGIOTIDIS, 2005, p. 139)

Para o autor, as categorias mistas sempre apresentam algum componente nominal, como nominalizador, que confere a leitura externa de Nome, em detrimento da de Verbo. Ademais, o autor argumenta que o fato de tais categorias mistas poderem ser argumentos dos verbos, isto é, sujeitos, objetos, é outro fator que confere o estatuto externo nominal, por assim dizer, às construções com categorias mistas. Para corroborar essa ideia, o autor retoma os exemplos apresentados anteriormente de (11) a (13), argumentando que o comportamento externo das categorias mistas como nominal parece ser universal, isto é, não há evidências de que existam categorias mistas com comportamento externo verbal.²⁶

Adiante na discussão, Panagiotidis (2015) faz ascender a questão de como, então, se dão as construções mistas. O que a teoria explica é o encaixamento de projeções funcionais com projeções lexicais, que se dá por meio de *Agree*, de acordo Panagiotidis (2015), isto é, de checagem de traços não interpretáveis das categorias funcionais com os traços correspondentes interpretáveis das categorias lexicais. Antes de responder essa questão, o autor deixa clara a sua visão em relação ao conceito de categorias. Para Panagiotidis (2015), é necessário abandonar ideias como as de Alexiadou (2001), Borer (2005), De Belder (2011) de que não existem categorizadores, isto é, no sentido de que as categorias lexicais são formadas no/em decorrência do ambiente funcional em que elas se encontram. Para esses autores, um ZP inserido em T se apresenta como verbo, um ZP inserido em D se comporta como nome, e assim por diante. Dessa forma, o ambiente funcional é que rotula a categoria da raiz, não tendo ela nenhuma pré-categorização antes de estar em contato com o ambiente funcional. Nessa visão, podem-se juntar quaisquer categorias, D com Asp, T com Num, T com D, etc, defende Panagiotidis (2015).

Contra tais teses, Panagiotidis (2015) recorre a Baker (2003) no sentido de que verbos e nomes se comportam como tais mesmo antes de entrarem no ambiente funcional, como, por exemplo, T ou D. Segundo Baker (2003), o “comportamento categorial específico pode ser identificado quando não há nenhum sinal de superestrutura funcional dominando o

²⁵ No original: “Nominal External Behaviour: mixed projections externally behave as nominal constituents.” (PANAGIOTIDIS, 2015, p. 139)

²⁶ Para melhor compreensão da discussão, cf. PANAGIOTIDIS (2015, seção 6.8.1).

núcleo lexical” (BAKER, 2003, *apud* PANAGIOTIDIS, 2015, p. 141).²⁷ Para sustentar a ideia, Panagiotidis (2015) lança mão de exemplos como os de (4), neste capítulo. Com base nesses dados, Panagiotidis (2015) não considera correta a pressuposição de que uma raiz é categorizada apenas quando entra em uma estrutura funcional, e rejeita a proposta de “categorias mistas livres”, isto é, de que qualquer categoria pode ser conectada a qualquer estrutura funcional, a qual também rejeitamos neste trabalho.

2.5 A proposta de *switches* para Panagiotidis e breve análise para o português brasileiro

A fim de captar a ideia de que existem categorias mistas, mas de que essas categorias não são livres, aleatórias e preservam numa projeção maior os traços nominais e verbais separadamente, Panagiotidis (2015), seguindo Panagiotidis e Grohmann (2009), propõe a existência de um núcleo funcional nas categorias mistas, que seria o mediador entre a categoria verbal e nominal, conforme (17):

- (17) *Switches* são categorizadores que carregam tanto traços categoriais interpretáveis [X] (isto é, que categorizam) quanto não interpretáveis (uX, isto é, funcionais).²⁸

(PANAGIOTIDIS, 2015, p. 143)

Com base nas construções gerundivas do inglês, o autor descreve como o *switch* participa da estrutura da oração. Toma-se como pressuposto que o gerúndio nessas construções contém um núcleo *Ger* (REULAND, 1983; HAZOUT, 1994) e que esse núcleo subcategoriza um complemento verbal, mas que é selecionado por DP. Dessa forma, se dá a projeção mista. Assim, um *switch* carrega o traço (uV) e participa de uma projeção verbal/oracional, sendo um núcleo verbal. Mais especificamente, ele se comporta como um *v* que tem como complemento a projeção Asp. Assim, *switches* são sondas (do inglês, *probes*) para V, e o núcleo *Ger* é o próprio *switch* lexicalizado, conforme defende Panagiotidis (2015).

Em relação à parte nominal da categoria mista, Panagiotidis (2015) argumenta que o *switch* aparece como Nome, em conformidade com a generalização em (16) acima

²⁷ No original: “Category-specific behaviour can arise even when there is no sign of any functional superstructure dominating the lexical head.” (PANAGIOTIDIS, 2015, p. 141)

²⁸ No original: “Switches are categorizers that bear both interpretable [X] (i.e., ‘categorizing’) and uninterpretable [uX] (i.e., ‘functional’) categorial features.” (PANAGIOTIDIS, 2015, p. 143)

(comportamento externo nominal). No caso das construções gerundivas mistas em inglês, o núcleo *Ger* aparece como complemento do D possessivo, que atribui Caso genitivo ao DP. O núcleo *Ger* contém, então, um traço [*uN*] (proposta semelhante é encontrada Reuland (1983) e Hazout (1994) *apud* Panagiotidis (2015)).

Adiante, Panagiotidis (2015) argumenta a favor de que o *Ger* não pode ser considerado nome e desenvolve a hipótese de que o *switch* pode ser identificado como um afixo abstrato, cuja função é trocar uma categoria por outra, nos termos de Ackema e Neeleman (2004) *apud* Panagiotidis (2015). Tais afixos têm a propriedade de se afixar em projeções de diferentes níveis, isto é, o afixo pode, como exemplo, se afixar a uma projeção verbal em TP, CP. Ademais, a sua matriz fonológica é nula em línguas VO e não nula em línguas OV, de acordo com algumas evidências trazidas em Ackema e Neeleman (2004), argumenta Panagiotidis (2015).

O autor faz questão de ressaltar que os traços categoriais não são marcadores classificatório-taxonômicos (do inglês, *taxonomic-classificatory markers*), mas são traços interpretáveis pela Forma Lógica, isto é, traços semânticos, voltados para a interpretação na interface, conforme apresentado nas seções anteriores.

Diante dos pressupostos acima, o autor segue a análise com o objetivo de responder três questionamentos centrais que se fazem a respeito das categorias mistas:

- (i) É possível que dois traços categóricos coexistam no mesmo núcleo?
- (ii) Como a referida coexistência não induz a um *clash* categorial?
- (iii) O que significa (em termos de Forma Lógica) um núcleo sintático conter traços [*N*] e [*uV*]²⁹?

(PANAGIOTIDIS, 2015, p. 146)

Para responder a pergunta (i), o autor explica que um *switch*, no caso o *Ger*, carrega o traço [*N*] e [*uV*], que é eliminado via *Agree*. Dessa maneira, o complemento de um *switch* [*N*, *uV*] é recategorizado e interpretado sob a perspectiva categorial de *N*. Além disso, a sonda [*uV*] entra em *Agree* com algum alvo [*V*], sendo o traço não interpretável eliminado antes de *spell-out*, garantindo, assim, o estatuto funcional do *switch*. A derivação de uma estrutura com *switch* se dá da seguinte maneira:

²⁹ No original: “a. whether it is possible for two categorial features to co-exist on a single head; b. how come this co-existence does not induce a categorial clash; c. what it means (LF-wise) for a syntactic head to be specified as [*N*] [*uV*]” (PANAGIOTIDIS, 2015, p. 146).

$$(18) \text{ [NF } \#V \text{ [NF } \#V[v \text{ V}]]]]$$

Como se observa em (18), *v* carrega traços [V] e é concatenado ao material da raiz e um número de núcleos funcionais [NF], [*uV*] é concatenado recursivamente, projetando uma subárvore categorialmente uniforme por meio de *Agrees* sucessivos entre [*uV*] e [V]. Em seguida, a derivação prossegue da seguinte forma:

$$(19) \text{ [}_{\text{SWITCH}} \text{ [N] } \#V \text{ [NF } \#V \text{ [NF } \#V [v \text{ [V] [Raiz P]]]]}]$$

De acordo com (19), um núcleo *switch* [N] [*uV*] é concatenado, o seu traço [*uV*] sonda o traço [V], com o qual entra em *Agree*, o que culmina em (20), em que o próximo núcleo concatenado é um traço [*uN*], pois a projeção de *switch* tem traços [N]:

$$(20) \text{ [NF [uN] [}_{\text{SWITCH}} \text{ [N] } \#V \text{ [NF } \#V \text{ [NF } \#V [v \text{ [V] [Raiz P]]]]]]}]$$

De maneira completa:

$$(21) \text{ [NF [uN] [NF [uN] [}_{\text{SWITCH}} \text{ [N] } \#V \text{ [NF } \#V \text{ [NF } \#V [v \text{ [V] [Raiz P]]]]]]]]}]$$

De acordo com (21), o núcleo *switch* faz parte da subárvore oracional mais abaixo e tem a função de iniciar o domínio nominal, transformando a identidade categorial da derivação. Dessa forma, a coerência sintagmática é captada, tendo o categorizador funcional o papel tanto de trocar a identidade categorial da derivação, por meio de [N], quanto de colar, por meio de [*uV*], duas subárvores distintas em relação às suas categorias.

Panagiotidis (2015) também apresenta dados em que, por hipótese, existe realização morfológica dos *switches*. Neste trabalho, entretanto, não entramos em detalhe a respeito de tais dados, e ressaltamos apenas, conforme o próprio autor argumenta, que o português não apresenta tais categorizadores funcionais realizados morfológicamente, por ser uma língua do tipo VO.

A título de conclusão deste capítulo, reiteramos que seguimos a proposta de Panagiotidis (2015) sobre categorias mistas, pois tal análise explica o problema levantado, empiricamente observável, relacionado aos aspectos nominal e verbal que o infinitivo carrega. Ademais, o infinitivo, conforme defendemos no capítulo 1, não aparenta ter traços de Caso

em ambientes de oração não finita encaixada em português, diante dos dados e das evidências trazidas.

Assim, respondemos a três perguntas que emergem de toda a discussão trazida neste capítulo:

- (i) qual o estatuto categoria do infinitivo em português brasileiro?

Para a questão em (i), defendemos que, em português brasileiro, o estatuto categorial do infinitivo pode ser misto, isto é, o infinitivo carrega traços de N e V, na linha da proposta, bem como de sua tecnologia, formulada em Panagiotidis (2015), quando ocorre em posição argumental. Quando ocorre como não argumento, ou seja, como adjunto, postulamos que o infinitivo não carrega propriedades mistas, sendo apenas V, na linha do que foi discutido neste capítulo em relação ao fato de N ocorrer como argumento.

Dessa maneira, o português brasileiro apresenta dois estatutos de infinitivo, um misto e outro verbal, partindo do pressuposto que apenas ZPs com traços de Nome ocupam posição argumental.

- (ii) como a proposta capta a distribuição dos infinitivos em português brasileiro?

Para a questão (ii), defendemos que o traço N, na fórmula postulada em Panagiotidis (2015), é o traço que determina o comportamento externo nominal da categoria mista. Sendo assim, a categoria infinitiva, vista como mista em alguns contextos nesta tese, apresenta os traços de argumento (21), os quais são inerentes ao Nome, ensejando, assim, casos em que o infinitivo exerce função de argumento no período.

Tais contextos são aqueles em que o infinitivo ocupa uma posição argumental na sentença – discutiremos tais casos no capítulo 3 desta tese – e, nesses exemplos, defendemos que o traço de Caso é defectivo ou intrínseco aos *switches*, já que, como se demonstra em (17), Panagiotidis (2015) defende que *switches* carregam tanto traços interpretáveis como puramente funcionais, incluindo-se aí o traço de Caso, bem como carregam o traço de $[uV]$. Dessa forma, defendemos que o próprio *switch* carrega traços de Caso inerentemente e, por hipótese, *default*, já que pode ocupar oposições argumentais. Nossa hipótese se reforça diante dos dados da preposição *de*, tida em contextos nominais como marcadora de Caso, que demonstram que essa preposição pouco tem ligação com esse traço nas orações infinitivas

discutidas nesta tese, estando ela, como defendemos, relacionada à manifestação de traços- ϕ i.

Por outro lado, nos casos em que o infinitivo não ocorre em posição argumental, defendemos serem esses os exemplos de infinitivo unicamente com traços verbais – que veremos no capítulo 4 desta tese –, dispensando, automaticamente, o traço de Caso.

Com efeito, argumentamos serem as orações infinitivas pré e pós-verbais – essas últimas também denominadas por nós de orações infinitivas em contexto inacusativo – casos de infinitivo em (i), isto é, infinitivos com propriedades mistas, na medida em que podem se apresentar como argumentos. Para as *tough constructions*, argumentamos ser o tipo de infinitivo em (ii), pois não se projetam como argumento, conforme testes feitos apresentados no capítulo 1.

CAPÍTULO 3

Orações infinitivas pré e pós-verbais e uso da preposição *de*

Neste capítulo, discutimos o problema relacionado ao estatuto das orações infinitivas em posição de sujeito no português brasileiro (PB), com base na literatura que trata da questão, notadamente em relação aos dados do inglês, do português e do francês. Defendemos a existência de orações subjetivas infinitivas em PB, seguindo Kato e Miotto (2000), por conta do caráter misto atribuído ao infinitivo, com base na proposta de Panagiotidis (2015) de categorias mistas, ensejando, a partir do traço N, a possibilidade de exercer função argumental. Ainda, discutimos os casos em que a oração infinitiva é pós-verbal, em contexto inacusativo, em que se afigura o uso opcional da preposição *de*, como em *É fácil (de) fazer isso*, exemplo que sinaliza a variação do estatuto do expletivo em contextos inacusativos. Para tais casos, defendemos também que o aspecto do infinitivo é misto, pois tais orações funcionam em posição argumental, na possibilidade de pronominalização *É fácil isso*; perguntas-QU *O que é fácil?*, e dispensamos a análise da preposição *de* como marcadora de Caso, na medida em que, caso o fosse, dentre outros argumentos, a preposição se mostraria obrigatória.

Com efeito, propomos que o uso opcional da preposição está diretamente relacionado à concordância optativa em dados como *Chegou as cartas*; *Chegaram as cartas*, já que, tanto no contexto finito quanto no infinitivo, encontra-se um ambiente inacusativo. Para tanto, recorremos a Menuzzi (2003) e Miotto *et alii* (2007) no sentido de que, para os referidos autores, a concordância variável em *Chegou/Chegaram as cartas* se dá pela possibilidade de dois tipos de estatuto de expletivo nulo em português brasileiro em ambientes inacusativos com DPs pós-verbais, quais sejam: (i) [_{IT} [TP [DP]]] ou (ii) [_{THERE} [TP [DP]]]. Tomando como base essa premissa, argumentamos que o mesmo ocorre em relação às orações infinitivas em contextos inacusativos, em que a falta de preposição remete à estrutura (i) e o licenciamento da preposição remete à estrutura (ii). Em outras palavras, as estruturas *É fácil fazer isso* e *Chegou as cartas* são ambas licenciadas por pelo expletivo *it*

nulo (cf. (i)); enquanto as estruturas *É fácil de fazer isso* e *Chegaram as cartas* são ambas licenciadas pelo expletivo *there* nulo (cf. (ii)).

Nas seções abaixo, discutimos, primeiramente, as orações infinitivas pré-verbais, na linha da discussão que tem havido na teoria linguística, especialmente aquela de Kato e Mioto (2000) em relação ao português brasileiro, a qual corroboramos nesta tese, a fim de confirmar a possibilidade de o infinitivo carregar traços mistos em português brasileiro.

Em seguida, discutimos as orações pós-verbais, em contextos inacusativos, e formulamos uma hipótese com o objetivo de responder por que existe variação de uso da preposição *de* nesses contextos. Concluímos, como dito, que a preposição *de* manifesta a variação de expletivo nulo que pode ocorrer na posição pré-verbal em contextos inacusativos, na linha da variação que ocorre em relação a orações simples, como *Chegou/Chegaram as cartas*, para as quais cada concordância é ativada pela existência de um expletivo nulo diferente, a saber, *it* ou *there*.

3.1 O debate sobre o estatuto de orações infinitivas

Muitos trabalhos no âmbito da teoria gerativa (cf. ROSENBAUM, 1967; EMONDS, 1976; KOSTER, 1978; DELAHAUNTY, 1983; STOWELL, 1981; POSTAL, 1998) vêm debatendo a existência ou não de sujeitos oracionais, mais especificamente no inglês. Nesta seção, apresentamos, utilizando como referência o trabalho de Lohndal (2014), o debate em torno dessa questão. Lohndal (2014) descreve os argumentos dos autores que defendem o estatuto de tópico (cf. KOSTER, 1978), bem como para os que defendem o estatuto de sujeito para as referidas orações (cf. DELAHAUNTY, 1983).

3.1.1 Orações subjetivas como tópico

Confirmam-se os exemplos a seguir (exemplos retirados de LOHNDAL, 2014, p.1):

- (1) a. [That Mary left early] disappointed us.
'Que Maria saiu cedo nos desapontou.'
- (2) a. [That the Giants lost the World Series] really sucks.
'Que os Giants perderam o World Series realmente chateia.'

b. [That the Giants lost the world Series] surprised me.

‘Que os Giants perderam o World Series me surpreendeu.’

(3) [For the Giants to lose the World Series] would be terrible

‘Os Giants perderem o World Series seria terrível.’

Como se pode observar nos exemplos (1) a (3), as orações em destaque aparentam estar na posição de sujeito, entendida como SPEC, TP, numa configuração como em (4), referente à sentença em (1b), conforme apresenta Lohndal (2014, p. 1):

(4) [CP C [TP [CP [C that [TP [NP Mary_[T] T [vP left early]]]]] [T_i T [vP disappointed us]]]].

Lohndal (2014) testa as conclusões de Koster (1978) a respeito da não existência de orações subjetivas, para quem essas orações são verdadeiros tópicos. Nesse sentido, Lohndal (2014) correlaciona o uso dos chamados sujeitos oracionais com o uso de sujeitos nominais, a fim de buscar regularidades ou irregularidades em relação à distribuição e às propriedades sintáticas de cada um deles. Para ele, seguindo a análise proposta em Koster (1978), as chamadas orações subjetivas apresentam-se como tópicos, conforme a intuição da maioria dos falantes com quem teve contato.

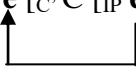
Lohndal (2014) cita Huddleston (2002), o qual afirma que, embora possa haver orações subordinadas funcionando como sujeitos e inglês, como em *[That he was guilty] was obvious to every one* (*Que ele era culpado era óbvio para todo mundo*), “tais sujeitos não são sujeitos prototípicos, o que se reflete pela existência de uma alternância mais frequente, em que a função de sujeito é exercida por um NP *dummy* ‘it’ e a oração subordinada encontra-se extraposta: *It was obvious that he was guilty* ([EXPL] *era óbvio que ele era culpado*).” (HUDDLESTON, 2002, p. 236, *apud* LOHNDAL, 2014, p. 316).³⁰

Segundo a argumentação do autor, seguindo Koster (1978), tal fenômeno não ocorre com sujeitos nominais, ou seja, as orações ditas subjetivas diferem de sujeitos nominais em relação ao fato de que aquelas têm distribuição mais restrita do que estes, conforme se depreende dos exemplos a seguir retirados de Lohndal (2014, p. 316):

³⁰ No original: “Subordinate clauses can also function as subject, as in *That he was guilty was obvious to everyone*, such subjects are, however, non-prototypical, as is reflected in the existence of a more frequent (non-canonical) alternant in which the subject function is assumed by the dummy NP *it* and the subordinate clause is extraposed: *It was obvious to everyone that he was guilty*. Other categories appear as subject under very restrictive conditions”. (HUDDLESTON, 2002, p. 236 *apud* LOHNDAL, 2014, p. 316).

- (5) a. John, the story shouldn't have bothered.
 'John, a história não deveria ter incomodado.'
 b. *John, that the Giants lost the Worlds Series shouldn't have bothered.
 '*John, que os Giants perderam os World Series não deveria ter incomodado.'

Em (5a), observa-se que é possível haver um sujeito nominal seguindo um DP na posição de tópico, enquanto, em (5b), a oração dita subjetiva não pode aparecer antecedita de DP na posição de tópico. Por esse motivo, Koster (1978) *apud* Lohndal (2014) defende que as orações subjetivas estão, na verdade, na posição de tópico. Para aquele autor, essas orações aparentam estar em posição de sujeito por causa de uma correlação com o sujeito DP mediada por um DP nulo (e), o qual também se move para o núcleo CP, numa posição logo abaixo da oração subjetiva, conforme demonstra a estrutura em (6), extraída de Lohndal (2014, p. 317):

- (6) [CP For the Giants to lose the World Series [CP **e** [C' C [IP **e** [I' I]]]]].
- 

De acordo com Lohndal (2014), Alrenga (2005) provê uma análise mais detalhada em relação à de Koster (1978) e postula a seguinte generalização:

- (7) *Universal sobre o vestígio da sentença*

Sentenças podem somente se ligar a vestígios DP, isto é, vestígios com especificação categorial [+N, -V].

(LOHNDAL, 2014, p. 3)³¹

Tal generalização, de acordo com Lohndal (2014), se faz em parte necessária para explicar dados como os seguintes, os quais Alrenga (2005) já havia apontado (cf. ALRENGA, 2005, pp. 175-176):

- (8) a. It really [sucks/blows/bites/stinks] that the Giants lost the World Series.
 'Realmente chateia que os Giants tenham perdido o World Series.'

³¹ No original: "The Sentence Trace Universal: Sentences can only bind DP-traces, i.e. traces with the categorial specification [+N, -V]" (LOHNDAL, 2014, p. 3).

b. That the Giants lost the World Series really [sucks/blows/bites/stinks].

‘Que os Giants perderam o World Series realmente chateia.’

(9) a. It [seems/happens/appears/turns out] that the Giants lost the World Series.

‘Parece que os Giants perderam o World Series.’

b. *That the Giants lost the World Series seems.

‘Que os Giants perderam o World Series parece.’

Como demonstram os exemplos acima, nos casos em que aparece um verbo do tipo *seem* ‘parecer’, não é possível que a oração encaixada seja movida para ocupar o local que o expletivo aparentemente ocupa.

De acordo com Alrenga (2005) *apud* Lohndal (2014), o verbo *seem* subcategoriza um complemento CP, o qual tem estatuto inacusativo. Por causa disso, é impossível que um DP nulo seja gerado na base como complemento e suba para a posição de SPEC, TP. Como, na visão de Alrenga (2005) *apud* Lohndal (2014), orações subjetivas são ligadas a um elemento nominal (cf. (8)), o verbo *seem* não pode se ligar a um sujeito oracional.

No entanto, conforme aponta Alrenga (2005), o verbo *seem* aparece com sujeito oracional em algumas construções de alçamento:

(10) That the Giants lost the World Series seemed to bother him.

‘Que os Giants perderam o World Series pareceu ter incomodado ele.’

(11) That the Giants would lose the World Series seemed obvious.

‘Que os Giants perderiam o World Series pareceu óbvio.’

Observamos que a diferença entre os exemplos (9), de um lado, e (10)-(11), de outro lado, reside em que, nestes, o verbo *seem* aparece com um material à direita (VP, AdjP) e, naquele, de forma intransitiva.

Todavia, tais exemplos não parecem apontar para um erro na análise de que orações ditas subjetivas estão, na verdade, na posição de tópico, pois, de acordo com o autor, “nesses exemplos, o DP nulo argumento é gerado dentro da oração infinitiva ou pequena oração complemento de *seem*; ele é alçado desse complemento para a posição de SPEC, IP da

matriz e finalmente se move para uma posição A” (ALRENGA, 2005, p. 175 *apud* LOHNDAL, 2014, p. 318).³²

Dessa forma, os argumentos comumente trazidos para uma análise em favor de que as chamadas orações subjetivas estão numa posição A’, isto é, numa posição de adjunção ou não argumental, são os acima apresentados, que recuperamos a seguir: (i) a diferença de comportamento em relação à possibilidade de paráfrase com o pronome *it*, que orações em aparente posição de sujeito apresentam e sujeitos nominais, não; e (ii) a diferença de comportamento em relação à possibilidade de estar antecedido de um DP tópico, que sujeitos nominais apresentam e orações em aparente posição de sujeito, não.

A fim de contrastar com as análises em favor de que as orações subjetivas estão, de fato, em posição A (posição argumental), em vez de tópico, fazemos, na próxima seção, pequena revisão a respeito do tema e defendemos a existência de orações subjetivas em posição A, embora argumentemos em favor dessa análise somente em relação às orações subjetivas não finitas, escopo deste trabalho.

3.1.2 Orações subjetivas como sujeito

Delahaunty (1983) *apud* Lohndal (2014) argumenta que tópicos e orações subjetivas diferem com relação a aspectos relevantes, como, por exemplo, o movimento-QU: à direita de tópico, o movimento é possível com sujeitos nominais (12) e agramatical com orações subjetivas (13).

(12) a. [To Bill], what will you give for Christmas?

‘Pro/para o Bill, o que você vai dar de Natal?’

b. And [to Cynthia], what do you think you will send?

‘E para a Cintia, o que você acha que vai mandar/enviar?’

(13) a. *[That Fred always leaves early], who does bother?³³

‘*Que o Fred sempre chega cedo, quem se incomoda?’

³² No original: “In these examples, the null DP argument is base generated within the infinitival clause or small clause complement of seem; it is raised out of this complement to the matrix Spec, IP position and finally moves to an A’-position” (ALRENGA, 2005, p. 175 *apud* LOHNDAL, 2014, p. 318).

³³ Frise-se, como bem pontuou o prof. Doutor Paulo Medeiros (PPGL/UnB), que as orações em (13) são gramaticais quando o EPP é satisfeito na oração com *who That Fred Always leaves early, who does it bother?*; *That the Earth is coming to an end, who does it upset?*, pondo em questão se a falta de aceitabilidade em (13) se dá pela impossibilidade de tais frases ocorrerem em tópico ou pela não saturação do EPP.

b. *[That the Earth is coming to an end], who does upset?

‘Que a Terra está chegando ao fim, quem se preocupa?’

Em (12), observamos que é possível mover o elemento-QU, representado por *what*, para a direita do sintagma topicalizado, no caso, [_{PP} To Bill] em (12a) e [_{PP} to Cynthia] em (12b). Em (13), era esperado que o mesmo ocorresse caso a oração-*that* fosse, de , tópico. No entanto, o movimento do elemento-QU para a direita da oração-*that*, que ocuparia a posição mais alta à esquerda da sentença, torna as sentenças (13a-b) agramaticais em inglês. Segue-se, por conta dessa disparidade de comportamento, que as orações-*that* dos exemplos acima não aparentam estar na posição de tópico. Estão, por hipótese, segundo Delahaunty (1983), na posição de sujeito.

Ademais, Delahaunty (1983) *apud* Lohndal (2014) aponta que orações subjetivas são passíveis de alçamento em inglês (cf. (14)-(15)):

(14) [That Fred is allergic to cats] is believed to have bothered his mother.

Que o Fred é alérgico a gatos é acreditado ter incomodado a sua mãe.

‘Acredita-se que o fato de o Fred ser alérgico a gatos tenha incomodado a sua mãe.’

(15) [That Fred failed his exams] seems to bother his family more than it bothers him.

‘Que o Fred reprovou nas provas parece incomodar mais a família do Fred do que a ele.’

Lohndal (2014) toma os exemplos acima para defender que o fato de as orações serem passíveis de alçamento é argumento em favor da natureza subjetiva dessas orações, que apresentam comportamento igual ao de sujeitos nominais. Embora o autor não apresente exemplos com sujeitos nominais, podemos formulá-los a partir das sentenças (14)-(15), apenas modificando a oração-*that* por um DP sujeito:

(16) a. [Daniel/ That boy] is believed to have bothered his mother.

‘Acredita-se que o Daniel incomodou a mãe dele.’

b. [John/ This man] seems to bother his family more than it bothers him.

‘[Daniel/ Esse homem] parece incomodar mais a família dele do que a ele.’

Como vemos acima, as orações-*that* parecem ocupar a mesma posição do sujeito alçado, o que corrobora, para Delahaunty (1983) *apud* Lohndal (2014), a hipótese de que, de fato, tais orações estão na posição de sujeito, SPEC, TP.

3.2 Orações infinitivas no português brasileiro

Tendo revisado, de forma breve, o problema relacionado ao estatuto das orações em posição de sujeito, a fim de orientar o leitor em relação ao problema abordado, passamos à análise das orações subjetivas em português brasileiro na perspectiva de Kato e Miotto (2000) e argumentamos, com base em testes de ilha, que as orações subjetivas finitas estão, de fato, localizadas na periferia à esquerda da oração, em posição de tópico, enquanto as orações subjetivas infinitivas estão (ou podem estar) na posição de sujeito. Nesse sentido, reafirmamos, seguindo Kato e Miotto (2000), que as orações subjetivas não finitas ocupam a posição de SPEC, TP em português brasileiro, corroborando o caráter misto (N e V) do infinitivo quando ocupa posição argumental.

3.2.1 A proposta de Kato e Miotto (2000)

Kato e Miotto (2000) discutem o problema relacionado a orações infinitivas, largamente abordado na língua inglesa. Além das orações não finitas, as finitas também são abordadas, conforme demonstram os exemplos a seguir (retirados de Kato e Miotto, 2000):

- (17) a. [Que Maria esteja grávida] é inconcebível.
b. [Que chova tanto nesta época do ano] não agrada a ninguém.
- (18) a. [A Maria estar grávida] é inconcebível.
b. [Chover tanto nesta época do ano] não agrada ninguém.
- (19) a. É inconcebível [que Maria esteja grávida].
b. Não agrada a ninguém [que chova tanto nesta época do ano].
- (20) a. É inconcebível [a Maria estar grávida].
b. Não agrada a ninguém [chover tanto nesta época do ano].

Os autores exemplificam a discussão relacionando-a ao *locus* das orações em destaque: em (17)-(18), elas aparentam estar numa posição pré-verbal de sujeito; em (19)-(20), aparentam estar numa posição pós-verbal de sujeito. Dessa forma, o problema relacionado à possibilidade de orações ocuparem a posição de SPEC, TP, isto é, de sujeito, também é atestado em PB pelos autores.

O primeiro trabalho a discutir a questão relacionada a orações subjetivas, conforme apontam Kato e Mito (2000), foi Jacobs e Rosenbaum (1968), para os quais um NP não podia ser reescrito como S (oração). Dada a obrigatoriedade do expletivo *it* nessas estruturas em inglês, Jacobs e Rosenbaum (1968 *apud* Kato e Mito, 2000, p. 3) defendiam que seria esse o núcleo da oração:

- (21) a. [NP_s VP]
b. [NP N_{it} [S]]

Nesse sentido, Jacobs e Rosenbaum (1968) propuseram a regra de extraposição, cujo efeito, segundo argumentam Kato e Mito (2000), seria o de sujeito posposto, conforme demonstram os exemplos (22) e (23), retirados de Kato e Mito (2000, p. 3):

- (22) a. Alguém que ninguém conhece acaba de entrar.
b. Alguém ___ acaba de entrar, que ninguém conhece.
- (23) a. A conclusão (de) que Maria está grávida chocou a todos.
b. A conclusão ___ chocou a todos, que Maria está grávida.

Jacobs e Rosenbaum (1968) estendem a análise feita acima para as sentenças impessoais do inglês, razão que os leva a propor para exemplos como os de (24) a mesma derivação adotada por Kato e Mito (2000) para os dados em (22) e (23):

- (24) a. That Betty is pregnant has shocked everyone
Que Betty está grávida tem chocado todo mundo.
'Betty estar grávida tem chocado todo mundo.'

b. It _ has shocked everyone that Betty is pregnant.

Expl _ tem chocado todo mundo que Betty está grávida³⁴

‘Tem chocado todo mundo Betty estar grávida.’

Os exemplos acima demonstram um paralelo de extraposição entre (22) e (24), já que há movimento da oração encaixada para a direita. No entanto, em (24b), é obrigatório o licenciamento do expletivo *it*, algo para o que, de acordo com Kato e Mito (2000), Jacobs e Rosenbaum (1968) não forneceram explicação, mas que Kato e Mito (2000) discutem.

Kato e Mito (2000) correlacionam o processo de duplicação de clíticos à estrutura proposta para as orações subjetivas finitas, que, para os autores, estão na posição de tópico. Conforme os autores apontam, muitas línguas apresentam o redobro de clítico, também denominado *duplicação*, como demonstram os exemplos a seguir, retirados de Kato e Mito (2000, p.8):

(25) Lo vi_i a el_i. (espanhol)
‘O vi a ele’

(26) Moi, je partirai demain. (francês)
‘Eu, eu vou partir/ir embora amanhã.’

(27) Me, I will leave tomorrow. (inglês)
‘Eu, eu vou partir/ir embora amanhã.’

Nos exemplos acima, os pronomes fortes *lo*, *moi* e *me* reforçam os pronomes fracos *el*, *je* e *I*, respectivamente. Além disso, os pronomes fortes sobem para uma posição à periferia da esquerda, conforme argumentam Kato e Mito (2000).

Para Kato (1998) *apud* Kato e Mito (2000), o fenômeno de deslocamento de DP, em (28) ocorre de maneira semelhante ao da duplicação. Nesse sentido, para uma sentença como a de (28), a autora propõe que o DP deslocado se origina de uma predicação equativa secundária sem cópula (29a) e sobe para uma posição A’ (29b):

(28) [O Pedro], ele já foi.

³⁴ EXPL = expletivo

- (29) a. IP [DP ele_i o Pedro_i [já foi]]
 b. O Pedro_i [IP[DP ele_i t_i [já foi]]]

em que originalmente:

- (30) [DP ele [DP O [NP Pedro]]]

Como se pode observar pela estrutura em (30) acima, *ele* é núcleo de um DP, tendo como complemento o DP [o Pedro]. Em (29b), o DP [O Pedro] sobe para uma posição à esquerda da sentença, mantendo a correferência com o pronome *ele*, a qual já existia antes do movimento à esquerda. Tal correferência é possível pelo fato de os sintagmas [ele] e [o Pedro] formarem um predicado secundário, tal como demonstrado em (30).

Dessa maneira, Kato e Miotto (2000) estendem a análise de duplicação por eles formulada para orações subjetivas finitas e sentenças impessoais, sendo o pronome *it* no inglês e o pronome nulo *pro* no PB concebidos como pronomes fracos cujo predicado é uma sentença, ambos formando uma pequena oração (*small clause*), a qual é, conforme argumentam os autores, paralela à predicação equativa que existe entre o DP deslocado à direita e o pronome na posição de SPEC, TP (cf. (28), (29) e (30)). Para os autores, o paralelo que se faz em relação às ditas orações subjetivas e impessoais está em que, para o pronome fraco, tem-se um NP como complemento e, para o expletivo, tem-se um CP como complemento, conforme a análise pioneira de Jacobs e Rosenbaum (1968):

- (31) a. [DP it_i [CP that IP]_i]
 b. [DP pro_i [CP que IP]_i]

Nesse sentido, para um período como (32), a derivação é a que se segue em (32b-c), conforme apontam Kato e Miotto (2000):

- (32) a. It seems that Betty is pregnant.
 EXPL parece que Betty está grávida.
 b. [IP ____ [VP seems [DP it_i [CP that Betty is pregnant]_i]]]
 c. [IP It_i [VP seems[DP t_i [CP that Betty is pregnant]_i]]]

E, para o português, de acordo com Kato e Miotto (2000), tem-se (33), cuja análise se assemelha àquela de predicados adjetivais (copulares) em (34):

- (33) a. Parece que a Betty está grávida
 b. [IP ____ I [VP parece [DP pro [CP que a Betty está grávida]]]]
 c. [IP pro_i parece [VP t_v [DP t_i[CP que a Betty está grávida]_i]]]
- (34) a. Ela parece triste.
 b. [IP ____ I [VP parecer [AP ela [A' triste]]]]
 c. [IP Ela_i parece [VP t_v [AP t_i [A' triste]]]]

Dessa forma, Kato e Miotto (2000) argumentam que as orações subjetivas trazem semelhança com as sentenças (32)-(33), tidas como *impessoais*, conforme os exemplos (35)-(36) abaixo, retirados de Kato e Miotto (2000, p. 14):

- (35) a. It annoys me that Bill is late.
 EXPL me aborrece que o Bill esteja atrasado.
 ‘Me aborrece que o Bill esteja atrasado.’
 b. That Bill is late annoys me.
 ‘Que o Bill esteja atrasado me aborrece.’

em que:

- c. [IP ____ [VP annoys me [DP it_i [CP that Bill is late]_i]]]
 d. [IP It [VP annoys me [DP t_{it} [CP that Bill is late]_i]]]

- (36) a. Me aborrece que o Pedro esteja atrasado.

em que:

- b. [IP ____ me aborrece [DP pro_i [CP que o Pedro esteja atrasado]_i]]
 c. [IP pro me aborrece [DP t_{pro} [CP que o Pedro esteja atrasado]_i]]

A partir das análises de Kato e Miotto (2000) acima descritas, observamos que o expletivo em (32) e (35) não nasce *in situ* na posição de SPEC, IP, mas é movido do argumento interno do verbo da oração encaixada. Quanto ao expletivo nulo em (33), postulado pelos referidos autores como *pro*, ele não nasce *in situ*, mas, sim, no complemento do verbo da oração matriz.

Seguindo a análise, os autores tratam dos exemplos em que a oração aparece na posição pré-verbal, aparentemente como sujeito (sentenças a), conforme a seguinte análise, proposta pelos mesmos autores (sentenças b):

(37) a. That Bill is late annoys me.

b. [_{CP} That Bill annoys me [_{IP} [_{DP} *pro* t_{CP} [annoys me [t_{DP}]]]]]

(38) a. Que o Pedro esteja atrasado me aborrece.

b. [_{CP} Que o Pedro esteja atrasado [_{IP} [_{DP} *pro* t_{CP} [annoys me [t_{DP}]]]]]

Conforme Kato e Miotto (2000) argumentam, *pro* pode ser lexicalizado em PB, manifestando-se como o pronome *isso*:

(39) Que o Pedro esteja atrasado, **isso** me aborrece.

(40) Que o Daniel não goste de bolo, **isso** me intriga.

Assim, Kato e Miotto (2000) afirmam que é possível comparar a oração deslocada à esquerda para CP com o DP nos predicados secundários do tipo discutido anteriormente (cf. (29)-(30)):

(41) a. [_{CP} O Pedro_i [_{IP} [_{DP} ele t_i [já foi]]]]

b. [_{CP} Que o Pedro esteja atrasado [_{IP} [_{DP} *pro* t_{CP} [me incomoda [t_{DP}]]]]]

Ademais, para os autores, a motivação para a oração estar *in situ* se deve a uma marcação de [+ Foco], já que é nesse ponto da oração que o acento primário incide. Nesse caso, para Kato e Miotto (2000), o Caso nominativo da oração é marcado por meio da subida apenas dos traços formais suficientes para satisfazer o EPP:

- (42) a. Me aborrece [QUE O PEDRO ESTEJA ATRASADO]
b. [Que o Pedro esteja atrasado] ME ABORRECE.

Até aqui, discutimos a possível existência de orações subjetivas finitas. A partir daqui, abordamos as orações infinitivas e seguimos Kato e Mito (2000) no sentido de que essas últimas têm distribuição diferente daquelas no que concerne à posição de sujeito.

Conforme argumentado nas linhas anteriores, para os referidos autores, as orações finitas estão na periferia esquerda da oração (CP), havendo, na posição de SPEC, TP, um expletivo, nulo ou lexicalizado, a depender da língua. No entanto, com base em testes de extração, os autores defendem a existência de orações subjetivas não finitas, isto é, com *locus* em SPEC, TP. Confirmam-se os seguintes exemplos, retirados de Kato e Mito (2000, p. 20):

- (43) a. É uma loucura irmos a Santos com quem?
b. Com quem_i é uma loucura irmos a Santos hoje t_i?
c. Irmos a Santos hoje com quem é uma loucura?
d. Com quem_i irmos a Santos hoje t_i é uma loucura?

Para explicar os dados acima, faz-se necessário relembrar, conforme argumentam Kato e Mito (2000), que é bem aceita no âmbito da teoria gerativa a premissa de que orações adjunto são ilhas, isto é, fatores impeditivos para a extração, enquanto orações complemento não são, conforme os exemplos a seguir (KATO e MIOTO, 2000, p.18):

- (44) a. Maria acredita que falou com quem?
b. Com quem_i Maria acredita que a polícia falou_i?
(45) a. Maria acredita na polícia porque falou com quem?
b. *Com quem_i Maria acredita na polícia porque falou_{ti}?

Como demonstrado acima, é possível a extração, isto é, o movimento para a periferia esquerda da oração, do elemento-QU interno a uma oração complemento, no caso, o objeto direto do verbo *acreditar* em (44). No entanto, não se observa a possibilidade de extração do adjunto, em (45).

Seguindo a análise, Kato e Mioto (2000) defendem a existência de oração infinitiva na posição de sujeito com base no mesmo teste feito em (44) e (45), demonstrando que é possível a extração em contexto de oração infinitiva, o que sugere que as orações em análise são argumentais e, portanto, não podem ocupar a posição de periferia à esquerda, já que esta é *locus* de DPs não argumentais. Confirmam-se os exemplos em (43), recuperados em (46), e retirados de Kato e Mioto (2000, p. 20):

- (46) a. É uma loucura irmos a Santos com quem?
 b. Com quem_i é uma loucura irmos a Santos hoje t_i?
 c. Irmos a Santos hoje com quem é uma loucura?
 d. Com quem_i irmos a Santos hoje t_i é uma loucura?

Diante dos dados acima, Kato e Mioto (2000) defendem a existência de orações infinitivas na posição de sujeito em PB, pois, conforme discutido, é possível a extração do elemento-QU, não sendo a oração infinitiva, nesse caso, uma ilha (cf. (44b) e (45b)).

Para explicar a possibilidade do *locus* em SPEC, TP das orações infinitivas, os autores recorrem à ideia de que o infinitivo carrega traços nominais e, pelo fato de poder apresentar-se flexionado (cf. (46c)), o infinitivo na posição de sujeito é sempre pessoal.

Segundo argumentam Kato e Mioto (2000), portanto, a oração não finita e a finita têm distribuições distintas em português brasileiro: esta, na periferia à esquerda e aquela, na posição de SPEC, TP.

3.2.2 Discutindo a proposta de Kato e Mioto (2000)

A análise de Kato e Mioto (2000) para as orações finitas se assemelha a muitas propostas para a língua inglesa, como argumentado anteriormente. Segundo essas propostas, a oração finita está precedida do expletivo: naquelas em que a oração está pós-verbal, haveria um vestígio de *pro*, que sobe para SPEC da oração matriz [*pro*_i] *Me incomoda* [*t*_i] *que ele fale alto*, e, naquelas em que a oração é pré-verbal, a oração está na periferia à esquerda, permanecendo o *pro* no SPEC da matriz [_{CP} *Que ele fale alto*] [*pro*] *me incomoda*. Para os autores, nesse último caso, é possível ainda a lexicalização de *pro* pelo pronome expletivo *isso*, conforme demonstramos em (47):

- (47) a. [_{CP} *Que ele fale muito alto*], [_{TP} *isso*] *me incomoda*.

- b. [CP Que ela faz mal ao Daniel], [TP isso] é evidente.
- c. [CP Que ela confia muito nele], [TP isso] dá para perceber.

Quanto à possibilidade de lexicalização do expletivo em oração pós-verbal, sugerimos que essa possibilidade existe, aparentemente, apenas em contextos de tópico à direita:

- (48) a. ?Isso me incomoda que ele fale muito alto.
 a'. Isso me incomoda, que ele fale muito alto.
 b. ?Isso é evidente que ela faz mal ao Daniel.
 b'. Isso é evidente, que ela faz mal ao Daniel.
 c. ?Isso dá pra perceber que ela confia muito nele.
 c'. Isso dá pra perceber, que ela confia muito nele.

Ademais, por meio do teste de extração feito pelos referidos autores, é confirmada a hipótese de que a oração finita ocupa CP e que as orações infinitivas, por outro lado, ocupam SPEC, TP, conforme anteriormente argumentado.

Apontamos, ainda, que é possível a lexicalização da posição tida como do expletivo em ambientes de oração não finita, como demonstram os exemplos a seguir:

- (49) a. [CP Ele fazer o bolo hoje], [TP isso] seria bom.
 b. [CP Ele estar cansado], [TP isso]) parece preocupante.
 c. [CP O Daniel falar muito alto], [TP isso] me incomoda.

É possível também deixar, seguindo a classificação proposta em Kato e Mito (2000), o expletivo *isso* na sua posição por hipótese original – como complemento do sintagma inacusativo:

- (50) a. [CP Ele fazer o bolo hoje], seria bom [isso].
 b. [CP Ele estar cansado] parece preocupante [isso].
 c. [CP O Daniel falar muito alto], me incomoda [isso].
 d. [CP Que ele fale muito alto], me incomoda [isso].
 e. [CP Que ela faz mal ao Daniel], é evidente [isso].
 f. [CP Que ela confia muito nele], dá pra perceber [isso].

Dessa forma, é imperioso questionar que elemento ocupa a posição de SPEC, TP da oração matriz nos casos em (50). Se a análise aponta para outro *pro*, seria necessário motivar o não movimento do *pro* interno pós-verbal, já que, para os autores, o que motiva o *pro* argumento interno a subir para a posição de SPEC, TP é a necessidade de Caso nominativo. Para responder a essa questão, formulamos uma hipótese que será discutida nas próximas linhas.

Com respeito às orações infinitivas, seguimos Kato e Mito (2000) quanto à inserção dessas orações na posição de sujeito devido ao traço [N] que o infinitivo, tido neste trabalho como uma categoria mista em português brasileiro, carrega. No entanto, o traço [N] parece não ser forte o suficiente para conferir uma concordância obrigatória, já que orações infinitivas coordenadas nem sempre exigem o verbo no plural (*Dançar e correr me faz/fazem bem; Treinar e andar é/são importante(s) para a saúde*), não sendo a falta de concordância, nesses casos, a nosso ver, tão flagrante ou explicitamente rejeitada como em *Eles foi na padaria; Os meninos tá ali* para falantes que fazem a concordância *Eles foram na padaria; Os meninos tão ali*.

A fim de responder à questão sobre a posição de *isso* tratada nos dados em (50), seguimos proposta de Costa (2010) de que, em português brasileiro, o pronome que aparece como sujeito duplo corresponde ao *spell out* do traço de pessoa da oração matriz, já que, para o referido autor, a flexão verbal nessa língua enfraqueceu. Para justificar essa hipótese, Costa (2010) demonstra que o pronome não tem propriedades referenciais e que pode ocorrer em contextos *out-of-the-blue*, o que não atesta a proeminência de tópico do DP, conforme os exemplos a seguir: [*Essa competência*]_i, *ela*_i *é de natureza mental*; [*Toda criança*]_i *ela*_i *aprende rápido a gostar de coca-cola* (COSTA, 2010, p. 126).

Nesse sentido, podemos estender a análise de Costa (2010) e conceber o pronome *isso* como o *spell out* do traço de pessoa e argumentamos que ele poderia ser pré ou pós-verbal pelo fato de estar num ambiente inacusativo, em que esse tipo de variação é comum. Sendo o pronome *isso* o *spell out* do traço de pessoa do verbo, ele não se localiza em SPEC, TP da oração matriz. Em comunicação pessoal com Costa (2010), o autor defendeu que o pronome *spell out* estaria adjungido a TP.

Dessa maneira, a oração infinitiva ocupa a posição de SPEC, TP – sujeito –, conforme defendem Kato e Mito (2000). Ademais, construções de sujeito duplo, como em *O Daniel, ele foi embora; Maria, ela está preocupada; O problema, ele foi resolvido; Ele vir aqui hoje, isso seria bom* (estendendo a análise do autor também para o pronome *isso*) são

exemplos, seguindo Costa (2010), em que ocorre o *spell out* de traços de pessoa da oração matriz pelo próprio pronome e não são, por hipótese, construções caracterizadoras de topicalização.

Por fim, nas orações finitas ou não finitas pós-verbais (*É provável que ele venha hoje; É provável dele vir hoje*), existe um *pro* em SPEC, TP da oração matriz.

Seguindo a discussão, para Kato e Mito (2000), seguindo Raposo (1987), a preposição nos exemplos em (51) é marcadora de Caso, o que atesta o aspecto nominal da forma infinitiva, de onde provêm os seguintes exemplos:

- (51) a. O rapaz receia [chumbar o exame].
b. O receio de [chumbar o exame].
c. O rapaz está receoso de [chumbar o exame].

Entretanto, a análise de Kato e Mito (2000) não leva em conta a diferença de comportamento entre a preposição que encabeça NP/DP e a preposição que encabeça a oração infinitiva. Se ambas são realizadoras de Caso, por que apresentam disparidade de comportamento quanto à possibilidade de flutuação da preposição, como demonstrado em (52)?

- (52) a. O receio **de/em** chumbar o exame
a'. O receio **com o**/*do/*no exame
b. O rapaz está receoso **de/em** chumbar o exame
b'. Rapaz receoso **com o**/do/*no exame

Além disso, a preposição introduz, às vezes obrigatoriamente, a oração infinitiva em português (53), e, em alguns casos, é opcional o emprego da preposição (54):

- (53) a. Me preocupei em/de estudar muito hoje.
b. Eu me surpreendi dela estar aqui.
- (54) a. Maria decidiu (de) fazer o teste hoje.
b. Daniel receia (de/em) ir lá sozinho.
c. Vou sugerir (de/em) fazer a festa amanhã.

O que os dados nos mostram, portanto, é que a Teoria do Caso, na qual Kato e Mioto (2000) se baseiam, não resolve os problemas encontrados nas análises das preposições introdutoras de oração infinitiva. Muito embora neste trabalho não discutamos com mais profundidade as questões acima, consideramos importante destacar os problemas que surgem ao analisarmos preposições introdutoras de infinitivo como marcadoras de Caso, hipótese que não corroboramos para a análise das orações infinitivas discutidas nesta tese.

Na próxima subseção, já tendo discutido as orações infinitivas pré-verbais, bem como suas particularidades sintáticas e categoriais, discutiremos as orações infinitivas pós-verbais, que se encontram em ambiente inacusativo, e, pelo fato de a preposição *de* ocorrer nessas orações, diferentemente das orações infinitivas pré-verbais em posição de sujeito, focaremos a discussão nas hipóteses relacionadas ao estatuto da preposição *de* nesses contextos, demonstrando que elas têm correlação com o tipo de expletivo nulo da oração matriz.

3.3 Em direção a uma análise da relação entre a variação da preposição *de* em orações infinitivas e os contextos inacusativos

Conforme discutido anteriormente, há em PB variação em relação ao uso da preposição nos seguintes contextos:

- (55) a. É possível (d)ele chegar ainda hoje.
b. Coincidiu (d)eu estar aqui com você.
c. É fácil (de) fazer esse bolo.
d. Calhou d(eu) chegar hoje.

Pelo fato de os casos acima serem exemplos de ambientes inacusativos (cópula, outros verbos inacusativos, adjetivos inacusativos) e de haver variação (no caso, de concordância) em orações simples inacusativas, defendemos a hipótese de que o uso variável da preposição *de* em PB é fruto do mesmo fenômeno de variação que ocorre em orações simples inacusativas. Propomos que, nas orações simples, a variação se dá pela concordância ou não do DP (à direita) com o verbo inacusativo; no caso das orações infinitivas, a variação se dá pelo uso ou não da preposição. Dessa maneira, o uso da preposição é paralelo à concordância do DP à direita com o verbo inacusativo.

Desenvolvemos nossa argumentação com base na hipótese de que a concordância verbal em ambientes inacusativos em PB se dá pela possibilidade de inserção de dois tipos diferentes de expletivo: o *it* ou o *there*, estendendo a análise de Menuzzi (2003) e Miotto *et. alii* (2007) em relação às orações simples para os contextos de oração infinitiva inacusativa pós-verbal. Ademais, com base no fato de a preposição *de* poder manifestar traços de número e gênero (traços denominados traços-phi, incluindo-se aí também os de pessoa), argumentação que será desenvolvida mais profundamente no capítulo 5, reforçamos a hipótese de que o uso opcional da preposição *de* nos contextos infinitivos inacusativos está relacionado ao tipo de expletivo inserido na oração.

De acordo com Kato, (2006), Menuzzi (2003) e Miotto *et. alii* (2007), Viotti (2005) em português brasileiro, existem dois tipos de concordância com verbos inacusativos. Um exemplo conhecido na literatura é com o verbo *chegar*, em *Chegou as cartas* e *Chegaram as cartas*. Vale observar que, para a análise aqui delineada, estamos presumindo uma comunidade linguística em que se faz concordância do verbo com o sujeito na ordem canônica, isto é, em que se produzem sentenças como *Eles telefonaram*, *Os meninos estão aqui*, pois existem comunidades linguísticas no português brasileiro em que o verbo se mantém sem flexão na terceira pessoa diante de todas as pessoas do discurso em vários contextos sintáticos, com exceção, em geral, da primeira do singular (*eu*).

Para os autores, em *Chegou as cartas*, o verbo concorda com um expletivo nulo. No caso da concordância no plural, há também um expletivo nulo, porém ele se comporta como *there*, isto é, compartilhando seus traços de número com o DP à direita do verbo e forçando a flexão do verbo no plural (cf. BURZIO, 1986; DUARTE, 2003). Assim, as estruturas inacusativas *Chegou as cartas*/*Chegaram as cartas* podem ser analisadas da seguinte maneira:

(56) a. [pro *it*_{nulo} GOAL] [chegou_{PROBE}] as cartas.

b. [pro *there*_{nulo} GOAL] [chegaram_{PROBE}] as cartas.



compartilhamento de traços de número

Em relação à estrutura *Chegou as cartas*, sugerimos, como defendido pelos autores acima mencionados, que o PB aciona uma estrutura com *pro it* na posição de SPEC, TP de um verbo inacusativo (56a). Quanto à concordância no plural *Chegaram as cartas*, é acionada a concordância com *pro there* (56b).

A falta de concordância, portanto, é consequência da concordância com *pro it* em posição de SPEC, TP e sem compartilhamentos de traços com o DP à direita, o que justifica o verbo inacusativo no singular, já que os traços do pronome *it* estão na terceira pessoa do singular. Ademais, é uma estrutura aparentemente inovadora em português brasileiro e parece estar relacionada ao fato de, em português brasileiro, haver ordem rígida (S)VO e, por esse motivo, os deslocamentos serem cada vez mais específicos e em contextos bem definidos (cf. PILATI, 2006).

Dessa forma, analisem-se os exemplos de oração infinitiva em (57):

- (57) a. Convém (de/em) ele vir aqui hoje.
 b. Me admira (de/em) ele saber tanto.
 c. É improvável (d)o Daniel vir aqui hoje.
 d. Me surpreendeu (de/em) ver vocês aqui hoje.
 e. Aconteceu ? (de) ser assim dessa maneira.

Levando em conta que os exemplos acima refletem um ambiente inacusativo e com base na análise proposta para a concordância com DPs discutida nas linhas anteriores, defendemos a hipótese de que o mesmo ocorre nos casos em (57). A concordância com o pronome *it* manifesta-se pelo não uso da preposição *de* na oração infinitiva, enquanto a marca morfológica para a concordância com *there* é a preposição *de*:

- (58) a. [IT_{nulo} GOAL] [Me admira_{PROBE}] Ø ele saber tanto.
 b. [THERE_{nulo} GOAL] [Me admira_{PROBE}] **de**le saber tanto.

Compartilhamento de traços de número pelo traço N da oração infinitiva

- (59) a. [IT_{nulo} GOAL] [Me surpreendeu_{PROBE}] Ø ver vocês aqui hoje.
 b. [THERE_{nulo} GOAL] [Me surpreendeu_{PROBE}] **de** ver vocês aqui hoje.

Compartilhamento de traços de número pelo traço N da oração infinitiva

- (60) a. [IT_{nulo} GOAL] [É possível_{PROBE}] Ø ele chegar ainda hoje.
 b. [THERE_{nulo} GOAL] [É possível_{PROBE}] **de**le chegar ainda hoje.

Compartilhamento de traços de número pelo traço N da oração infinitiva

Argumentamos que o uso da preposição se dá pela necessidade de haver uma marcação sintática que manifeste as propriedades de um ou de outro tipo de expletivo. Pelo fato de a flexão do infinitivo encaixado estar relacionada ao seu próprio especificador (nulo), defendemos que a morfologia de flexão na oração infinitiva não é capaz de explicitar o fenômeno de variação de expletivo nulo encontrada em ambientes inacusativos de oração infinitiva no PB, diferentemente do que ocorre em relação às orações simples inacusativas, em que a flexão da oração é capaz de explicitar a relação com um ou com outro tipo de expletivo (cf. (56)).

Assim, no PB, defendemos que se usa o recurso de uma preposição funcional, puramente gramatical, a fim de que seja possível manifestar sintaticamente quando o expletivo é do tipo *it*, e não compartilha traços de número com a oração infinitiva, ou quando é do tipo *there*, que promove o compartilhamento de traços de número com a oração infinitiva.

Recorrendo a outras línguas para dar conta do fenômeno da inserção da preposição *de* oração infinitiva em construções inacusativas, verificamos que parece haver um fenômeno em catalão similar ao que ocorre no PB. Nessa língua, é variável a concordância com o DP à direita do verbo, como em (61a), e é opcional o uso da preposição em sentenças como (61b) – exemplos retirados de Rigau (1997, p. 416):

- (61) a. (Hi) arriben/arriba pluges. (catalão)
 (clítico) chega/chegam chuveiros.
 ‘Os chuveiros estão chegando’
 b. És interessant (de) fer notar aquele contrast. (catalão)
 É interessante de fazer notar aquele contraste.
 ‘É interessante (de) notar aquele contraste’

Em francês, língua de sujeito obrigatório, é interessante observar que a preposição *se* mostra presente em contextos de oração infinitiva inacusativa pós-verbal (62), muito embora sua não realização não torne a sentença agramatical:^{35,36}

- (62) a. Ce serait intéressant (de) parler des équipements sportifs. (francês)
 EXPL Será interessante de falar sobre equipamentos esportivos.
 ‘Seria interessante falar de equipamentos esportivos.’

Espera-se – partindo da proposta aqui defendida –, por conseguinte e em primeira análise, que o *ce* do francês seja do tipo *there*, e tal expectativa é confirmada (cf. (63a) em contraste com (63b)):

- (63) a. Ce sont des femmes.³⁷ (francês)
 PRON são umas mulheres³⁸.
 ‘São mulheres.’
- b. C’est (ce + est) une femme. (francês)
 PRON é uma mulher.
 ‘É mulher.’

Embora a forma *ce sont* seja de fato possível, convém ressaltar que a forma *c’est* em (63a), isto é, diante de sintagmas plurais, não se mostra agramatical, na medida em que os falantes nativos consultados aceitam esse uso, o que nos faz formular a hipótese de que o termo lexical *ce* pode carregar traços abstratos de *it* ou de *there*. Tal hipótese se justifica no

³⁵ Em francês, existem construções em que não aparece o sujeito gramatical lexicalizado, como na expressão *il y a* ‘há’, do verbo *Il y avoir* ‘haver’, a qual, na língua falada ou menos monitorada, aparece muito frequentemente sem o sujeito *il*, e *il faut* ‘é necessário, é preciso’, do verbo *falloir* ‘precisar’, que também comumente aparece sem o sujeito gramatical *il* na língua falada ou menos monitorada

(i) *Y a deux garçons ici* para *Il y a deux garçons ici*.
 ‘Tem dois meninos aqui.’

(ii) *Faut que j’y aille* para *Il faut que j’y aille*.
 ‘Preciso ir embora.’

Embora existam esses casos, o francês é considerado uma língua de sujeito obrigatório, no sentido de que não é possível a omissão do sujeito referencial, tal como ocorre em italiano ou em português europeu.

³⁶ Os exemplos foram obtidos com a colaboração de falantes nativos. Foram consultados 30 falantes nativos de língua francesa por meio de um questionário com 56 frases, em que foi pedido aos falantes nativos que julgassem as frases como aceitáveis ou não aceitáveis, deixando claro que não se tratava de correção gramatical. Optamos pelo uso do termo “aceitável” para evitar a confusão que o termo “gramatical” ou “gramaticalidade” pode causar para aqueles que dominam a nomenclatura da linguística gerativa.

³⁷ Os exemplos foram obtidos com a colaboração de falantes nativos.

³⁸ PRON = pronome

sentido de que, em alguns contextos, as palavras *il/it* e *ce/there* podem exercer a mesma função na sentença e ser cambiáveis entre si, conforme os exemplos abaixo:

- (64) a. Il est deux heures/ C'est deux heures. (francês)

Pron + é + dois + horas/ Pron + é + dois + horas

‘É/São duas horas.’

- b. Il est quelle heure ?/ C'est quelle heure ? (francês)

Pron é qual hora/ Pron + é + qual + hora

‘Que horas são?’

- c. C'est beau/ Il est beau ce film.

(francês)

Pron + é + bonito/ Pron é + bonito + esse + filme

‘(Ele/Isso) é bonito esse filme.’

Além de contextos nominais, os pronomes *ce* e *il* também podem ocorrer como sujeito em orações infinitivas, havendo, de acordo com o julgamento dos falantes consultados, a possibilidade ou não do uso da preposição *de* quando o pronome lexicalizado é *il*. Vejam-se os exemplos abaixo:

- (65) a. Il est bon (de) faire une pause dans notre quête du bonheur.

Pron+ é+bom + (de)+ fazer+ uma+pausa + em +nosso+ busca+ do+ felicidade

‘É bom (de) fazer uma pausa na nossa busca por felicidade.’

- b. Il est bon (de) faire des choses qui bousculent notre confort.

Pron + é+ bom +(de)+ fazer+ uns +coisas + que sujeito+ movimentam + nosso + conforto

‘É bom (de) fazer coisas que ‘movimentam’/bagunçam nosso conforto.’

Pelo fato de essas duas palavras poderem aparecer em posições idênticas, bem como ter funções sintáticas iguais, postulamos que *ce* e *il* se neutralizam nesses contextos e podem ter traços funcionais idênticos, conforme os exemplos em (64) e (65), e, em outros contextos, podem ter traços distintos, como em (63), já que a forma *Il sont des femmes* é agramatical.

Dessa maneira, formulamos a hipótese de que as categorias de expletivo são, primordialmente, abstratas, isto é, carregam traços funcionais abstratos; assim, a categoria

abstrata *ce* pode se lexicalizar como *il* ou *ce*; a categoria abstrata *il* pode se lexicalizar como *ce* ou *il*. Ademais, postulamos, como consequência, que as categorias *ce* e *il*, de terceira pessoa, carregam nesses contextos duplo estatuto gramatical, já que podem acionar traços funcionais distintos.

Tal assunção é corroborada diante de dados que demonstram que, de fato, os pronomes de terceira pessoa em francês apresentam duplo estatuto. O pronome *lui*, como objeto indireto (66a-b), pode se referir tanto ao masculino quanto ao feminino, mas, quando acompanhado de preposições lexicais, como *sans* ‘sem’, *entre* ‘entre’, *avec* ‘com’, *pour* ‘para’, somente se refere ao masculino (66c-d), sendo o pronome *elle* usado para a referência do feminino, conforme os exemplos a seguir:

- (66) a. Je lui ai dit tout cela.
 ‘Eu disse a ele/ela tudo isso.’
 b. Tu veux lui parler ?
 ‘Você quer falar a/com ele/ela?’
 c. Sans lui.
 ‘Sem ele/*ela.’
 d. C’est pour lui.
 ‘É para ele/*ela.’

Ademais, o pronome complemento *lui* pode, por vezes, ocupar a posição de sujeito, no lugar de *il* (67a), da forma que o pronome complemento *eux* em relação ao pronome sujeito *ils* (67b), algo que não ocorre com outras formas, como *je* ‘eu’ (67c), reforçando a hipótese de que apenas a terceira pessoa no francês apresenta duplo estatuto sistemático:

- (67) a. Je voulais venir, mais lui ne voulait pas.
 ‘Eu queria vir/ir, mas ele não queria.’
 b. Je voulais venir, mais eux ne voulaient pas.
 ‘Eu queria vir/ir, mas eles não queriam.’
 c. Ils voulaient venir, mais moi, je ne voulais pas.
 ‘Eles queriam vir/ir, mas eu, eu não quis.’

Como se depreende dos exemplos acima, os pronomes *lui* e *eux* podem ocupar a posição de sujeito enquanto *moi*, forma correspondente à primeira pessoa do quadro de pronomes tônicos, ao qual pertencem os pronomes *lui* e *eux*, não pode, devendo estar na posição de tópico seguido do pronome sujeito *je*.

Algo semelhante ocorre em inglês, em que forma *there is* aparece, no uso menos monitorado, diante de sintagmas plurais:

- (68) a. **There's** so many ways to act = There **IS** so many ways to act (comparar com there **ARE** many ways to act)
'Tem/há tantas formas de agir.'
- b. And there's many shades of black. = And there are many shades of black (comparar com And there **ARE** many shades of black.)³⁹
'E tem/há muitos tons de preto.'

Diante dos dados acima, argumentamos que o compartilhamento de traços de número entre o expletivo com a oração infinitiva, a qual carrega traços nominais (cf. discussão a esse respeito no capítulo 1), licencia a preposição *de* como manifestação dessa concordância.

Para reforçar a hipótese, demonstramos que, em francês, conquanto, em contextos gerais, a preposição *de* licencie orações infinitivas (cf. (65a-b)), o que poderia levar à tese de que essa preposição seria um “licenciador geral” de orações infinitivas em francês, ela não é obrigatória em todos os contextos, já que existem casos em que não ocorre a preposição (69c) ou ocorre com a preposição *à* (69d-e):⁴⁰

- (69) a. On a décidé **de** sortir maintenant.
'A gente decidiu (de) sair agora.'
- b. Il pense faire un gâteau là.
'Ele pensa em/de fazer um bolo aqui.'
- c. J'ai réussi **à** dormir.
'Eu consegui dormir.'

³⁹ Dados retirados da música *Many shades of Black*, de Adele, cantora nativa de língua inglesa.

⁴⁰ Os dados foram obtidos com a colaboração de falantes nativos.

- d. Tu peines à trouver ça.
'Você pena pra achar isso.'

No entanto, no caso de orações infinitivas inacusativas pós-verbais, objeto deste trabalho, apenas a preposição *de* é licenciada, sendo seu apagamento, para alguns falantes, opcional:

- (70) a. C'est bien Ø /*à/d'être ici.
'É bom estar aqui.'
b. Ce n'est pas mon rôle Ø /*à/de lui dire cela.
'Não é meu papel dizer isso a ele/ela.'
c. Ce serait un plaisir Ø /*à/de vous rencontrer.
'Seria um prazer (de) encontrar vocês.'

Diante da obrigatoriedade da preposição *de* em face de outras preposições nos contextos em (70), argumentamos que a preposição nesses casos não é mera introdutora de oração infinitiva e reforçamos a hipótese de que ela é manifestação da concordância de traços de número entre o expletivo abstrato *there* e os traços N da oração infinitiva. Na opção pelo não uso da preposição, por outro lado, argumentamos que isso se dá devido ao expletivo abstrato *it*, que dispensa a preposição *de*.

Em síntese, defendemos, em face dos dados apresentados, que o PB apresenta variação em contextos inacusativos de duas formas: nas orações simples, pela flexão ou não do verbo inacusativo, e, nas orações infinitivas inacusativas, pelo licenciamento ou não da preposição *de*. Argumentamos, seguindo Menuzzi (2003) e Miotto *et. alii* (2007), que essa variação decorre da possibilidade de dois tipos de expletivo licenciando as estruturas inacusativas em português brasileiro, a saber *it* e *there*. Neste trabalho, portanto, buscamos estender a análise dos referidos autores em relação a orações simples para os casos de oração infinitiva.

Além disso, demonstramos que os dados do francês e do catalão reforçam a análise aqui defendida e que a preposição *de*, enquanto categoria funcional, se relaciona, por hipótese, com o expletivo *there*, o que sugere que o expletivo e a preposição funcional *de*, embora se manifestem em posições sintáticas distintas, carregam traços funcionais afins, argumentação que será mais bem desenvolvida no capítulo 5 desta tese.

Capítulo 4

O estatuto da preposição *de* nas *tough constructions*

Neste capítulo, discutimos as *tough constructions* (doravante TCs), exemplificadas em (1) abaixo, que são aquelas em que o SPEC, TP da oração encaixada tem interpretação de paciente/tema (argumento interno) do verbo infinitivo. Essas construções representam um desafio para a teoria gerativa no sentido de alinhar a derivação de suas estruturas com os postulados relativos à Teoria do Caso, à Teoria Temática e à Teoria do Movimento (cf. LEES, 1960; CHOMSKY, 1965; AUTHIER e REED, 2009; OLIVEIRA, 2010; HICKS, 2009; MORENO, 2014). Ademais, com base nos exemplos de constituição feitos no capítulo 1 desta tese, defendemos que tais orações não ocupam posição argumental, não havendo, por conseguinte, necessidade de postulação de marcação de Caso em relação à preposição *de*. Confirmam-se a seguir exemplos de *tough constructions* em diversas línguas:⁴¹

- | | | |
|-----|---|-------------|
| (1) | a. Daniel is [easy to please]. | (inglês) |
| | ‘O Daniel é fácil de agradar (ser agradado).’ | |
| | b. Esse bolo é [fácil de fazer]. | (português) |
| | c. Esta torta es [facil de hacer]. | (espanhol) |
| | ‘Esta torta é fácil de fazer.’ | |
| | d. Das Buch ist [schwer zu lesen]. | (alemão) |
| | ‘Esse livro é difícil de ler.’ | |
| | e. Teorie [difficili da testare]. | (italiano) |
| | ‘Teoria difícil de testar/comprovar.’ | |
| | f. Théories [difficilles à tester]. | (francês) |
| | ‘Teorias difíceis de testar/comprovar.’ | |

Como podemos observar, em todos os exemplos acima, o elemento na posição de SPEC, TP da oração matriz tem interpretação de paciente (argumento interno) em relação à

⁴¹ Os dados foram obtidos com a colaboração de falantes nativos e encontrados no Google.

oração infinitiva encaixada, cuja estrutura é mediada por uma preposição antecedida de um adjetivo.

Neste capítulo, discutimos dados do português brasileiro que se classificam como TCs, com o objetivo de identificar o papel funcional da preposição *de* nesses ambientes. Mais especificamente, destacamos o contraste de uso da preposição *de*, discutidos no capítulo 1 e exemplificados novamente em (2) e (3) abaixo, e defendemos que, em PB, as TCs se assemelham às reestruturações de concordância de voz descritas em Wurmbrand e Shimamura (2015), nas quais há concordância entre a oração matriz e a encaixada, num processo de reestruturação em que a camada *Voice* se incorpora a *v/V* a fim de evitar o *spell-out* do traço V sem valoração.

- (2) a. O bolo é difícil (de) fazer/ (de) ser feito.
b. O Daniel é fácil (de) enganar/ (de) ser enganado.
c. O Bolo e a torta são difíceis *(de) fazer/ *(de) serem feitas.
d. O Daniel e o Lucas são difíceis *(de) enganar/ *(de) serem enganados.
- (3) a. O Raul é difícil (de) pegar/ (de) ser pego.
b. Nossa amizade vai ser tranquila/tranquilo (de) reatar/ (de) ser reatada.
c. O Raul e o Murilo são difíceis *(de) pegar/ *(de) serem pegos.
d. Nossa amizade e nossa confiança vão ser tranquilos *(de) reatar/ *(de) serem reatados.

Observamos, a partir dos dados acima, que o uso da preposição se mostra (mais) obrigatório quando a oração matriz está no plural (cf. (2c-d) e (3c-d)), o que sugere um tipo de concordância de traços-*phi* manifestada pela preposição *de* nesses contextos. Ademais, em PB, é possível a leitura *tough* com o verbo da oração encaixada na voz passiva (cf. (2a-d) e (3a-d)), observando-se o mesmo comportamento da preposição em relação à construção ativa.

Nesse sentido, consideramos que o PB está apresentando variação em relação ao uso (obrigatório ou não) da preposição na leitura *tough* nas estruturas no singular e no plural. Abordamos essa questão fazendo uma correlação com as reestruturações descritas em Wurmbrand e Shimamura (2015), em que há a chamada reestruturação de *voice matching* e uma concordância dupla, tal como sugerimos haver nos exemplos (2c-d) e (3c-d), isto é, a correlação entre a marca morfológica da oração matriz com o uso obrigatório da preposição na oração infinitiva encaixada.

Dessa maneira, além de defendermos que tais construções são reestruturações em que há concordância de voz (cf. WURMBRAND e SHIMAMURA, 2015), argumentamos, em hipótese inicial, que a preposição *de* é a realização sincrética de *Voice* e *v* na reestruturação e que, devido ao traço de número da terceira pessoa do singular em PB ser morfologicamente não visível, é possível o apagamento da preposição em contextos no singular, o que explica a possibilidade de flutuação entre $P \sim \emptyset$ nesses contextos. Por consequência, defendemos que o uso (mais) obrigatório da preposição nas *tough constructions* no plural decorre do fato de que a morfologia da terceira pessoa do plural é visível, daí a preposição se mostrar (mais) obrigatória, ou pelo menos sua omissão soar mais agramatical que no singular, pois ela, tal como argumentamos, é a manifestação lexical dos traços-*phi* nesses ambientes.

Ademais, defendemos que a interpretação variável (agente/paciente) dada ao sujeito da oração matriz nas TCs se dá pela possibilidade de concordância de traços-*phi* semânticos em PB, tal como ocorre obrigatoriamente em chamorro, como argumentam Wurmbrand e Shimamura (2015). Assim, dispensa-se a necessidade de postulação de PRO para as TCs em PB, o que seria em tese fator impeditivo para a análise a favor de que tais estruturas são reestruturações, nos moldes descritos em Wurmbrand e Shimamura (2015).

Além disso, buscamos explicar por que podem ocorrer as formas analíticas da voz passiva nos predicados *tough*, relacionando esse fenômeno à reanálise do PB em relação às estruturas *tough* mencionadas nas linhas anteriores – isto é, a reanálise de *tough* para uma estrutura de reestruturação *voice matching* –, pelo fato de que, em PB, é possível a leitura do sujeito da oração matriz como argumento externo do infinitivo da encaixada (4), o que possibilita a morfologia analítica de voz passiva no predicado encaixado, como forma de desambiguar as duas possíveis leituras do sujeito da oração matriz:

- (4) a. O Daniel é difícil (de) enganar (ser enganado/ ou ele próprio enganar alguém).
 b. Luiza é difícil (de) pagar (ser paga/ ou ela própria pagar outrem).

Dessa forma, argumentamos que as TCs em português são estruturas de reestruturação. Isto é, na impossibilidade de o predicado da oração matriz valorar o Caso acusativo e licenciar DP externo, o DP argumento interno sobe para a posição de SPEC, TP da oração matriz, manifestando uma estrutura em que ocorre concordância de voz entre a oração matriz e a oração encaixada.

Com efeito, em PB, as estruturas *tough* têm características especiais, quais sejam: (i) a forma infinitiva pode aparecer na voz ativa ou na voz passiva (2)-(3); (ii) a opcionalidade no uso da preposição *de* em orações *tough* na forma singular (2a-b)/(3a-b) *versus* (2c-d)/(3c-d); (iii) a capacidade de conferir ao elemento na posição de SPEC, TP da oração matriz o estatuto de argumento externo do infinitivo da encaixada (4). Ademais, apresentam características de reestruturação, assunto que será discutido em detalhe na próxima seção.

4.1 Reestruturação

De acordo com Wurmbrand e Shimamura (2015), reestruturação – ou o fenômeno de união oracional – se refere a construções com predicado complexo em que dois domínios lexicais exibem comportamento monoracional, na possibilidade de, por exemplo, haver operações como subida de clítico ou extração, típicas de predicados simples, como ilustram os exemplos do polonês em (5), extraídos de Wurmbrand e Shimamura (2015, p. 1):

- (5) a. *Marek jq zdecydował sie przeczytać*
 Marcos isso decidiu REFL⁴² ler
 ‘Marcos decidiu ler isso.’
- b. *Marek te książkę zdecydował sie przeczytać*
 Marcos esse livro decidiu REFL ler
 ‘Marcos decidiu ler esse livro.’

Em (5a), *jq* funciona como clítico relacionado ao verbo *przeczytać*, o qual está numa posição mais baixa da estrutura. No entanto, o clítico aparece antes do verbo mais alto *zdecydował*. Para os autores, só é possível essa subida de clítico porque a estrutura se comporta de maneira monoracional, embora haja dois verbos nela. A esse comportamento monoracional Wurmbrand e Shimamura (2015) denominam reestruturação. O mesmo ocorre em (5b), em que *te książkę*, embora esteja ligado ao verbo da oração mais baixa, aparece antes do verbo da oração mais alta, manifestando, assim, uma reestruturação.

Para Wurmbrand e Shimamura (2015), é de especial interesse o fenômeno de *movimento longo de objeto* (doravante MLO), isto é, quando o objeto da oração encaixada é

⁴² REFL = reflexivo.

alçado a sujeito da oração matriz em função de uma operação de voz passiva (ou com semelhanças/traços de uma operação desse tipo) no predicado da oração matriz (6), retirados de Wurmbrand e Shimamura (2015, p. 1):

- (6) a. [As casas_i] foram acabadas de construir [t_i] em 1950. (português europeu)
b. [Sono-shisutemu] tsukai hajime-rare-ta (japonês)
O-sistema-NOM usar começar-PASS-PAS⁴³
'O sistema começou a ser reconhecido.'

Conforme o exemplo (6a), [as casas] aparece na posição de sujeito e está ligado ao verbo *construir*. De acordo com Wurmbrand e Shimamura (2015), o MLO ocorre por meio da voz passiva *foram acabadas*. Em (6b), também se observa esse tipo de movimento, pois [sono-shisutemu] está na posição de sujeito, mas se liga semanticamente a *tsukai* 'usar', e a subida do sintagma [sono-shisutemu] é possível por meio do traço passivo em *hajime-rare-ta*.

Para os autores, o MLO é desafiador para as abordagens de reestruturação, bem como para a postulação da camada *VoiceP*, no sentido de que surge uma dependência sintática e semântica do sujeito da oração encaixada com o sujeito na oração matriz, algo para o que Hicks (2003) também chama atenção em relação às TCs, pois, em ambos os casos, há noção intuitiva de que existe movimento da posição de objeto da oração baixa para o sujeito da oração mais alta.

De acordo com Wurmbrand e Shimamura (2015), a abordagem de complementação no âmbito do VP (*VP-complementation*) (WURMBRAND, 2001) explica de maneira satisfatória o problema discutido acima, no sentido de que, pelo fato de o complemento reestruturado não ter um domínio funcional, o objeto encaixado não pode ter o seu Caso valorado, já que é assumido que o Caso acusativo é valorado pelo núcleo da camada *Voice*. Dessa forma, o objeto encaixado é obrigado a subir para a posição de sujeito da oração matriz para a valoração de Caso.

No entanto, Wurmbrand e Shimamura (2015) questionam se existe, de fato, uma camada funcional *VoiceP* nas estruturas de MLO, pois há evidências empíricas, as quais discutimos adiante, que apontam para a existência dessa camada. Para dar conta dessa contradição, os autores postulam a existência de um domínio de *Voice* defectivo, denominado *Voice_R*, em combinação com a abordagem de complementação no âmbito do VP, e explicam

⁴³ NOM= nominativo; PASS = passado; PAS = passivo.

propriedades de reestruturação por meio dessa proposta. Além disso, propõem abordar a estrutura interna da camada *VoiceP*, bem como discutir de que maneira essa camada se relaciona às orações reestruturadas.⁴⁴

Conforme apontam os autores, tanto nas reestruturações ativas quanto nas passivas, o sujeito do predicado matriz deve controlar o sujeito encaixado, tal como se depreende dos exemplos do alemão, retirados de Wurmbrand e Shimamura (2015, p. 3):

- (7) a. daas den Traktor der Mechaiker zu reparieren versucht hat
 que o-ACC trator o-NOM mecânico consertar tentado tem⁴⁵
 ‘que o mecânico tentou consertar o trator.’
- b. daas der Traktor zu reparieren versucht wurde
 que o-NOM trator consertar tentado foram
 ‘que eles tentaram consertar o trator.’

Os dados acima demonstram que o predicado encaixado é interpretado como se envolvesse um agente com interpretação igual à do sujeito da oração matriz, conforme apontam Wurmbrand e Shimamura (2015).

Levando-se em consideração essa hipótese, isto é, de interpretação de agente na oração encaixada, os referidos autores sugerem a existência da projeção de *Voice* na oração encaixada reestruturada, pois é ela a responsável pelo licenciamento de sujeitos/agentes na estrutura oracional.

Na próxima seção, discutimos evidências a favor da ideia de que, de fato, nas reestruturações é possível postular uma camada de *Voice*, a qual, tal como descrito nas linhas anteriores, tem traços defectivos, segundo Wurmbrand e Shimamura (2015).

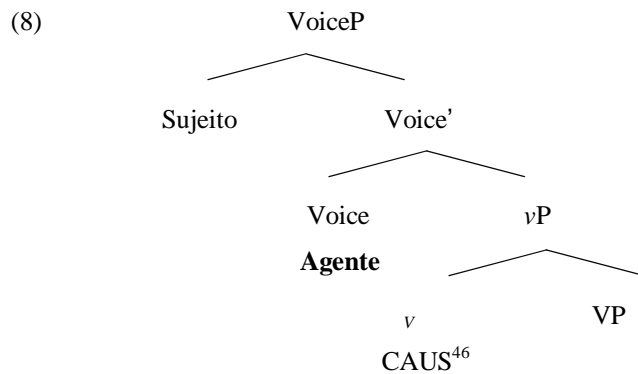
4.1.1 Evidências para a existência de *Voice* nas reestruturações

De acordo com Wurmbrand e Shimamura (2015), diversos trabalhos (cf. ALEXIADOU ET AL., 2006; BOWERS, 2002; FOLLI e HARLEY, 2005; MARANTZ, 2008) defendem a existência da camada *VoiceP* expandida, sendo *Voice* responsável pelo

⁴⁴ Embora não esteja explícito no trabalho de Wurmbrand e Shimamura (2015), o *R* em *Voice_R* deve vir de *restructuring*, reestruturação. Ou seja, é o tipo de *Voice* defectivo que aparece nas reestruturações e possibilita o MLO.

⁴⁵ ACC = acusativo.

licenciamento do argumento externo e *v* pela causação, além de esse último funcionar como *verbalizador*:

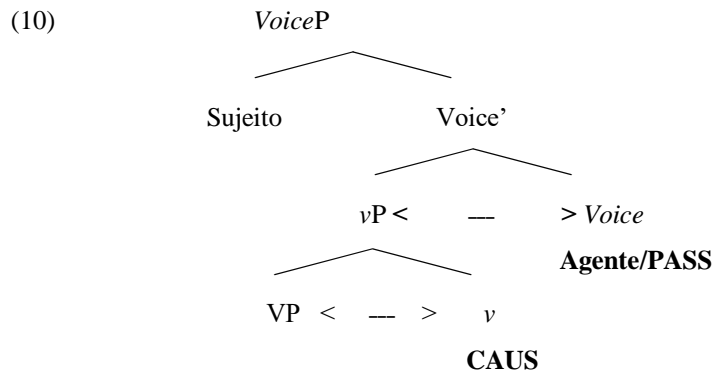


Dada tal premissa, existe evidência em relação à existência da camada *VoiceP* nas reestruturações com base em dados do japonês retirados de Wurmbrand e Shimamura (2015, p.4) (cf. (9)), os quais se referem a afixos que alternam em relação à classe do verbo que é usada. O quadro à esquerda marca a classe dos verbos causativos, o da direita, a dos incoativos:

(9)	a. <i>muk-</i>	‘descascar’		<i>muk-e</i>	‘descascar’
Causativos	b. <i>ak-e</i>	‘abrir’		Incoativos <i>ak-</i>	‘abrir’
	c. <i>sim-e</i>	‘fechar’		<i>sim-ar</i>	‘fechar’

Como propõem os autores, os afixos destacados estão em *v*. E as evidências para tal residem em que os morfemas passivos ocorrem numa posição acima de morfemas causativos (cf. WURMBRAND e SHIMAMURA, 2015, p. 5), o que sugere que o *locus* da passiva, onde também se projeta o argumento externo/agente, está acima de morfemas causativos/incoativos:

⁴⁶ CAUS = causativo.



Assim, os autores demonstram que, em japonês, a oração reestruturada ocorre com morfologia causativa, evidenciando tanto a projeção *vP*, *locus* do morfema causativo, quanto a projeção *VoiceP*, onde se projeta o argumento externo/agente, categoria licenciada pela estrutura causativa:

- (11) a. Zyagaimo-no kawa-ga { muk-i /* muk-e } -wasure-rare-tei-ta
Batata-GEN pele-NOM {descascar-Causativo/descascar-Incoativo esquecer-PASS-
PROG-PAS}⁴⁷
'Eles esqueceram de descascar as batatas.'
- b. Mado-ga { sim-e /*sim-ar } -tuzuke-rare-tei-ta
janela-NOM {fechar-Causativo/ fechar-Incoativo continuar-PASS-PROG-PAS
'Eles mantiveram a janela fechada.'

Em face dos dados apresentados, os autores argumentam em favor da presença da projeção *VoiceP* (expandida) nas estruturas reestruturadas.

Além das evidências acima, os autores demonstram que existem línguas, como as austronésias, em que existe morfologia de voz nos verbos da oração reestruturada, conforme demonstram os exemplos em (12):

- (12) a. [‘asa’-un] i bali’ a’iskán [ma-baliv t_i]
 [Querer-Pass] OBL Bali peixe [AV-comprar t_i]⁴⁸
 ‘ Bali quer comprar o peixe.’

⁴⁷ GEN = genitivo; PROG = progressivo.

⁴⁸ OBL = oblíquo; AV = voz ativa.

b. Kao i famagu'um pãra ufan-in-ayuda man-in-arekla as pali?

[Q as crianças FUT 3PL -Pass ajudar] PL RL in [Pass arranjar OBL padre]⁴⁹⁵⁰

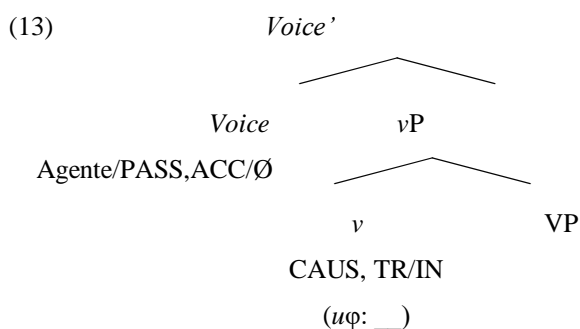
‘ São as crianças que o padre vai ajudar a ficarem prontas?’

Como se observa nos exemplos acima, há morfemas relacionados à marcação de voz nas orações do período reestruturado. O que os dados acima sugerem é que existe evidência empírica para se postular que a camada *VoiceP* está presente nas reestruturações, já que marcação de voz é comumente tida como uma propriedade dessa camada funcional.

Assumindo-se, dessa maneira, com base nos argumentos apresentados acima, que as reestruturações abrigam uma camada de *Voice* expandida, incluindo uma camada de *Voice* defectiva, *Voice_R*, discutimos, a seguir, as propriedades da projeção *Voice*, com base na proposta de Wurmbrand e Shimamura (2015).

4.1.2 Propriedades do domínio de *Voice*

Na proposta de camada expandida de *VoiceP*, a projeção *Voice* introduz o argumento *Agente* ou codifica a voz passiva, bem como, em conjunto com o traço de *Agente*, marca o Caso acusativo, e a projeção *vP* funciona como *verbalizador*, marca transitividade (transitivo/intransitivo) e é o *locus* da morfologia (e/ou do significado) da causatividade/incoatividade. Além disso, os autores propõem que a camada *Voice* tem traços-*phi*, os quais podem ser inseridos na derivação valorados ou não valorados. Tais traços se referem àqueles de gênero, pessoa e número. Em contraste, a camada *v* não tem traços-*phi*, exceto em alguns casos específicos, que discutimos adiante (cf. discussão detalhada em Wurmbrand e Shimamura, 2015):



⁴⁹ RL= reanálise; IN = intransitivo.

⁵⁰ FUT = futuro; 3PL = terceira pessoa do plural.

Numa construção ativa, *Voice* é inserido com um traço de *Agente*, trazendo também um traço valorado de Caso acusativo. A depender do tipo de VP, *v* é inserido com traço de causatividade ou não. *Voice* é inserido com traços-*phi* interpretáveis não valorados (traços $i\phi$) e, como consequência, um DP precisa ser concatenado para que tais traços sejam valorados, tendo como consequência uma estrutura em que um DP é o Agente/Spec de vP e um outro DP como objeto do verbo, já que a valoração de traços-*phi* em *Voice* corresponde a uma relação argumental (verbo, sujeito e objeto) (WURMBRAND e SHIMAMURA, 2015).

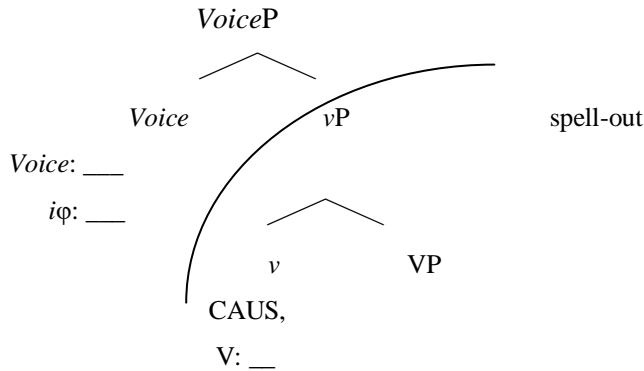
Para uma estrutura passiva, os autores propõem que *Voice* é inserido com um traço [PASSIVO] e com traços-*phi* interpretáveis valorados que correspondem ao que eles denominam Agente implícito. Como *Voice* é inserido com traços valorados nesse caso, não há concatenação de um sujeito não oblíquo. Como não há DP agente para marcar o Caso acusativo do DP na projeção de *Voice*, a marcação de Caso do DP fica dependente do domínio T, conforme argumentam Wurmbrand e Shimamura (2015, p. 8). Ademais, os autores propõem que a seleção morfológica é derivada por meio de traços-V não interpretáveis, que são valorados por meio de *Agree*. Por exemplo, se V é valorado por T com o traço interpretável de T: Passado, V é manifestado no verbo com o traço de [PASSADO]. Se V é valorado como Passivo por *Voice*, então V se apresenta com morfologia passiva.

Tendo feito uma breve revisão a respeito dos traços de *VoiceP* com base em Wurmbrand e Shimamura (2015), discutimos a seguir os dois tipos de reestruturação que os referidos autores apresentam. Os conceitos anteriormente discutidos servem de base para o entendimento da proposta dos autores.

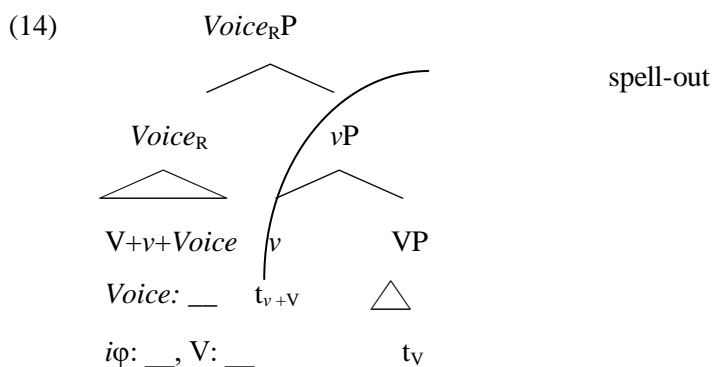
4.1.3 Tipos de reestruturação

Um dos principais objetivos do artigo de Wurmbrand e Shimamura (2015) é discutir os dois tipos de reestruturação que eles apresentam e relacioná-los a propriedades paramétricas das línguas. Para os autores, a reestruturação se configura – além da definição trazida no início deste capítulo – pela existência de uma camada *Voice* defectiva, *Voice_R*, que licencia o MLO, isto é, toda língua que apresenta reestruturação apresenta MLO. Conforme discutido anteriormente, os autores defendem que a falta de valor *Voice* (que introduz *Agente* ou voz passiva) em *Voice_R* proíbe a concatenação de sujeito DP/Agente e a marcação de Caso acusativo – por isso, um *Voice* defectivo. Dessa forma, a ausência de PRO na oração

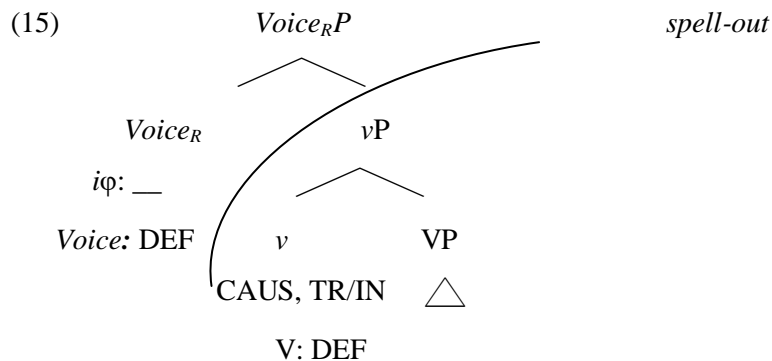
encaixada e a ausência de Caso para o objeto encaixado são as duas propriedades fundamentais para o MLO. Como a proposta é que a camada *VoiceP* é expandida, é preciso dar conta também da camada *vP*, como em (14):



A fim de evitar que o traço-V vá para *spell-out* sem valoração, duas são as estratégias que as línguas nas quais há reestruturação apresentam. A primeira é promover a incorporação de V-*v*-*Voice* (cf. (13)), a qual remove do domínio de *spell-out* mais baixo o verbo e o núcleo *v*. Dessa forma, os traços não valorados de *v* não vão para *spell-out* em um primeiro momento e têm nova oportunidade para serem valorados. Tal estratégia tem como consequência a concordância de voz entre a oração matriz e a encaixada. Para os autores, a incorporação é motivada por *Voice* como um todo, não necessariamente por um traço específico de *Voice*, como a passivização.



A segunda estratégia é inserir um valor *default* no núcleo de *Voice*, como em (16). Esse valor é transmitido para *v* por meio de *Agree* e, no *spell-out*, a forma *default* específica de cada língua é realizada no verbo como o valor de *v*:

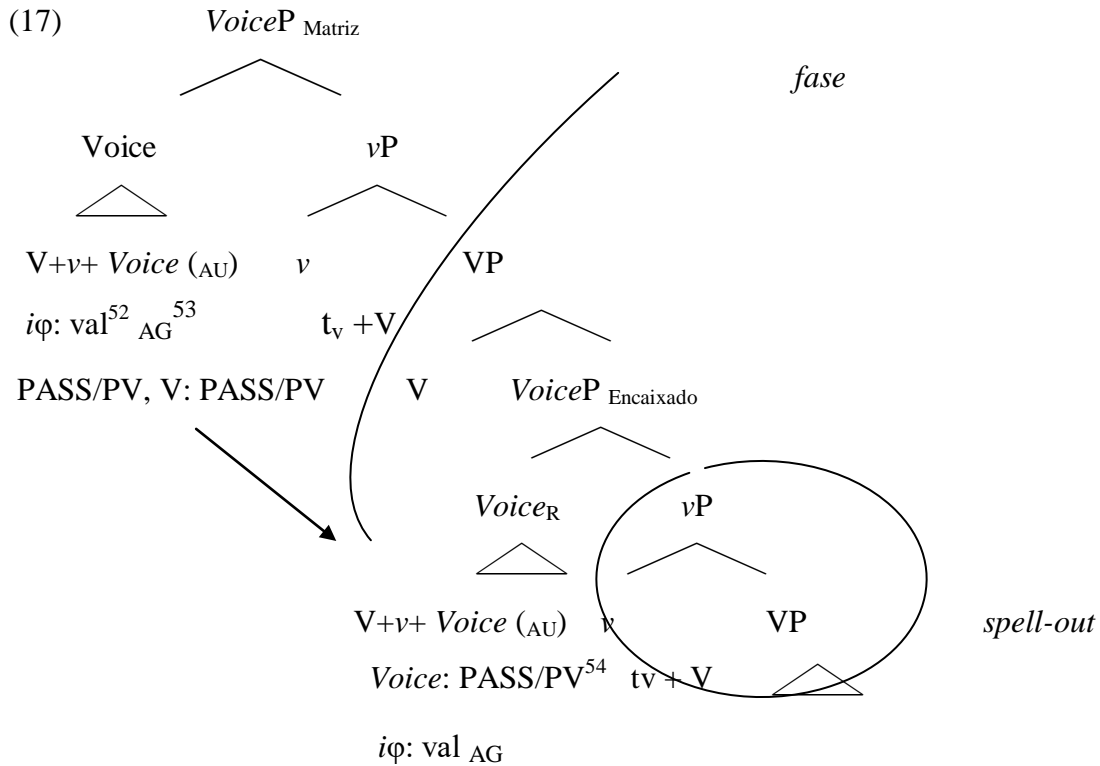


Nesta tese, defendemos que as TCs são reestruturações do tipo de *voice matching* ou incorporação e passamos à análise mais detalhada desse tipo de resstruturação. Para tanto, apresentamos exemplos retirados de Wurmbrand e Shimamura (2015, p. 12), em que ocorre a concordância de voz em decorrência da reestruturação de incorporação, cuja estrutura é a que está representada em (17):

- (16) a. Pära tafaⁿ-ma-chägi ma-na'fanätuk ni lalahi siha (chamorro)
 FUT 1PL-Passivo-tentar NPL.RL.in.Passivo-esconder OBL homens PL
 'O homem vai tentar esconder todos nós. '
- b. Iliskinun-ku bunbun- a tu baliv-un
 querer-VozPass-1SG.ACC banana-queNOM comprar-VozPass
 'Eu queria comprar bananas.'

Em (17), cuja derivação encontra-se em (18), o valor do traço *Voice* (AU) é transferido para *v/V* por meio do traço *V: __* não valorado, o qual proíbe a concatenação de agentes DPs.⁵¹ *Voice* (AU) é morfologicamente *spelled out* no verbo.

⁵¹ Os autores representam (AU) apenas para diferenciar a marcação de voz nessas orações das orações ativas/passivas austronésias das línguas europeias em geral. Argumentam que pode ser um tipo de traço distinto, embora não entrem em maiores detalhes (cf. WURMBRAND e SHIMAMURA, 2015, p. 12).



Dessa forma, os traços-phi de *Voice_R* são valorados pelos traços-phi do sujeito da oração matriz ou pelo *Voice* da oração matriz (passivo ou com traços de passivo). Em construções com voz passiva na oração matriz, os traços-phi de *Voice* são inseridos valorados, com os valores correspondendo a um agente implícito. Um Agente é realizado como um argumento oblíquo. Como *Agree* envolve compartilhamento de traços, os traços-phi semânticos das duas camadas de *Voice* são compartilhados, estabelecendo uma relação de correferência e/ou controle, a qual não é, portanto, mediada pela existência de um PRO na oração encaixada, pois é justamente a falta de PRO um dos gatilhos para que haja reestruturação.

Ademais, Wurmbrand e Shimamura (2015) provêm exemplos de reestruturação de incorporação com morfologia visível. Nesse sentido, demonstram que, em chamorro, dois morfemas podem aparecer a depender de se a reestruturação está no singular ou no plural. Em sentenças em que o agente implícito, termo utilizado pelos autores para designar os especificadores oblíquos, está no plural, o afixo é *ma-*; em sentenças que aquele ocorre no singular, o afixo é *-in*:

⁵² val = valorado.

⁵³ AG = agente.

⁵⁴ PV = voz passiva.

- (18) Hagu pära un-tinituhun in-änña ni nana-n Joaquin
 você FUT 2SG⁵⁵.IR.IN- PASS.AG.SG.começar PASS.AG.SG-bater OBL mãe- Joaquin
 ‘A mãe de Joaquim vai começar a punir você.’

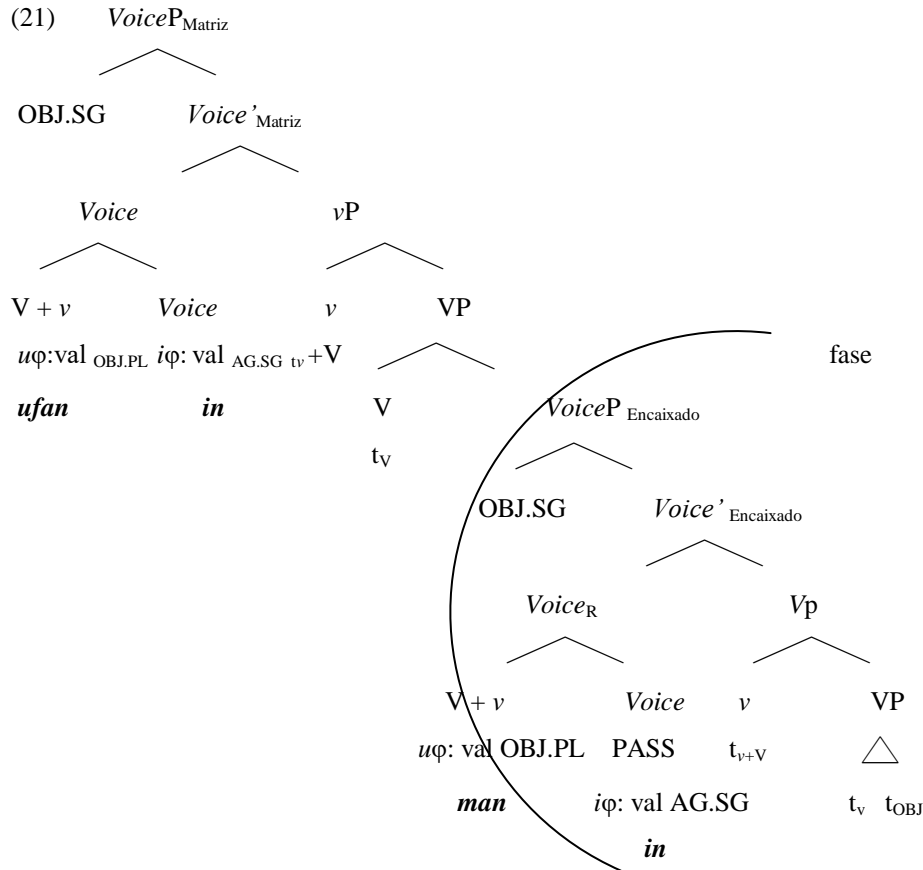
Nas estruturas em que ocorre um DP sujeito no singular e um argumento implícito no plural em chamorro, os autores demonstram que, ainda assim, a morfologia que aparece é a do plural, *ma-*:

- (19) Ma-hähassu ni istudianti ma-bisita i ma’estra
 PASS.AG.PL-pensar.PROG OBL alunos PASS.AG.PL-visitar o professor
 ‘Os alunos estão pensando em visitar o professor.’

De acordo com os autores, as reestruturações mencionadas em chamorro também envolvem concordância com o sujeito. Para Wurmbrand e Shimamura (2015), as camadas de *Voice* são fases e tanto *Voice* e, excepcionalmente, *v* têm traços-*phi*, os primeiros interpretáveis e os segundos puramente morfológicos, isto é, não interpretáveis. Como demonstra a derivação em (22), o objeto se move de forma cíclica por todas as bordas das fases (motivado pela necessidade de Caso) e, quando alcança SPEC, *VoiceP* encaixado, ele valoriza os traços de *v* (o qual se incorporou a *Voice_R*). Dessa maneira, apenas *v* pode ser valorado por meio de movimento de objeto para a borda do *VoiceP* encaixado, o qual, para os autores, é responsável pela concordância com o sujeito em Chamorro:

- (20) Kao i famagu’un pära ufan-in-ayuda man-in-arekla as pali’?
 Q the children FUT 3PL.IR.IN-PASS-help PL.RL.IN-PASS-arrange OBL priest
 ‘Is it the children who the priest will help to get ready?’
 ‘São as crianças que o padre vai ajudar a ficarem prontas.’?

⁵⁵ SG = singular.



Nesse sentido, o efeito de dupla concordância fornece evidências para a hipótese de que tanto *Voice* quanto *v* carregam traços-phi independentes, o que tem como consequência a postulação de que a oração matriz e a encaixada marcam transitividade separadamente (23):

- (22) a. Ma'a'ñao i pätgun ha-taitai esti na lepblu (chamorro)
 NPL.RL.IN.medroso a criança 3SG.RL.TR-ler esse livro⁵⁶
 'A criança está com medo de ler esse livro.'
- b. Ma-tutuhun man-mahalang i famalao'an as Dolores
 3PL.RL.TR-começar PL.RL.IN-pena as crianças OBL Dolores
 'As mulheres começaram a sentir pena por Dolores.'

Em (23a), há dois morfemas marcando transitividade: um morfema marcando intransitividade na oração matriz e outro na oração encaixada, demonstrando haver dois tipos

⁵⁶ TR = transitivo.

de grades argumentais na oração reestruturada. Em (23b), o oposto: o morfema de transitividade na oração matriz e o de intransitividade na oração encaixada.

Na próxima seção, procedemos à análise dos dados do português brasileiro, dadas as premissas apresentadas e seguindo a proposta de Wurmbrand e Shimamura (2015) de que existe reestruturação de concordância de voz e que os períodos reestruturados apresentam uma camada de *Voice* defectiva na oração encaixada, a fim de comparar os dados das duas línguas e propor que são o mesmo fenômeno de reestruturação.

4.2 Análise do português brasileiro à luz da proposta de Wurmbrand e Shimamura (2015)

Conforme discutido anteriormente, o PB apresenta efeito de concordância dupla nas TCs, diante do contraste da (maior) obrigatoriedade da preposição nos exemplos (24c-d)/(25c-d) em relação aos exemplos (24a-b)/(25a-b):

- (23) a. O bolo é difícil (de) fazer/(de) ser feito.
b. O Daniel é fácil (de) enganar/(de) ser enganado.
c. O bolo e a torta são difíceis */?(de) fazer/ */?(de) serem feitas.
d. O Daniel e o Lucas são difíceis */?(de) enganar/ */?(de) serem enganados.
- (24) a. O Raul é difícil (de) pegar/ (de) ser pego.
b. Nossa amizade vai ser tranquila (de) reatar/(de) ser reatada.
c. O Raul e o Murilo são difíceis */?(de) pegar/ */?(de) serem pegos.
d. Nossa amizade e confiança vão ser tranquilos */?(de) reatar/ */?(de) serem reatados.

Havendo aí exemplos de possível MLO e fenômeno de concordância dupla sinalizada pelo uso obrigatório da preposição nos contextos de plural, argumentamos em favor da ideia de que as TCs em português brasileiro têm comportamento de reestruturação nos termos de *voice matching*.

Para sustentar a hipótese, o primeiro teste que fazemos é o do uso da preposição em contextos de lexicalização do sujeito da oração encaixada, o qual pode se lexicalizar por meio de uma expressão impessoal como “qualquer um”:

- (25) a. O bolo é fácil [(de) qualquer um] fazer.
 b. O Daniel é fácil [(de) qualquer um] agradar.
 c. A Maria é difícil [(de) qualquer um] enganar.
- (26) a. O bolo e a torta são fáceis [* (de) qualquer um] fazer].
 b. O Daniel e o Lucas são fáceis [* (de) qualquer um] agradar.
 c. A Maria e os meninos são difíceis [* (de) qualquer um] enganar.

O que os dados acima evidenciam é que, mesmo com o especificador lexicalizado, a preposição se mostra obrigatória nos contextos de plural, o que sugere que a opcionalidade/obligatoriedade da preposição não está relacionada à lexicalização ou não de sujeito. Inicialmente, formulamos a hipótese de que se trata do compartilhamento de traços-*phi* da oração matriz com a oração encaixada num processo de reestruturação, tal como exemplificado na seção anterior; no caso das TCs, a preposição manifesta os traços-*phi* da oração encaixada em processo de concordância com os traços-*phi* da oração matriz.

Recuperamos o exemplo (21) em (28), pois, nesse caso, aparecem morfemas lexicalizados representando a marca do plural tanto na oração encaixada quanto na oração matriz. Como vimos anteriormente, a morfologia nos exemplos em que há concordância na reestruturação em chamorro se refere a sujeito oblíquo no singular ou no plural. Quanto ao PB, propomos, inicialmente, que a morfologia reflete a concordância entre os traços-*phi* da oração matriz e a oração encaixada, num tipo de concordância também atestada em chamorro, conforme apontam Wurmbrand e Shimamura (2015):

- (27) a. Kao i famagu'un pära ufan-in-ayuda man-in-arekla as pali'?
- Q the children FUT 3**PL**.IR.IN-PASS-help PL.RL.IN-PASS-arrange OBL priest
- ‘Is it the children who the priest will help to get ready?’
- b. Os bolos [ϕ são] fáceis [* (de) ϕ fazer].



Propomos, ainda, que os traços-*phi* que fazem concordância com os traços-*phi* da oração encaixada são os da oração matriz, e não os do sujeito da oração matriz, conforme se pode depreender de (27), exemplos de variedades não padrão do português brasileiro:

- (28) a. Os menino(s) é fácil de enganar/enganar.
 b. As torta(s) é boa de comer/comer.
 c. Os menino(s) é difícil de controlar/controlar.
 d. As banana(s) é boa de cozinhar/ cozinhar.

Em (29), embora o morfema plural possa não aparecer no núcleo NP, ele deve aparecer no núcleo do DP para conferir a leitura de plural para o NP complemento. Dessa forma, o contraste do uso do plural no DP com o uso do singular do NP e a existência da possibilidade de flutuação da preposição nesses casos evidencia que o que motiva a obrigatoriedade da preposição são os traços do núcleo da oração matriz (ou manifestados nele), isto é, a oração em si, e não os sujeitos a ela relacionados.

Assim, para sustentar a hipótese inicial de que as TCs em PB se assemelham às reestruturações descritas em Wurmbrand e Shimamura (2015) para o chamorro, com base na aparente concordância manifestada pela preposição *de* na oração encaixada em português brasileiro, faz-se necessário testar os dados de TCs em português brasileiro em face das características que Wurmbrand e Shimamura (2015) relacionam a reestruturações.

Nesse sentido, procedemos a uma comparação dos dados em português com características das TCs (cf. WURMBRAND e SHIMAMURA, 2015), a fim de corroborar a hipótese de que as TCs em português são reestruturações.

- (i) Reestruturações não licenciam PRO e licenciam agente implícito (sujeito oblíquo):

- (29) a. O bolo é difícil de [*PRO] fazer.
 b. O Daniel e o Lucas são difíceis de [*PRO] agradar.
 c. O Raul é fácil *(do) Daniel pegar⁵⁷.
 d. Nossa amizade e nossa confiança vão ser fáceis *(de) nós reatarmos.

- (ii) Há subida de um objeto lógico encaixado para a posição de SPEC, TP matriz para valoração de Caso:

- (30) a. O bolo e a torta_i são difíceis de fazer [t_i].
 b. O Daniel e o Lucas_i são difíceis de enganar [t_i].

⁵⁷ Numa leitura de foco em relação ao DP [Raul], é possível que a sentença seja gramatical sem o uso da preposição.

Nos exemplos em (31), embora não possamos asseverar que há de fato uma subida dos sintagmas [o bolo e a torta] e [o Daniel e o Lucas] da oração encaixada para a posição de sujeito, há, ao menos, a noção lógica desse movimento, pois é inquestionável a relação lógica entre os sintagmas [o bolo e a torta] e [o Daniel e o Lucas] com os predicados [fazer] e [enganar], respectivamente, o que nos permite supor que, se não há de fato um movimento sintático da posição da oração encaixada para sujeito da oração matriz, há a noção semântica de ligação entre tais sintagmas DP e os verbos da oração encaixada, conforme argumentado.

(iii) Há concordância de voz entre a oração matriz e a encaixada nas reestruturações de incorporação:

(31) a. [O Raul e o Murilo **são** difíceis] [de pegar/de **serem pegos**].

b. [O bolo e a torta] **são** difíceis[de fazer/ de **serem feitas**].

Para o exemplo (32), formulamos a hipótese de que há concordância de voz, como descrita em Wurmbrand e Shimamura (2015), no sentido de que é possível haver reestruturação por meio de um traço semelhante ao traço passivo na oração matriz (cf. WURMBRAND e SHIMAMURA, 2015, p. 1). A cópula da oração matriz carrega o traço mais ou menos passivo necessário, pois é a cópula responsável pelas orações passivas em português. E como a oração encaixada pode aparecer na forma passiva (cf. (24, 25)), as TCs em português brasileiro contêm o traço passivo, que entra em concordância com o traço mais ou menos passivo da cópula da oração matriz e promove a reestruturação, ou o movimento longo do objeto, o que faz manifestar a concordância por meio da preposição *de* em português brasileiro. Conforme demonstramos novamente em (33), a preposição se mostra (mais) obrigatória nos contextos em plural, indicando aí um fenômeno de concordância.

(32) a. O bolo e a torta são difíceis */?(de) fazer/ */?(de) serem feitas.

b. O Daniel e o Lucas são difíceis */?(de) enganar/ */?(de) serem enganados

Dessa forma, como a reestruturação tem como consequência a concordância de voz entre a oração matriz e a oração encaixada, segue-se que, por conta da leitura inovadora das *tough constructions* em PB – *João [agente] é difícil (de) pagar* –, surge, por hipótese, a

estrutura em que a TC permite a estrutura passiva analítica *João é difícil (de) ser pago*, a fim de, por hipótese, desambiguar as duas leituras.

Com efeito, a semântica de agente atribuída ao DP da oração matriz força uma estrutura em que a oração encaixada licencia a voz passiva analítica, a fim de desambiguar as leituras de agente e paciente do DP da oração matriz, já que a voz passiva analítica na oração encaixada implica unicamente a leitura de paciente do DP da oração matriz. Dessa maneira, havendo na oração matriz o traço mais ou menos passivo pela cópula **ser** e os traços de voz passiva na oração encaixada – lexicalmente manifestados pela voz passiva analítica –, têm-se aí condições perfeitas para uma leitura de reestruturação de incorporação com MLO, nos moldes defendidos por Wurmbrand e Shimamura(2015).

Assim, em (34), demonstramos a possível gramaticalização ocorrida em português brasileiro para as TCs: (34a) é reanalisada como (34b) e promove (34c e d).

(33) a. João [paciente] é difícil de enganar.

>

b. João [agente] é difícil de enganar.

>

c. João[paciente] é difícil de ser enganado.

>

d. João[agente/paciente] é difícil de enganar [+/-traços de voz passiva, isto é, traços disponíveis].

Como se vê em (34), a desambiguação por meio da disponibilidade da voz passiva na oração encaixada, a qual é motivada pela leitura de agente atribuída ao DP da oração matriz, faz surgir uma estrutura *tough* em que a oração encaixada carrega traços de voz passiva, os quais podem estar disponíveis ou não, a depender da semântica do DP da oração matriz, e isso implica o surgimento de uma reestruturação de *matching voice*, a partir dos traços mais ou menos passivos da cópula da oração matriz combinados aos traços inovadores de voz passiva da oração encaixada.

Ademais, conforme descrito nas linhas anteriores, para Wurmbrand e Shimamura (2015), o MLO é um fenômeno em que “o objeto da oração encaixada é alçado ao sujeito da

oração matriz em função de uma operação de voz passiva (ou com semelhanças/traços de uma) do predicado da oração matriz” (WURMBRAND e SHIMAMURA, 2015, p. 1).⁵⁸

Algo ainda deve ser dito em relação TCs em português brasileiro quando o sujeito da oração matriz carrega a leitura de agente (cf. (35)), pois o sujeito implícito da oração encaixada tem a interpretação do mesmo agente da oração matriz, o que contraria, *a priori*, a postulação de reestruturação das orações *tough*, na medida em que a leitura agentiva em relação ao DP da oração matriz bloqueia a lexicalização da voz passiva na oração encaixada, conforme os exemplos em (33):

- (34) a. Daniel_i é complicado (de) [t_i] pagar/*[t_i] ser pago.
b. Maria_i é difícil (de) [t_i] enganar/*[t_i] ser enganada.

Os exemplos acima, como dito anteriormente, podem apresentar problema para a análise no sentido de que a leitura correferencial pode requerer a existência de um PRO da oração infinitiva. Para resolver essa possível contradição, recorremos a Wurmbrand e Shimamura (2015), os quais argumentam que, nesses tipos de reestruturação, há uma leitura de controle/correferência obrigatória entre a oração matriz e a oração encaixada motivada pela concordância de traços-phi semânticos da camada *Voice* da oração matriz e a camada *Voice_R* da oração encaixada. Dessa forma, dispensa-se a existência de PRO nessas reestruturações e não se viola um dos princípios básicos para a existência de MLOs.

Seguimos essa ideia; no entanto, abrimos, por hipótese, a possibilidade para a existência de dois tipos de reestruturação com concordância de voz em português brasileiro: uma em que não há o compartilhamento de traços semânticos das duas camadas de *Voice* no período reestruturado, o que confere a leitura de paciente ao sujeito da oração matriz (36a) e outra em que há concordância dos traços-phi semânticos das duas camadas de *Voice* no período reestruturado, conferindo a leitura correferencial (36b), não sendo disponível, portanto, lexicalmente a voz passiva analítica nesses casos:

- (35) a. O Daniel [paciente] é difícil (de) pagar – sem *Agree* de traços-φ semânticos
b. O Daniel [agente] é difícil (de) [agente] pagar – com *Agree* de traços-φ semânticos

⁵⁸ No original: “In which the object of the embedded predicate is promoted to matrix subject due to passive (or a passive-like operation) of the matrix predicate”. (WURMBRAND e SHIMAMURA, 2015, p. 1)

É importante frisar que a opcionalidade, motivada pela possibilidade de o DP da oração matriz ter semântica de agente ou paciente, é em relação ao compartilhamento de traços-phi semânticos, pois o compartilhamento dos traços sintáticos é, na nossa análise, obrigatório. Essa hipótese ganha força quando observamos a natureza da preposição *de*, puramente funcional, sem carga semântica.

Assim, sendo a concordância de traços-phi sintáticos obrigatória nas TCs em português brasileiro, na nossa análise, verdadeiros casos de MLOs, devemos explicar o porquê de a preposição *de* ser obrigatória apenas em contextos no plural, ou pelo menos se mostrar muito mais obrigatória que nos casos no singular. Para tanto, recorremos ao quadro de morfemas verbais em português brasileiro e observamos que o morfema de número de terceira pessoa do singular é zero (37), enquanto o morfema de número de terceira pessoa do plural é morfologicamente explícito sistematicamente:

(36)

Indicativo

3ª pessoa singular	Ela fazØ	Ela vaiØ	Ela cantavaØ
	Ela faráØ	Ela iráØ	Ela cantaráØ
	Ela fezØ	Ela foiØ	Ela cantouØ
3ª pessoa plural	Elas fazem	Eles vão	Eles cantavam
	Elas farão	Eles irão	Eles cantarão
	Elas fizeram	Eles foram	Eles cantaram

Subjuntivo

3ª pessoa singular	Ela façaØ	Ela váØ	Ela canteØ
	Ela fizesseØ	Ela fosseØ	Ela cantasseØ
3ª pessoa plural	Elas façam	Elas vão	Eles cantem
	Elas fizessem	Elas fossem	Eles cantassem

Embora existam formas nas variedades não padrão em que a terceira pessoa do plural apareça com as formas da terceira pessoa do singular *Elas faz*; *Elas vai*; *Elas cantava*, formulamos a hipótese de que, para as estruturas TCs, que foram reanalisadas para MLOs, tais variedades não foram levadas em conta, o que sugere, inicialmente, que a morfologia do

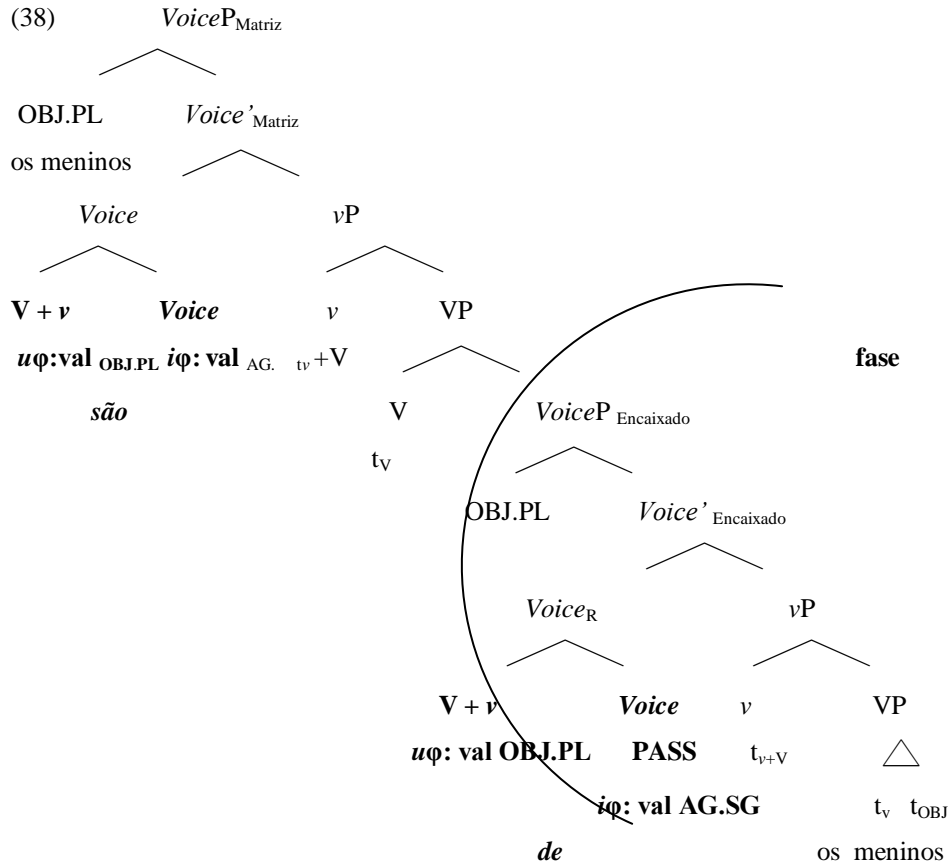
plural de terceira pessoa ainda faz parte da gramática do português brasileiro e que ela é a estrutura subjacente de onde surge a variedade não padrão.⁵⁹

Portanto, da mesma forma que se postula a existência de um morfema nulo nos exemplos em (36) para a terceira pessoa do singular, postulamos a existência de uma preposição nula para os casos de TCs reanalisadas para MLOs no singular, em que não há preposição lexicalizada (37)):

- (37) a. Esse lugar é bom [de/Ø] visitar à noite.
b. Meu cabelo é difícil [de/Ø] cortar.

Assim, para uma estrutura como *Os meninos são difíceis de enganar*, focando na concordância dos traços-*phi* sintáticos, tem-se a seguinte representação (cf. página seguinte):

⁵⁹ Não temos conhecimento de morfologia visível para a terceira pessoa do singular em português brasileiro, o que deixa lacunas em relação ao porquê de a preposição poder aparecer em contextos no singular marcando os traços-*phi*, pois a sua não lexicalização obrigatória é que seria esperada.



Conforme demonstrado acima, formulamos a hipótese de que, na estrutura em (39), o DP [os meninos] se origina como argumento interno da oração encaixada na projeção de *VoiceP* encaixado, o qual contém o traço defectivo de *Voice*, manifestado pela camada *Voice_R*, o qual não projeta agente nem carrega o traço de valoração de Caso acusativo para o DP [os meninos], o que promove a subida desse DP para SPEC, *VoiceP* encaixado até a posição de sujeito da oração matriz (a subida é cíclica). Quando está na posição de SPEC, *VoiceP* encaixado, o DP valora os traços-phi de *v* (que se incorpora a *Voice_R*). No entanto, conforme argumentam Wurmbrand e Shimamura (2015), os traços-phi de *v* são puramente morfológicos, enquanto os traços-phi de *Voice*, no caso da oração matriz, são interpretáveis. Dessa forma, podemos formular a hipótese de que a valoração dos traços-phi de *v* pelo DP [os meninos] é apenas em relação a traços puramente morfológicos, os quais, conforme se depreende da leitura de Wurmbrand e Shimamura (2015), podem ser chamados não interpretáveis. Nesse sentido, a preposição *de* aparece como manifestação dos traços-phi morfológicos de *v*, o qual se incorpora também a *Voice_R*.

Em seguida, o DP [os meninos] sobe novamente para o sujeito da oração matriz para ter seu Caso valorado. Dessa forma, surge a estrutura *Os meninos são difíceis de*

enganar, em que a preposição *de* é a manifestação da valoração do DP [os meninos] dos traços-*phi* morfológicos de *v*, na subida cíclica que o DP [os meninos] faz até chegar à posição de sujeito da oração matriz para ter seu Caso valorado.

Assim, defendemos que a preposição *de* é a manifestação da valoração dos traços-*phi* morfológicos de *v*, e tal valoração, conforme argumentam Wurmbrand e Shimamura (2015) para os dados em chamorro, enseja a concordância entre a oração matriz e a oração encaixada. Na oração matriz, manifesta-se a concordância com o DP [os meninos] com a forma verbal *são*. Como a camada *Voice* da oração matriz não é defectiva, os traços-*phi* de *Voice* interpretáveis são valorados pelo DP [os meninos], ao qual também é conferido o papel semântico, seguindo Wurmbrand e Shimamura (2015).

Enquanto a língua chamorro apresenta duas morfologias distintas para a realização de *Voice* e do traço de *v* (V), o PB, por hipótese, sincretiza essas duas funções na forma *são* e *de*, esta na oração encaixada e aquela na oração matriz. Assim, motiva-se a reanálise das TCs para uma reestruturação de incorporação com base no traço [+passivo] que o PB apresenta disponível nessas construções, o que culmina numa estrutura em que se compartilha esse traço com a oração matriz por meio do traço [+passivo] da cópula da oração matriz, surgindo, assim, a reestruturação de incorporação, conforme argumentado anteriormente.

Em suma, defendemos que o português brasileiro apresenta reestruturação e que a preposição *de* marca o efeito de MLO nas TCs reanalisadas para reestruturações, bem como que a preposição funcional *de* tem estreita relação com a manifestação dos traços-*phi* dos verbos, conforme também argumentado no capítulo anterior em relação às orações infinitivas em contextos inacusativos.

Tendo defendido que a preposição *de* tem estreita ligação com a manifestação de traços-*phi* no português brasileiro, especificamente os de número, demonstramos, no capítulo 5, que existem diversos exemplos em português brasileiro, juntamente com dados do francês e do italiano, em que se observa um uso não canônico da preposição *de* assumindo o papel de determinantes, típicos manifestadores de traços-*phi* translinguisticamente. O referido capítulo objetiva tornar robustas as análises desenvolvidas nos capítulos anteriores, ao demonstrar que a preposição *de* manifesta traços-*phi* em contextos outros do português brasileiro, do francês e do italiano.

CAPÍTULO 5

A preposição *de* como manifestadora de traços-*phi*

Neste capítulo, formulamos hipóteses que caminham para a análise de que a preposição *de* manifesta traços de número e pessoa no português brasileiro, conhecidos como traços-*phi* (incluindo-se aí os de pessoa, que excluímos para a análise da preposição *de*). A primeira hipótese é corroborada, em princípio, pela existência de preposições flexionadas, de cujos exemplos lançaremos mão mais adiante, sugerindo, assim, a existência de traços-*phi* disponíveis nas preposições, especialmente o *de*, objeto desta tese.

Além disso, discutimos a variação por que passa o português brasileiro no seu paradigma verbal, algo praticamente consensual no âmbito dos estudos de concordância, na direção da segunda hipótese deste capítulo, segundo a qual essa variação de concordância tem efeito na escolha dos núcleos funcionais que expressam traços-*phi*. Em outros termos, admitimos que a variação que ocorre no sistema de concordância atinge núcleos funcionais outros, os quais, em caráter de variação, manifestam traços de número/gênero/pessoa (como dito, excluímos o traço de pessoa para a preposição *de*).

Essa segunda hipótese advém da análise comparativa com o francês, língua em que o sistema flexional não mais expressa de forma sistemática morfologias distintas entre terceira pessoa do singular e terceira pessoa do plural (permanecendo apenas na escrita tal distinção), tampouco a marcação de plural nos nomes, isto é, um nome no singular e no plural são pronunciados de maneira idêntica nessa língua, e em que a preposição *de* se comporta de maneira também sistemática como manifestadora de traços-*phi* de número e gênero, especialmente nos casos em que sua inserção se dá em contextos onde se poderia esperar um artigo, manifestador prototípico dos referidos traços.

Por fim, lançamos mão de exemplos, a fim de sustentar a nossa terceira hipótese, em que a preposição *de* apresenta flexão visível em falares regionais e flagrantemente menos monitorados, em direção à formulação de que o português brasileiro apresenta dois tipos de *de*, isto é, duas entradas lexicais com traços morfossintáticos distintos. Tal assunção se deve ao fato de os dados apresentarem comportamentos morfossintáticos distintos da preposição *de* e pelo fato de o italiano já apresentar, como defendemos, dois tipos de *de*, *di* e *da*.

5.1 A variação de concordância no português brasileiro

Desde o fim da década de 80, a questão sobre concordância, tanto verbal quanto nominal, tomou um rumo no sentido de sedimentar a ideia de que o português brasileiro apresenta variação na concordância e que esta se dá de maneira perfeita, variável e condicionada tanto por fatores sintáticos quanto por fatores sociais (cf. SCHERRE, 1988).⁶⁰

Assim, nesta seção, buscamos demonstrar que o português brasileiro apresenta variedade na concordância de número, tanto no sintagma verbal quanto no nominal, e defendemos que novas formas de concordância de número no português brasileiro têm correlação direta com a manifestação de núcleos funcionais outros, os quais demonstram sintaticamente tal variação, conforme a ideia aqui defendida de que as variações linguísticas tendem a ser expressas em diversos contextos sintáticos, isto é, a variação tende a apresentar-se no sistema como um todo, na linha do que é discutido, por exemplo, em relação ao parâmetro *pro-drop*, que, conforme argumenta CHOMSKY (1981), está ligado à concordância e ao sistema de Caso; em outras palavras, uma variação sintática influi em outros contextos sintáticos da língua.

Scherre (1988, 1994, 2007) e Scherre e Naro (1998) demonstram, por meio de trabalhos detalhados e amplamente reconhecidos no âmbito da linguística brasileira, que a variação de número que ocorre no português vernacular, exibindo variantes explícitas ou variantes zero, é sistemática, ao contrário do que ocorre no português europeu. Confirmam-se os exemplos em Naro e Scherre (1998, p. 1):

(1) Concordância Verbo/Sujeito:

a. Eles ganha**M** demais da conta. (variante explícita)

b. Eles ganha Ø demais. (variante nula)

Concordância entre os elementos do sintagma nominal:

c. Os fregueses; as boas ações; essas coisas todas. (variante explícita)

d. Que as coisa Ø tá carã Ø. (variante zero)

e. Os meus filhos foram amamentados. (variante explícita)

f. Os meus filhos foram alfabetizado Ø. (variante nula)

⁶⁰ Embora esta tese tenha como fundamento epistemológico a teoria gerativa e, consequentemente, o formalismo como direcionador das hipóteses aqui formuladas, não negamos as inúmeras pesquisas e a própria vivência linguística que demonstram que fatores como escolaridade, faixa etária, pertencimento a grupos distintos, gênero, entre outros, afetam a escolha por um ou outro tipo de concordância.

Concordância nos predicativos e participios passivos:

- g. ...as coisas tão muito cara**S**,né? (variante explícita)
- h. Que as coisa Ø tá Ø carão. (variante zero)
- i. Que os meus filhos foram amamentados. (variante explícita)
- j. Os meus filhos foram alfabetizado Ø. (variante zero)

Conforme os exemplos acima demonstram, a concordância de número, tanto no âmbito nominal quanto no verbal, oscila entre variantes zero e variantes explícitas, na terminologia dos autores. Estes argumentam, dentre os vários fatores que condicionam a escolha de um tipo de variante ou outro, que a saliência fônica e a posição sintática são dois dos fatores mais importantes no que concerne à variação no português brasileiro.

Para o primeiro fator, desde Naro e Lemle (1976) e Naro (1981), observa-se que “o aumento da saliência fônica na oposição singular/plural aumenta as chances de concordância verbal” (NARO e SCHERRE, 1998, p. 3), havendo, para os autores, dois critérios relacionados à saliência: (i) presença ou ausência de acento tônico e (ii) quantidade de material fônico que diferencia a forma singular da forma plural. Dessa forma, em Naro e Scherre (1998), se confirma a ideia de que, quanto maior a diferença fônica da forma singular para a forma plural, maior a probabilidade de concordância.

A marcação de número/plural nos sintagmas nominais ocorre de forma semelhante, conforme defendem Naro e Scherre (1998, p. 4):

De forma geral, todos os itens mais salientes favorecem mais a presença de marcas explícitas nos elementos nominais dos SNs. Os menos salientes, os regulares, favorecem menos a presença de marcas explícitas. Neste caso, há uma oposição nítida entre o efeito dos regulares oxítonas – favorecedores – e os regulares paroxítonos – desfavorecedores. Todavia, **o efeito da saliência na concordância nominal em função dos anos de escolarização é menos evidente do que na concordância verbal.** (grifo nosso)

Observando-se os dados trazidos em Naro e Scherre (1998, p. 6), corroboram-se as palavras acima: os autores demonstram que o plural metafônico *ovos*, de *ovo*, tende a ser mais marcado (88% de ocorrência), seguindo-se plurais com mudança de *l* para *is* – *igual/iguais* – (84% de ocorrência) e plurais com mudança de vogais nasais – *avião/aviões* – (com 85% de ocorrência). A partir desses exemplos, contrasta-se o par *casa/casas*, plural regular de base paroxítona, em que a ocorrência da forma plural é de 69%, ou de *médico/médicos*, plural regular de base proparoxítona, em que a ocorrência da forma plural é de 54%.

Em relação à análise da posição dos sintagmas, desde Lemle e Naro (1997), tem-se demonstrado que a presença do sujeito e a sua posição em relação ao verbo têm forte influência na escolha verbal, conforme argumentam Naro e Scherre (1998).

Naro e Scherre (1998, p. 8) elencam quatro posições que podem influenciar a concordância verbal:

- (i) sujeito imediatamente anteposto;
Ex: Eles dizEM: “chutei tudo”.
- (ii) sujeito anteposto separado do verbo por 1 a 4 sílabas;
Ex.: Eles também não dizØ.
- (iii) sujeito anteposto separado do verbo por 5 ou mais sílabas;
Ex.:Essas troca de experiência vaiØ.
- (iv) sujeito posposto ao verbo.
Ex.: Aí bateuØ dois senhores na porta.

Observando-se os dados em Naro e Scherre (1998, p. 8), vê-se que o fator mais forte para a ocorrência de concordância verbal relacionada à posição está nos casos em (i), os quais representam 82% de ocorrência na amostra dos autores. Em relação aos aspectos (ii) e (iii), eles demonstram que, quanto maior a distância entre o sujeito e o verbo, menos o verbo tende a marcar explicitamente a concordância; para (ii), 74%; para (iii), 61%. Quanto ao aspecto (iv), os autores demonstram que esse é o fator mais preponderante para a não marcação explícita de concordância verbal, com apenas 26% de ocorrências gerais na amostra analisada por eles.

O aspecto (iv) se observa principalmente, como já discutido nos capítulos anteriores, em ambientes inacusativos, isto é, com verbos intransitivos que projetam apenas argumento interno, também denominados *ergativos*:

- (2) a. Aí bateuØ dois senhores na porta
b. SairáØ das AD's caravanas de docentes para participarem desse evento.

Como os exemplos acima, retirados de Naro e Scherre (1998, p. 8), demonstram, o verbo anteposto ao nome tende a manter-se no singular, devido à ordem do português brasileiro (S)+V+O e ao fato de as inversões ocorrerem em contextos específicos da língua

(cf. Pilati, 2006, para uma discussão profunda a respeito de quais contextos ensejam a inversão da ordem SVO do português brasileiro).

Quanto ao fator posição no âmbito da concordância nominal, Naro e Scherre (1998, p. 9) argumentam que seguem a mesma linha de análise para aquela do âmbito verbal:

Verificamos se os elementos nominais não nucleares se localizavam antes ou depois do núcleo e, se nucleares, analisamos sua posição linear na cadeia sintagmática. Para os elementos nominais que não exercem a função de núcleo dos sintagmas nominais, o que importa é a sua posição em relação ao núcleo. Elementos não nucleares à esquerda do núcleo **favorecem marcas explícitas; elementos não nucleares à direita do nome desfavorecem-nas. Os núcleos, por sua vez, favorecem mais marcas explícitas se ocuparem a primeira posição na cadeia sintagmática.** (grifo nosso)

Com base nessa linha de argumentação, demonstra-se que o processo de variação por que passa o português brasileiro é regular, sistemático e perfeito, com condicionantes e variáveis regulares, bem explicadas nos estudos linguísticos de abordagem quantitativa.

Ademais, convém observar que as discutidas variações na marca de plural e singular não somente ocorrem na oralidade, podendo ocorrer, de acordo com Naro e Scherre (1998), também na língua escrita. Para os autores, construções com sujeito posposto (3a-b); construções com sujeito que expressam percentual (3c-d); construções com sujeito composto singular de estrutura complexa (3e-f) favorecem a variação de concordância também na língua escrita (exemplos retirados de Naro e Scherre, 1998, p. 12):

- (3) a. Mas se a população de rua não for retirada de nada **ADIAN TARÃO** medidas de segurança.
- b. **SAIRÁ** das AD's caravanas de docentes para participarem deste evento.
- c. 70% **ACHAM** que o presidente conseguirá encontrar.
- d. 59% **ACHA** que o governo é a favor dos ricos.
- e. O crescimento e o dinamismo da economia da Tailândia **SÃO** incompatíveis com a tradição de compra de votos.
- f. A atuação da máfia do contrabando e o crescente interesse de comerciantes em descarregar mercadorias em bancas de camelô **ESTÁ** inflacionando o mercado do asfalto.

Dessa maneira, como os exemplos de variação de concordância já atingiram o nível da escrita, que, em termos gerais e grosso modo, é mais monitorado que o de oralidade,

pode-se concluir que a variação de concordância no português é algo sistemático da língua, bem como generalizado e sistematizável, como bem argumenta Castilho (2016):

Tem-se dito que a concordância no PB [português brasileiro] tende a uma enorme simplificação, se não mesmo ao desaparecimento. Scherre (1988, 1996) tem mostrado um quadro diferente, em seus estudos sobre concordância nominal. Vê-se ali que as regras de concordância na modalidade popular do PB são altamente sofisticadas.

O mesmo autor, quanto à concordância verbal, argumenta que Hora e Espínola (2004) havia feito uma correlação entre maior presença de marca de plural quando há um elemento anterior já com marca de plural. Em outros termos, marca de plural favorece marca de plural. Scherre (1988, p. 238) confirma tal hipótese para o português brasileiro: “Vimos, portanto, que a variável Marcas precedentes da forma geral estudada pode ser explicada consistentemente pela *‘tendência geral de formas semelhantes aparecerem juntas’*”.

É importante salientar, ainda, que Cardoso, Naro e Scherre (2007, n.p) demonstram que o tipo de verbo pouco influi na concordância no português brasileiro, sendo a saliência fônica, a posição e a animidade fatores preponderantes nessa variação:

No conjunto global dos dados, a única característica do verbo que **influencia a concordância plural** é a saliência fônica da oposição singular/plural. Como característica intrínseca ao verbo, até onde caminhamos na análise, nada mais é relevante. O tipo de verbo, em especial, não revela efeito sobre a concordância, seja de acordo com a categorização tradicional, seja de acordo com a nova proposta de orientação gerativa. Em síntese, no que diz respeito à concordância, a classe dos inacusativos, nos termos até agora apresentados, é inoperante. Trabalhamos com o pressuposto de que a inacusatividade é uma propriedade do verbo, mas ainda precisamos medir se a inacusatividade como propriedade da estrutura traria novos resultados para o fenômeno da concordância verbal. (grifo nosso)

Tendo como pressuposto o fato de que o português brasileiro está em variação na sua concordância de número, tanto verbal quanto nominal, admitimos que essa variação está correlacionada ao uso da preposição *de* como manifestadora de traços-*phi*, seguindo a hipótese de que a variação que ocorre num dado ambiente sintático do sistema linguístico influencia outros ambientes.

Na próxima seção, discutimos aspectos da língua francesa, em que a concordância de número é sistematicamente inoperante nos núcleos nominais e nos adjetivais. A marca de plural na língua francesa ocorre, a rigor, apenas na escrita; na oralidade, em termos gerais, apenas o determinante pluraliza (cf. Castilho, 2016, p. 461, para breve discussão a respeito da concordância em francês).

5.2 A (não) concordância de número no francês

Em francês, o núcleo nominal não sofre alteração fonética entre singular e plural (cf. BAGNO, 2016; CASTILHO, 2016), reservando ao determinante (artigo, numeral, possessivo) a precisão de se tratar de singular ou plural, pois, no singular, os determinantes são pronunciados de uma forma e, no plural, de outra, muito embora em nenhum caso se pronuncie o -s plural. Confirmam-se os exemplos a seguir⁶¹:

- (4) a. le **chat**/les **chats**.
o gato/os gatos.
- b. la **tarte**/les **tartes**.
a torta/as tortas.
- c. l'**homme**/les **hommes**.
o homem/os homens.
- d. la **femme**/les **femmes**.
a mulher/as mulheres.
- e. un **chien**/deux **chiens**.
um cão/ dois cães.
- f. ma **voiture**/mes **voitures**.
meu carro/meus carros.
- g. un **serveur**/dix **serveurs**.
um garçom/dez garçons.
- h. leur **sac**/ leurs **sacs**.
a bolsa deles/as/ as bolsas deles/as.
- i. l'enfant/ les enfants.
a criança/as crianças.

Os termos em negrito nos exemplos acima são os núcleos nominais das expressões em cada letra. Em francês, pronunciam-se exatamente da mesma forma todos os termos em negrito, isto é, todos sem a marca do -s. Dessa forma, como dito anteriormente,

⁶¹ Dados retirados de <https://dicionario.reverso.net/frances-portugues/index.html>, acesso em 15.7.2019.

depreende-se o significado de plural a partir dos determinantes, os quais apresentam forma diferente no plural, tanto na língua escrita quanto na oralidade, embora o -s dos determinantes no plural não seja pronunciado nem mesmo nesses casos, como em *les(os,as)*, *ces(esses)*, *cettes(essas)*.

Ainda em relação à manifestação de plural na língua francesa oral, observa-se que, quanto aos adjetivos, apenas os traços de gênero são expressos. Os traços de plural, tanto para o gênero masculino quanto para o feminino, marcados em negrito nos exemplos abaixo, são apenas expressos na língua escrita, isto é, não são materializados foneticamente. Confira-se em (5):

- (5) a. beau/ belle > beaux/belles
bonito/bonita > bonitos/bonitas
- b. fou/ folle > fous/ folles
louco/louca > loucos/loucas
- c. vert/ verte > verts > vertes
verde masc./verde fem. > verdes masc. pl./verdes fem. pl.
- d. marrant/ marrant > marrants/ marrantes
divertido/divertida > divertidos/divertidas
- e. évident/ évidente > évidents/ évidentes
evidente masc./ evidente fem. > evidentes masc. pl. > evidentes fem. pl.
- f. heureux/ heureuse/ heureux/ heureuses
feliz masc./ feliz fem. > feliz masc. pl./ feliz fem. pl.
- g. petit/ petite > petits/ petites
pequeno/ pequena > pequenos/ pequenas

Todos os exemplos acima, na forma plural masculina, são pronunciados da mesma maneira que a forma singular masculina, assim como todos os exemplos de formas plural femininas são pronunciadas da mesma maneira que as formas singular femininas. Assim sendo, no domínio nominal e adjetival, o francês não materializa os traços de número na oralidade, nem mesmo aos determinantes, os quais esclarecem se se trata de singular ou plural por meio de formas diferentes no singular e no plural, não sendo em nenhum caso a flexão -s pronunciada (com exceção de casos de *liason*, em que o plural -s é pronunciado quando a palavra seguinte começa por *h* mudo ou vogal (4c-i)).

De forma semelhante, ocorre a não materialização fonética do plural no domínio verbal em francês. Em outros termos, a diferença entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural não é geralmente marcada, excetuando-se alguns verbos irregulares, na oralidade. Confira-se (6):⁶²

(6) <i>Penser ‘pensar’</i>	<i>Travailler ‘trabalhar’</i>	<i>Manger ‘comer’</i>
Je pense	Je travaille	Je mange
Tu penses	Tu travailles	Tu manges
Il/elle pense	Il/elle travaille	Il/elle mange
Nous pensons	Nous travaillons	Nous mangeons
Vous pensez	Vous travaillez	Vous mangez
Ils/elles pensent	Ils/elles travaillent	Ils/elles mangent
 <i>Donner ‘dar’</i>	 <i>Embrasser ‘beijar’</i>	 <i>Laisser ‘deixar’</i>
Je donne	J’embrasse	Je laisse
Tu donnes	Tu embrasses	Tu laisses
Il/elle donne	Il/elle embrasse	Il/elle laisse
Nous donnons	Nous embrassons	Nous laissons
Vous donnez	Vous embrassez	Vous laissez
Ils/elles donnent	Ils/elles embrassent	Ils/elles laissent
 <i>Se Tomber ‘cair’</i>	 <i>Voir ‘ver’</i>	 <i>Rentrer ‘ir para casa, entrar’</i>
Je me tombe	Je vois	Je rentre
Tu te tombes	Tu vois	Tu rentres
Il/elle se tombe	Il/elle voit	Il/elle rentre
Nous nous tombeons	Nous voyons	Nous rentrons
Vous vous tombez	Vous voyez	Vous rentrez
Ils/elles se tombent	Ils/elles voient	Ils/elles rentrent

Em todos os casos acima, as formas da terceira pessoa, singular e plural, são pronunciadas exatamente da mesma maneira, havendo uma diferença para o verbo *embrasser* ‘beijar’, não na pronúncia da forma verbal em si, mas na *liason* que se deve fazer do pronome

⁶² Dados retirados de <https://la-conjugaison.nouvelobs.com>, acesso em 15.7.2019.

ils com a vogal inicial *e* de *embrasser*.⁶³ No caso em que a forma da terceira pessoa do plural não é pronunciada de forma igual à da terceira do singular, trata-se em geral de verbos irregulares, como em *il fait/ils font* ('ele faz, eles fazem'); *il a/ils ont* ('ele tem, eles têm').

Ademais, pode-se conceber que os traços de gênero no singular são sincretizados, na medida em que as três primeiras formas em (6) são pronunciadas da mesma maneira, excetuando-se os casos de contração (como em *embrasser*) ou de verbos pronominais (como *se tomber*), e, quanto ao traço de número no âmbito verbal, é apenas sincretizado entre a terceira pessoa do singular e a do plural, exceto nos casos de verbos irregulares.

Segundo Crabbé, Prévost e Simonkeno (2017, p. 10), "pode-se dizer que não há nenhuma marcação sistemática de pessoa no verbo no francês moderno, e o único traço de concordância presente é o de número". No entanto, acrescentamos, como dito, que o traço de número de terceira pessoa do singular e do plural também é nulo em vários verbos (como aqueles demonstrados em (6)), sendo o traço de número verbal também defectivo para essas pessoas, embora não de maneira sistemática, como bem defendem os autores em relação ao traço de pessoa no âmbito do singular.

Assim, o francês é uma língua em que sistematicamente não se faz a concordância de primeira, segunda e terceira pessoa no singular, e de terceira pessoa no singular em relação à terceira pessoa do plural, tampouco faz-se concordância de número nos nomes, nos adjetivos e nos determinantes, sendo marcada apenas a concordância de gênero.

Dito isso, pode-se argumentar em favor de que o francês moderno é uma língua que não apresenta concordância rica, isto é, não faz sistematicamente concordância nos domínios verbal e nominal.

A partir desse contraste entre o francês moderno, em que não há concordância sistemática, ou que o paradigma é largamente sincrético (cf. FOULET, 1935 *apud* CRABBÉ, PRÉVOST E SIMONKENO, 2017; DE JONG, 2006; BETTENS, 2015), e o português brasileiro moderno, que apresenta concordância variável entre marcas explícitas e zero (cf. SCHERRE, 1988; 1996), buscamos correlacionar nas próximas seções o uso da preposição *de* como manifestadora de traços-*phi*, largamente usado no francês e de uso contextual no português brasileiro, com os fenômenos de concordância acima tratados, na direção da hipótese de que a falta de concordância, ou o seu sincretismo verbal ou nominal, enseja o

⁶³ Em francês, o *-s* de *ils* e *elles* não se pronuncia. No entanto, caso a palavra seguinte, comumente verbo, comece por vogal, se faz a *liason* tal como se de fato se pronunciasse o *-s*, que soa como nosso *-z-*, daí porque *ils embrassent* soa como /ilzómbráss/.

aparecimento de núcleos funcionais outros, os quais fazem as vezes de manifestador de traços-*phi*.

5.3 O *de* em francês e o artigo partitivo

Nesta seção, discutimos os aspectos morfossintáticos da preposição *de* em francês, bem como aspectos do uso do artigo partitivo em frases negativas no francês, a fim de caminhar para a hipótese inicial de que o *de* manifesta traços-*phi* tanto no francês – de forma mais generalizada – quanto no português – de forma menos generalizada –, devido ao fato, defendido anteriormente, de que, em francês, a falta de concordância é abrangente e sistêmica, o que enseja núcleos funcionais outros como manifestadores de traços-*phi*, e, no português, a concordância (marca explícita e zero, nos termos de Scherre (1988, 1996)), ainda está em variação.

Discutimos aspectos da negação em francês, especialmente no que concerne ao uso do artigo partitivo diante do termo *pas* em francês, a fim de caminhar para a hipótese no sentido de que existe variação nos traços de *ne* e *pas* em francês e tal variação tem estreita ligação com o uso ou não dos artigos partitivos em frases negativas em francês.

Em francês, além do uso da preposição *de* como em (7), tal como ocorre em português, é comum a utilização da preposição contraída com artigo (8), num uso denominado artigo partitivo (*article partitif*):⁶⁴

- (7) a. La veste **de** ma soeur
‘A jaqueta da minha irmã.’
b. Le vélo **de** Julie
‘A bicicleta da Julie.’

- (8) a. du (de + le)
Art. Partitivo = preposição de + artigo definido masculino.

b. de la (de + la)
Art. Partitivo = preposição de + artigo definido feminino.

⁶⁴ Exemplos retirados de Boualarès e Frérot (2000, pp. 14 e 110).

c. de l' (de + la ou le antes de nomes que comecem por vogal)

d. des (de + les)

Art. Partitivo = preposição de + artigo definido plural masculino e feminino.

Como dito, os exemplos em (7) são de uso semelhante ao que ocorre em português, numa configuração de Caso genitivo. Os exemplos em (8), por outro lado, dizem respeito ao que se chama de artigo partitivo em francês, que se usam em contextos nos quais a quantidade relacionada ao complemento verbal ou ao predicativo verbal não é posta em relevância pelo locutor, como bem explica Ngamountsika (2010, 2152): “De acordo com Riegel *et alii* (1994, p. 161), o artigo partitivo se emprega diante de substantivos de massa no singular e dos nomes tidos como ‘abstratos’, que não remetem a entidades contáveis”.⁶⁵ De acordo com Boualarès e Frérot (2000, p. 13), “o artigo partitivo é utilizado diante de um nome concreto ou abstrato não contável para designar uma certa quantidade de uma matéria ou de parte de uma noção”.⁶⁶

De acordo com os autores, os artigos partitivos são comumente usados com o verbo *faire* ‘fazer’ (9a-d), com o verbo *il y avoir* ‘haver/existir’ (9e-g), bem como para designar carnes de animais (9h-i) e nomes próprios que caracterizam uma obra artística (9j):

(9) a. Je fais **de la** musculation.

‘Eu faço musculação.’

b. Mais eux, ils font **du** sport oui.

‘Mas eles, eles fazem esporte sim.’

c. On fait **de l’**équitation.

‘A gente faz equitação.’

d. Il fait **du** piano.

‘Ele faz piano.’

e. Il y a **du** soleil maintenant.

‘Tá tendo sol agora.’

f. Cette année, il y a **de la** pluie presque tous les jours (exemplo retirado de Boualarès e Frérot (2000, p. 13)).

‘Esse ano, tem chuva/chove quase todos os dias.’

⁶⁵ No original: ‘Selon Riegel et alii (1994:161), l’article partitif s’emploie devant le singulier des noms de masse et des noms dits “ abstraits ” qui ne renvoient pas à des entités comptables.’

⁶⁶ No original: ‘Il est utilisé devant un nom concret ou abstrait non comptable pour désigner une certaine quantité d’une matière ou une partie d’une notion.’

g. Il y a eu **de la** neige là-bas.

‘Teve neve lá.’

h. Tu manges **du** bouef ?

‘Você come carne vermelha?’

i. Nous mangeons **du** poisson.

‘Nós comemos peixe.’

j. Elle a joué **du** Chopin et Mozart (exemplo retirado de Boualarès e Frérot (2000, p. 13)).

‘Ela tocou Chopin e Mozart.’

Ademais, os artigos partitivos podem ser usados com os mais variados verbos, como *manger* ‘comer’, *acheter* ‘comprar’, *boire* ‘beber’, *prendre* ‘tomar, beber, pegar’, *falloir* ‘ser necessário’, *obtenir* ‘obter’, *vouloir* ‘querer’, *avoir* ‘ter’, *jouer* ‘tocar, brincar, jogar’, conforme exemplos abaixo:⁶⁷

(10) a. Nous mangions **du** boeuf.

‘Nós comíamos carne.’

b. Achète **du** lait.

‘Compra leite.’

c. Elle a joué **du** Mozart.

‘Ela tocou Mozart.’

d. Elle prend **du** café.

‘Ela toma café.’

e. Il faut **du** talent.

‘É preciso talento.’

Como se observa nos exemplos em (9) e (10), o uso do artigo partitivo é sistemático na língua e ocorre com os mais diferentes verbos.

5.3.1 O uso do artigo partitivo em francês em frases negativas

⁶⁷ Exemplos retirados de Boualarès e Frérot (2000, pp. 15 e 16).

De acordo com Boualarès e Frérot (2000, p. 16), “o artigo indefinido e o artigo partitivo são em geral substituídos por *de* depois da negação”:⁶⁸

- (11) a. Tu as **des** cigarettes ? – Non, je *n’*ai *pas de* cigarettes.
‘Você tem cigarro? – Não, eu não tenho cigarro.’
b. Elle prend **du** café mais je *ne* prends *pas de* café ni thé.
‘Ela toma café, mas eu não tomo café nem chá.’
c. Il a encore **de la** patience, mais moi, je *n’*ai plus *de* patience.
‘Ele ainda tem paciência, mas eu, eu não tenho mais paciência.’

Confirmam-se mais exemplos, extraídos de um *site* sobre a gramática do francês, na internet:⁶⁹

- (12) a. Je vais voir **un** ami. => Je *ne* vais *pas* voir **d’**ami.⁷⁰
Eu vou ver um amigo => Eu não vou ver um amigo.
b. Je vais lire **des** livres. => Je *ne* vais *pas* lire **de** livres.
Eu vou ler livros => Eu não vou ler livros.
c. Je mange **de la** soupe. => Je *ne* mange *pas de* soupe.
Eu como sopa => Eu não como sopa.
d. Je bois **du** jus d’orange. => Je *ne* bois *pas de* jus d’orange.
Eu bebo suco de laranja > Eu não bebo suco de laranja.

Como se observa pelos dados em (11) e (12), a presença da negação, que se faz por meio da concordância negativa entre *ne* e *pas* em francês, licencia o uso da preposição *de* no lugar dos artigos partitivos: *de la*, *du* e *des*.⁷¹

A primeira e mais óbvia análise que se depreende dos dados acima é que a negação em francês compete com os artigos partitivos e, antes de desenvolvermos uma hipótese para responder a essa questão, devemos entender a história da negação em francês para, a partir daí, identificar quais traços da negação em francês competem com a noção partitiva ou

⁶⁸ No original: ‘L’article indéfini et l’article partitif sont en général remplacés par *de* après la négation.’

⁶⁹ Exemplos retirados de http://www.patenotte.name/Aix/Ecriture/Feuilles_aides_pedagogiques/articles_leur_suppression.html, acesso em: 5.6.2019.

⁷⁰ A preposição *de* antes de palavras que iniciem por vogal transforma-se em *d’*, fenômeno conhecido como supressão ou elisão.

⁷¹ Convém observar que o uso de *ne* é reservado à língua escrita ou mais monitorada em francês, sendo o uso único de *pas* o mais corrente na oralidade (cf. REY; ALAIN *et alii*, 2007).

indeterminada que o artigo partitivo expressa. Demonstramos, assim, na próxima seção que o *pas* já carrega a noção partitiva por sua história de gramaticalização e buscamos responder às questões que a língua apresenta no que concerne a esse problema.

5.3.2 O uso de *pas* como palavra negativa em francês

Em francês atual, a negativa se faz por meio dos termos descontínuos *ne...pas*, conforme os exemplos abaixo:⁷²

- (13) a. J'aime le chocolat. > Je *n'*aime *pas* le chocolat.⁷³
'Eu amo chocolate > Eu não amo chocolate.'
b. Il y a de bruit. > Il *n'y* a *pas* de bruit.
'Tem barulho.' > Não tem barulho.'
c. Il travaille beaucoup. > Il *ne* travaille *pas* beaucoup.
'Ele trabalha muito > Ele não trabalha muito'.

Como defende Jespersen (1917, p. 7), em francês arcaico, a negativa se fazia apenas por meio de um termo, o *ne*, e, como argumenta Nascimento (2014, p. 20):

O marcador pré-verbal *ne* perdeu a capacidade de negar a sentença de modo independente devido ao seu enfraquecimento fonológico, sendo necessária a inserção de uma partícula pós-verbal, usada para acrescentar ênfase à negativa pré-verbal enfraquecida e não mais suficiente para assegurar a interpretação da sentença como negativa. O reforço fonológico, segundo Jespersen (1917, p. 7), era realizado por diversos elementos, como *mie* (migalha), *point* (ponto) e *pas* (passo). Este último era usado inicialmente como reforço apenas em sentenças com verbos de movimento, mas se expandiu para outros tipos de verbos e passou a expressar ênfase de modo geral, ao mesmo tempo em que adquiria sentido negativo.

Dessa forma, a partir das várias palavras usadas para reforçar a negação em francês arcaico, como *point* 'ponto', usada com o verbo *coudre* 'costurar', *mie* 'migalha', usada com o verbo *manger* 'comer', *pas* 'passo', usada com o verbo *marcher* 'andar', todas de semântica partitiva, pois denotam uma quantidade pequena diante de uma grande quantidade abstrata, a palavra *pas* ganhou força e se gramaticalizou como o operador negativo

⁷² Exemplos retirados de https://www.lepointdufle.net/ressources_fle/negation_regle.htm, acesso em 15.7.2019.

⁷³ O *ne* antes de palavras que começam por vogal transforma-se em *n'*, fenômeno conhecido como supressão ou elisão.

por excelência no francês.⁷⁴ Como observa Nascimento (2014, p. 21), do francês antigo *Jeo ne di* ‘Eu não digo’, foi-se para *Je ne dis pas* (francês contemporâneo) e para *Je dis pas* (francês coloquial contemporâneo). Convém observar que o termo coloquial usado pela autora é um pouco vago, no sentido de que se tem a impressão de que apenas em contextos relaxados ou extremamente não monitorados é que se observa a não utilização da palavra *ne* em francês.

No entanto, em Rey, Alain *et alii* (2007), numa pesquisa do ano de 1995, demonstrou-se que a partícula negativa *ne* estava presente em apenas 18% da amostra de fala da pesquisa em Touraine, França. No Quebec (Canadá), estava presente em apenas 1,5% e em Romandie (Suíça), em apenas 2,5%. De acordo com o autor, os resultados foram constatados em todos os grupos sociais e gerações de falantes.

Com efeito, o desaparecimento da partícula *ne* não está num nível coloquial, mas de fato sistematizado e generalizado na língua francesa. Tal fenômeno foi discutido em Jespersen (1917), o qual teorizou o conhecido Ciclo de Jespersen, em que se postula que o advérbio inicial enfraquece e depois é reforçado por uma palavra adicional, que se torna a palavra negativa por excelência (cf. JESPERSEN, 1917), fenômeno que já ocorreu em inglês, alemão, francês, entre outras línguas (cf. VITRAL, 1999, para discussão a respeito).

Dessa maneira, entendemos o *pas* como verdadeiro operador da negação em francês e, muito embora ele tenha se gramaticalizado, a sintaxe da língua francesa nos fornece evidências de que a sua semântica de partitivo ainda não está completamente esvaziada.

5.4 Para uma análise do uso do artigo partitivo e da preposição *de* na negação com *pas*

Vejam-se os dados em (14):

(14) a Je vais voir **un** ami. => Je *ne* vais *pas* voir **d'**ami.

‘Eu vou ver um amigo.’ => ‘Eu não vou ver um amigo.’

b. Je vais lire **des** livres. => Je *ne* vais *pas* lire **de** livres.

‘Eu vou ler livros.’ => ‘Eu não vou ler livros.’

c. Je mange **de la** soupe. => Je *ne* mange *pas* **de** soupe.

⁷⁴ Em conversa informal com falantes nativos franceses, eles nos disseram que ainda é possível fazer a negação com *point*. Segundo eles, soa bastante literário.

‘Eu como sopa.’ => ‘Eu não como sopa.’

d. Je bois **du** jus d'orange. => Je *ne* bois *pas* **de** jus d'orange.

‘Eu bebo suco de laranja.’ > ‘Eu não bebo suco de laranja.’

Como dito anteriormente, e como se pode ver a partir dos exemplos em (14), de acordo com Boualarès e Frérot (2000, p. 16), em geral, a negativa em francês licencia a preposição *de* no lugar dos artigos partitivos, isto é, a utilização dos artigos partitivos fica restrita aos casos em que as sentenças são afirmativas.

Dessa forma, a partir do que os dados nos trazem, podemos formular a hipótese inicial de que os traços de *pas*, os quais analisamos nas próximas linhas, concorrem com os traços do artigo partitivo. No entanto, no questionário proposto a falantes nativos, incluímos frases negativas com o artigo partitivo e houve variação no julgamento de gramaticalidade quanto a tais frases, ou seja, alguns falantes nativos as julgam gramaticais, outros não, o que demonstra que há variação quanto ao uso de partitivo em frases negativas.

Assim, podemos explicar esse fenômeno concebendo, *a priori*, a existência de duas gramáticas em variação no francês:

- (15) a. Je ne bois pas **de** bière/***de la** bière.⁷⁵ (gramática 1)
Eu não bebo cerveja.
b. Je ne bois pas **de** bière/**de la** bière. (gramática 2)

Como se observa em (15), duas gramáticas concorrem, por hipótese, no francês atual, uma em que o artigo partitivo ocorre tanto em frases afirmativas e negativas (com o *pas*) e outra em que o artigo partitivo ocorre apenas em frases afirmativas.

5.4.1 Gramática 1

Retomamos a história de gramaticalização do *pas* como instrumento de negação em francês: a palavra *pas* servia para intensificar a negação, pelo fato de o *ne* ter cada vez menos força de expressividade. Assim, o *pas* ‘passo’ intensificava a negativa com o verbo *marcher* ‘andar’, assim como a palavra *mie* ‘migalha’, com o verbo *manger* ‘comer’, *goûte*

⁷⁵ Escolhemos esse exemplo em específico, pois é um dos que causou variação no julgamento quanto à possibilidade de uso do artigo partitivo em orações negativas em francês.

‘gosto’, com o verbo *boire* ‘beber’, etc. O *pas* se gramaticalizou e se tornou a palavra que faz a negativa em francês (cf. NASCIMENTO, 2014, p. 21).

Confiram-se os exemplos de negativa em francês, como em (17), em que discutimos a negação na gramática em que não se aceita o uso do artigo partitivo na negativa com *pas*:

(16) Je bois **de la** bière.

(17) Je ne mange pas **de** bière

Os exemplos acima demonstram que o artigo partitivo é formado pela preposição *de* e pelo determinante artigo *la*, *de la* carrega a noção partitiva e os traços-*phi*, e, na sua contraparte negativa (17), não se aceita o uso do artigo partitivo *de la*, apenas *de*. Dessa forma, se a noção partitiva e a manifestação dos traços-*phi* se operam por meio do artigo partitivo *de la* na frase afirmativa, a pergunta que surge é como a mesma noção partitiva e a manifestação de traços-*phi* se dão na frase negativa, já que o artigo partitivo *de la* não é licenciado com o *pas*?

De início, para responder a essa última questão, defendemos que a preposição *de* pode manifestar traços-*phi*. O primeiro ponto que observamos é o fato de existirem preposições flexionadas em algumas línguas, o que dá base para a ideia de que existem traços-*phi* inativos em preposições que não exibem flexão. Conforme argumenta Salles (2001, p. 183):

Existem preposições flexionadas, particularmente na família celta. Em galês, por exemplo, a preposição recebe sufixo de pessoa e número sempre que o complemento da preposição é expresso por uma forma pronominal livre, conforme ilustrado em (10) – [gan 'com' + sufixo número-pessoal] + forma pronominal livre:

- (10) a. gennyf fi (1ps)
b. gennyf ti (2ps)
c. ganddo fo (3ps)
d. ganddyn nhw (3ppl)

Ainda, existem casos, em francês, em que é opcional o uso da preposição *de* ou do artigo indefinido *des*, demonstrando que a preposição carrega traços de determinante

(categoria que expressa traços-*phi*). Tais casos são aqueles em que há uma expressão nominal antecedida de adjetivo (18):⁷⁶

- (18) a. Tu as **des** livres > TU as **de/des** *beaux livres*.
'Você tem livros.' > 'Você tem belos livros.'
b. Dans le jardin, il y a **des** arbres > Dans le jardin, il y a **de/des** *grands arbres*.
'No jardim, há árvores.' > 'No jardim, há grandes árvores.'
c. Tu as **des** yeux > Tu as **de/des** *jolis yeux*.
'Você tem olhos.' > 'Você tem olhos lindos.'

Como se observa nos exemplos em (18), a expressão nome + adjetivo licencia tanto o uso único da preposição *de* quanto o do artigo indefinido *des*. Sendo esses termos intercambiáveis nesses contextos, interpretamos que há, de fato, uma neutralização dos dois termos nesse ambiente, o que nos sugere, para a tese aqui defendida, que a preposição carrega traços de D, traços-*phi*.

Ademais, pode-se ainda observar que a preposição *de* (19a-c) pode ocupar a mesma posição do artigo definido *les* (19d-f) com o termo *nombreux* 'vários, numerosos', embora a opção por um ou por outro tenha semânticas diferentes de definitude, expressão formalizada em geral por operadores de traços-*phi* (no caso, artigos definidos e indefinidos):

- (19) a. **De** *nombreux* dirigeants et anonymes ont fait part lundi soir de leur tristesse et de leur solidarité avec les Français.⁷⁷
'Numerosos dirigentes e anônimos compartilharam/demonstraram segunda à noite a sua tristeza e solidariedade com os franceses.'
b. Le séisme cause **de** *nombreux* dégâts en Nouvelle-Zéland.⁷⁸
'O terremoto causa diversos danos na Nova Zelândia.'
c. Chute du mercure & averses dans **de** *nombreux* secteurs.⁷⁹
'Chuva de mercúrio & chuvas em diversos setores.'

⁷⁶ Exemplos retirados de <https://www.youtube.com/watch?v=3uQypXPg-6A>, canal de ensino de francês por professor nativo *Français avec Pierre*, acesso em: 4.6.2019.

⁷⁷ Exemplo retirado de <https://pt-br.facebook.com/Liberation/posts/de-nombreux-dirigeants-et-anonymes-ont-fait-part-lundi-soir-de-leur-tristesse-et/10157097761027394/>, acesso em 4.6.2019

⁷⁸ Exemplo retirado de <https://www.msn.com/pt-br/video/receitasebebidas/le-s%C3%A9isme-cause-de-nombreux-d%C3%A9g%C3%A2ts-en-nouvelle-z%C3%A9lande/vi-AAkgC2B>, acesso em 1º.6.2019

⁷⁹ Exemplo retirado de <https://www.msn.com/pt-br/noticias/watch/chute-du-mercure-and-averses-dans-de-nombreux-secteurs/vp-AAxfsXI>, acesso em 1º.6.2019.

d. *Les nombreux* hommages à Taj, le célèbre coiffeur martiniquais décédé à Paris.

‘As várias homenagens a Taj, o famoso cabeleireiro martinicano que faleceu em Paris.’⁸⁰

e. *Les (nombreux)* bienfaits de la sieste à l’école.⁸¹

‘Os (diversos) benefícios da sesta na escola.’

f. *Les nombreux* projets de Danick Malouin.⁸²

‘Os vários projetos de Danick Malouin.’

Como se pode ver pelos exemplos acima, a posição que o *de* pode ocupar com a expressão *nombreux*, ensejando a leitura indefinida, generalizada, vaga, pode ser alternativamente ocupada pelo artigo definido *les*, ensejando a leitura mais definida, específica. Nos casos demonstrados em (18), a preposição *de* varia com o artigo indefinido *des*; nos casos em (19), a preposição *de* ocupa a mesma posição do artigo definido *les*, não em variação livre, já que a escolha de um ou de outro interfere na leitura de definitude.

Dessa forma, o fato de a preposição *de* poder ocupar a mesma posição de determinantes/artigos e, por vezes, entrar em variação com eles, nos dá base para a hipótese de que a preposição *de* em francês carrega traços-*phi*, característicos em D, como os artigos.

Fenômeno parecido se observa em relação à expressão *tel(s)* masc./*telle(s)* fem. (tal) em francês: no singular, a expressão é sempre antecipada pelo artigo indefinido *un/une*, enquanto, no plural, é antecipada por *de*. Confira-se:

(20) a. Une honte de repartir avec *une telle* défaite.⁸³

‘Vergonha de ir embora com tal derrota.’

b. *Une telle* ambiance, c’est genial.⁸⁴

‘Tal ambiente, é super legal.’

c. Face à *une telle* situation, difficile de trouver les mots et sa place.

‘Diante de tal situação, (é) difícil de achar as palavras e seu lugar.’

⁸⁰ Exemplo retirado de <https://la1ere.francetvinfo.fr/nombreux-hommages-taj-celebre-coiffeur-martiniquais-installe-paris-718808.html>, acesso em 4.6.2019.

⁸¹ Exemplo retirado de <https://sciencepost.fr/2019/06/les-nombreux-bienfaits-de-la-sieste-a-lecole/>, acesso em 10.6.2019.

⁸² Exemplo retirado de <http://ameliedelobel.com/index.php/2019/05/08/les-nombreux-projets-de-danick-malouin/>, acesso em 10.6.2019.

⁸³ Exemplo retirado de <https://www.msn.com/pt-br/esportes/video/football-international-bleus-bleus-la-liste-des-joueurs-convoqu%C3%A9s/vp-AABGsCo>, acesso em 10.6.2019.

⁸⁴ Exemplo retirado de <https://www.msn.com/pt-br/noticias/watch/bleus-rabiot-je-sais-o%C3%B9-je-veux-aller/vi-AAk3GrM>, acesso em 10.6.2019.

d. *De telles* attitudes ont conduit á l’extinction du loup em Suisse.⁸⁵

‘Tais atitudes levaram à extinção do lobo na Suíça.’

e. Elles ont rencontré *une telle* solidarietà et *de tels* appuis.⁸⁶

‘Elas encontram tal solidariedade e tais apoios.’

Como se observa pelos exemplos acima, o contraste de singular/plural se faz por meio do artigo *un(e)* e *de*, mais um caso que reforça a nossa hipótese de que a preposição *de* carrega traços-*phi*.

Há, ainda, o conhecido caso do uso do artigo com nomes de países em francês. Conforme argumentam Boualar s e Frérot (2000, pp. 108, 110, 112), países masculinos exigem o artigo masculino *le* mesmo quando há preposição, ensejando formas contraídas como *au* e *du*. No entanto, nomes femininos de países, quando estão antecededos de preposição, não podem ocorrer com o artigo *la*, devendo a preposição ficar sozinha. Vejam-se os exemplos em (21):

(21) a. Je vais *au* Portugal (país masculino).

‘Eu vou a Portugal.’

b. On vient *du* Danemark. (país masculino).

‘A gente vem da Dinamarca.’

c. Je vis *en*/**en* la France. (país feminino).

‘Eu vivo na França.’

d. Tu viens *de*/**de* la Suisse. (país feminino).

‘Você vem da Su a’.

e. *La*/* France, appel e, officiellement la République française.⁸⁷

‘A França, chamada, oficialmente, de República Francesa.’

Como se vê nos exemplos acima, mesmo que os nomes femininos de países possam ser antecededos por artigo em outros contextos (21e), quando está antecedido de preposição com verbos como *aller* ‘ir’, *venir* ‘vir’, o artigo feminino não pode ocorrer, enquanto, no masculino (21a-b), tal licenciamento ocorre de forma obrigatória.

⁸⁵ Exemplo retirado de Aug , Marquet, Pendanx (2007, p. 70).

⁸⁶ Exemplo retirado de Aug , Marquet, Pendanx (2007, p. 88).

⁸⁷ Exemplo retirado de <https://fr.wikipedia.org/wiki/Portail:France>, acesso em 10.6.2019.

Dito isso, entendemos que, nos casos em (14c-d), a preposição assume os traços-*phi* de número e gênero dos nomes femininos de países que a seguem e dispensa o uso do artigo feminino. Tal hipótese é reforçada quando se contrastam os dados de (21c-d) com os de (21e), na medida em que, nos contextos em que a preposição não ocorre, como em (21e), o artigo aparece obrigatoriamente. Dessa maneira, concluímos que os nomes femininos de países licenciam determinantes que expressam traços-*phi* e, nos casos preposicionados, as preposições *de* e *en*, por hipótese manifestadoras de traços-*phi*, desempenham esse papel.

Ademais, é obrigatória a preposição *de* acompanhada de adjetivos em casos como (22), com pronomes indefinidos como *quelqu'un* (alguém), *rien* (nada), *quelque chose* (algo), exemplos retirados de Boualarès e Frérot (2000, p.110):

(22) a. C'est quelqu'un **de** sérieux.

‘É alguém sério.’

b. Il n'y a rien **de** grave.

‘Não há nada (de) grave.’

c. J'ai vu quelque chose **d'**intéressant.

‘Eu vi algo (de) interessante.’

Os exemplos acima (22), embora não tenhamos uma hipótese para o porquê de a preposição ser obrigatória nesses contextos, reforçam a ideia de que o *de* manifesta traços-*phi*, no caso, número e gênero, na medida em que, nos casos em (22), a preposição ocorre de forma obrigatória junto a um adjetivo, classe também manifestadora de traços-*phi*.

Com efeito, com bases nos fatores exemplificados nas páginas precedentes, quais sejam, opcionalidade do uso de *de/des*, mesma posição de *de/les* com a expressão *nombreux*, uso da preposição *de* com adjetivos, obstando, por hipótese, a manifestação de traços-*phi* somente pelo adjetivo, entre outros, defendemos que a preposição (na maioria dos casos, *de*) carrega traços-*phi* em francês e que esse uso é sistemático e regular na língua.

Dessa maneira, defendemos que a primeira gramática, a qual não aceita o artigo partitivo com *pas*, ainda carrega o traço partitivo de *pas* ‘passo’ e o de *ne* como instrumento de negação. Tendo o *pas* a noção (residual) de partitivo, é necessário pensar-se ainda num traço de negação para o *ne*, mesmo que residual, e o artigo partitivo é dispensado, sendo necessário apenas um manifestador de traços-*phi*, para o qual o *de* é escolhido:

(23) a. Je bois **de la** bière. (eu bebo cerveja.)

b. Je *ne* bois *pas* de bière. (eu não bebo cerveja.)

Isto é:

$DE\ LA = DE\ [NOÇÃO\ PARTITIVA] + LA\ [MANIFESTADOR\ DE\ TRAÇOS-PHI]$

=

$PAS\ DE = PAS[NOÇÃO\ PARTITIVA] + DE\ [MANIFESTADOR\ DE\ TRAÇOS-PHI]$

(24) a. Je bois **du** jus d'orange. (eu bebo suco de laranja.)

b. Je *ne* bois *pas* **de** jus d'orange. (eu não bebo suco de laranja.)

Isto é:

$DU = DE\ [NOÇÃO\ PARTITIVA] + LE\ [MANIFESTADOR\ DE\ TRAÇOS-PHI]$

=

$PAS\ DE = PAS[NOÇÃO\ PARTITIVA] + DE\ [MANIFESTADOR\ DE\ TRAÇOS-PHI]$

(25) a. Je vais voir **un** ami. (eu vou ver um amigo.)

b. Je *ne* vais *pas* voir **d'**ami. (eu não vou ver amigos.)

Isto é:

$Un: Un[NOÇÃO\ PARTITIVA] + Un[MANIFESTADOR\ DE\ TRAÇOS\ PHI]$

=

$PAS\ DE = PAS[NOÇÃO\ PARTITIVA] + DE/D' [MANIFESTADOR\ DE\ TRAÇOS-PHI]$

Como demonstramos nos exemplos acima, entendemos que o *pas*, para a gramática de falantes que rejeitam o artigo partitivo na negação, ainda carrega traços (resquícios) semânticos de partitivo. Para tanto, tal análise força a entender o *ne* como portador de traços de negação, muito embora as pesquisas demonstrem que o *ne* cada vez menos é usado na oralidade do francês, como discutido anteriormente.

De fato, seguimos as pesquisas no sentido do quase não uso de *ne* na oralidade do francês, entretanto, duas circunstâncias devem ser levadas em consideração:

(i) o uso de *ne* em francês não torna a frase agramatical, sendo este ainda parte do sistema da língua;

(ii) há exemplos de uso literário e formal em que a partícula *ne* pode figurar sem o *pas*, conforme indicam Boualarès e Frérot (2000, p. 32):

- (26) a. Il **n**'a cesse de pleuvoir toute la journée.
 'Não parou de chover durante todo o dia.'
 b. Nous **ne** pourrons accueillir les élèves.
 'Não podemos acolher os alunos.'

Dessa forma, pelas duas circunstâncias acima, entendemos que o *ne*, embora em desuso na oralidade, ainda pode carregar traços de negação na língua francesa, ensejando, assim, a possibilidade de interpretação de resquícios de partitivo em *pas*, o que culmina numa estrutura em que o artigo partitivo não é licenciado na negativa, pois os traços (resquícios) de partitivo de *pas* chocam com aqueles do artigo partitivo.

5.4.2 Gramática 2

Para a segunda gramática, aquela em que se aceita a estrutura do artigo partitivo na estrutura negativa com *pas*, entendemos que, nesse contexto, o *pas* é visto como totalmente gramaticalizado, isto é, sem resquícios de partitivo, devido à sua grande utilização na oralidade, o que enseja, de forma indireta, o apagamento dos traços de negação de *ne*. Dessa forma, não tendo o *pas* resquícios de partitivo, o artigo partitivo pode ser licenciado perfeitamente:

- (27) a. Je bois **de la** bière. (eu bebo cerveja.)
 b. Je *ne* bois *pas* de la bière. (eu não bebo cerveja.)
PAS : palavra negativa sem resquícios de partitivo + artigo partitivo
- (28) a. Je bois **du** jus d'orange. (eu bebo suco de laranja.)
 b. Je *ne* bois *pas* **du** jus d'orange. (eu não bebo suco de laranja.)
PAS : palavra negativa sem resquícios de partitivo + artigo partitivo.

Sendo o *pas* esvaziado dos seus resquícios de partitivo, ele se torna o operador negativo absoluto e apaga os traços de negação de *ne*, sendo este, nesses casos, interpretado como mero expletivo. Essa hipótese é reforçada pelo fato de existirem casos em que o *ne*

figura como mero expletivo, sem nenhuma semântica de negação, sendo dispensável seu uso (exemplos retirados de Boualarès e Frérot (2000, p. 31)):⁸⁸

- (29) a. Je crains qu'il **ne**/O tombe malade.
'Eu me preocupo que ele fique doente.'
b. Je ne doute pas que vous **n'**/O ayez raison.
'Eu não duvido que você tenha razão.'
c. Elle est plus aimable qu'elle **ne**/O paraît.
'Ele é mais amável do que parece.'
d. Il est sorti avant qu'elle **ne**/O puisse répondre.
'Ele saiu antes que ela pudesse responder.'

Como se pode ver pelos exemplos acima, a partícula *ne* é usada em francês, embora em contextos monitorados de língua escrita, conforme pontuam Boualarès e Frérot (2000, p. 31), como expletivo/partícula de realce, sendo seu significado de negação nulo em tais contextos.

Assim, o *ne* em francês, embora em contextos formais, ora figura como instrumento de negação puro (26), ora como sem sentido de negação algum (29), e defendemos que essa variação de interpretação de *ne* em francês tem relação estreita com a utilização ou não do artigo partitivo na negativa com o *pas*, na medida em que, na gramática 1, o *ne* carrega resquícios de negação, fracos, pois o *ne* pode ou não ocorrer na sentença, o *pas* carrega resquícios de partitivo, embora já gramaticalizado o suficiente para figurar sozinho como negativador, e o artigo partitivo não é licenciado, pois seus traços entram em choque com aqueles em resquício do *pas*; na gramática 2, *ne* é visto como expletivo, o *pas* figura como absoluto negativador da sentença e o artigo partitivo pode ser licenciado, conforme demonstra o quadro abaixo:

Gramática 1: Je (ne) bois pas de bière/*Je (ne) bois pas de la bière.

Je ne[TRAÇOS MUITO FRACOS DE NEGAÇÃO, QUE PODEM SER NULOS FONETICAMENTE] bois pas [TRAÇOS FORTES DE NEGAÇÃO E TRAÇOS DE PARTITIVO] de [MANIFESTADOR DE TRAÇOS-PHI] bière.

em que:

⁸⁸ Usamos aqui expletivo no sentido de palavra opcional, de realce na frase, e não no sentido de saturador de posições, como usualmente empregado em linguística gerativa.

DE_{PARTITIVO} LA_{MANIFESTADOR DE TRAÇOS-PHI}

=

PAS_{PARTITIVO} DE_{MANIFESTADOR DE TRAÇOS-PHI}

Gramática 2: Je (ne) bois pas de bière/ Je (ne) bois pas de la bière.

Je ne_[EXPLETIVO, COM TRAÇOS DE NEGAÇÃO APAGADOS] bois pas_[OPERADOR ABSOLUTO DE NEGAÇÃO COM TRAÇOS DE PARTITIVO APAGADOS] de la_[ARTIGO PARTITIVO] bière.

em que:

DE LA_{ARTIGO PARTITIVO}

=

PAS_{OPERADOR NEGATIVO ABSOLUTO} DE LA_{ARTIGO PARTITIVO}

Demonstramos, assim, que duas gramáticas competem no francês atual em decorrência do duplo estatuto da partícula *ne*, bem como em razão do duplo estatuto semântico do termo *pas*, o que enseja gramáticas distintas, numa das quais a preposição *de* opera como manifestador de traços-*phi*, em conformidade com diversos exemplos independentes em que ela funciona como manifestadora desses traços, o que nos leva a formular a hipótese de que a preposição *de* os manifesta de maneira sistêmica e abrangente em francês devido ao enfraquecimento, também sistemático e generalizado, da concordância nominal e verbal, sendo representada apenas na escrita, já que, na oralidade, a materialização fonética de plural -s em nomes, adjetivos e determinantes e a marcação de plural na terceira pessoa em diversos verbos se afigura agramatical na língua, como discutido anteriormente.

Na próxima seção, analisamos casos em que o português brasileiro apresenta a preposição *de*, por hipótese, como manifestadora de traços-*phi* de gênero e número. Defendemos que tais contextos não são sistemáticos e abrangentes, como demonstrado em relação ao francês, na medida em que, em português, a concordância, nos termos de Scherre (1988) e Naro e Scherre (1997), ainda é variável (isto é, apresenta marcas explícitas e zero), ensejando contextos em que a preposição *de* pode manifestar traços-*phi*.

5.5 O uso da preposição *de* como manifestadora de traços-phi no português brasileiro

Em português, apresentam-se exemplos como os em (30), em que se pode pensar num uso da preposição como manifestadora de traços-phi:

- (30) a. Como foi **de** festa?
b. Como foi **de** festa de formatura?
c. Eu troquei **de** carro.
d. Você reprovou **de** ano.
e. Estudantes de agronomia quando vão apresentar **de** seminário.⁸⁹

Argumentamos em favor da ideia de que a preposição *de* tem a função de manifestadora de traços-phi de gênero e número, pois, em todos os exemplos em (30), é possível a substituição da preposição *de* em negrito por um determinante, categoria tipicamente manifestadora de traços-phi. Confirmam-se os exemplos em (31), substituindo-se a preposição *de* por determinante, no caso de (31e), por um determinante que pode ser nulo foneticamente:

- (31) a. Como foi **a** festa?
b. Como foi **a** festa de formatura?
c. Eu troquei **o/meu** carro.
d. Você reprovou **o/seu** ano.
e. Estudantes de agronomia quando vão apresentar **(o)** seminário.

Reforçamos tal hipótese quando observamos a impossibilidade de uso da preposição com outros determinantes:

- (32) a. Como foi de/*da/*de sua/*daquela/*duma festa?
b. Como foi de/*da/*da/*daquela festa/*duma de formatura?
c. Eu troquei de/*do/*de meu/*daquele/*dum carro.
d. Você reprovou de/*do seu/*do/*do seu/*daquele/*dum ano.

⁸⁹ Exemplo retirado da página do Facebook *Engenheiro Sincero*, acesso em 1º.6.2019.

e. Estudantes de agronomia quando vão apresentar de/*do/*do seu/*daquele/*dum seminário.

Os dados em (32) reforçam a ideia de que a preposição *de* já carrega os traços-*phi* necessários para manifestá-los na estrutura sintagmática, na medida em que sua contração ou sua combinação com outros termos manifestadores desses traços (artigos, pronomes) não são licenciadas.

Ainda, os dados em (33) também rejeitam a possibilidade de inserção de sintagmas preposicionados (PPs) em geral relacionados a tempo:

- (33) a. Como foi de festa/*de ontem/*do ano passado?
b. Como foi de festa de formatura/*do fim de semana?
c. Eu troquei de carro/*do ano passado.

Os dados em (33) nos mostram que, além dos traços-*phi*, os próprios traços de preposição inerentes ao *de* bloqueiam o licenciamento de outros sintagmas preposicionados nesses contextos. O exemplo (33b), por outro lado, nos parece possível na medida em que *festa de formatura*, tais como *baile de casamento*, *festa de 15 anos*, *chá de bebê* são expressões fixas, entendidas como um vocábulo apenas, casos conhecidos em inglês como *collocations*.

Com efeito, percebe-se que o uso da preposição *de* nesses contextos difere totalmente daqueles em que se faz marcação de Caso, conforme Ouhalla (1994) e Chomsky (1995), ou daqueles em que a preposição aparece como complemento do verbo, pois, nesses dois últimos contextos, a preposição se contrai ou combina com determinantes de forma perfeita e sistemática, como demonstram os exemplos em (34):

- (34) a. O pé **de/do** João/de madeira/**daquele** garoto.
b. A casa de/**da** Maria é grande/de madeira/**daqueles** vizinhos/**dos** nossos pais.
c. Eu gosto de maçã/**do** João/**daquela** menina/**duma** churrosinha.
d. Eu tenho medo de você/de chuva/do escuro/**do** nosso filho/**daquele** cachorro.

Os exemplos em (34) diferem completamente daqueles em (32), na medida em que o comportamento encontrado em relação à preposição *de* é diferente em cada caso. Nos

casos em (32), a preposição não licencia contração/cominação com determinantes, enquanto, nos casos em (34), a contração/cominação ocorre de forma sistemática e generalizada.

Diante desse quadro, parece haver dois tipos de *de* em português brasileiro, com traços morfossintáticos distintos: um *de* marcador de Caso e que licencia contração/cominação com determinantes, e outro *de* manifestador de traços-*phi* de gênero e número e que não licencia contração/cominação com determinantes, tampouco licencia de forma sistemática outras expressões preposicionadas (cf. 32). Reforçamos essa hipótese a partir de dois fatos:

(i) existem exemplos em português brasileiro de flexão no plural da preposição *de*, em contextos extremamente não monitorados e nos quais as contrações *dos/das* não são possíveis:

- (35) a. Vira **des**/**das* costa! (**vira as costas**!)
b. Tava ali, **des**/**das* perna pro ar. (**tava ali, (com) as pernas pro ar.**)

Em (35), observamos o uso da preposição *de* com flexão de plural visível. Isso é possível, pois a morfologia *des* não se confunde com as morfologias *dos/das*, formas contraídas da preposição *de* marcadora de Caso ou complemento de verbo. Com efeito, *des* é a forma plural da preposição *de* manifestadora de traços-*phi* de gênero e número, evidenciado, assim, a existência de dois tipos de preposição *de* em português brasileiro, com traços morfossintáticos distintos.

Ademais, os exemplos em (35) se assemelham aos casos em que a partícula *que*, em frases exclamativas/interrogativas, se flexiona no plural, ensejando desnecessária a flexão dos outros termos do sintagma (cf. PEREIRA, 2017, p. 39):

- (36) a. **Ques** paisagem bonita!
b. **Ques** ferramenta você usou?

Os exemplos em (35) e (36) exemplificam bem o fenômeno geral de variação de concordância nominal no português brasileiro, discutido na seção 1 deste capítulo, e o fato de haver duas formas flexionadas *des* versus *dos/das* para a preposição *de* indica que, de fato, a hipótese em relação à existência de dois tipos de *de* em português brasileiro é empiricamente sustentável.

(ii) em italiano, existem as preposições *da* e *di*:

Podemos fazer uma conexão entre os dois tipos de preposição *de*, defendidos aqui como existentes no português brasileiro, com as preposições *da* e *di* em italiano. Isso se justifica por três motivos: a) muitos dos casos das preposições *da* e *di* em italiano são traduzidos para o português como *de* (cf. MICHAELIS, 2004, p. 376); b) proximidade fonética com o *de* latino e c) cada uma tem sua especificidade de uso, função e flexão, conforme demonstrado em (37) e (38) (cf. MICHAELIS, 2004, pp. 376, 389 393, 394, 395), tal como defendermos se dar em relação aos dois tipos de *de* em português brasileiro, embora não nos mesmos termos do que ocorre em italiano:

(37) Preposição *da* (lista não exaustiva):

a. movimento de um lugar , de distanciamento:

– **Da** qui a firenzi.’

‘Daqui a Firenze.’

b. origem, proveniência:

Leonardo **da** Vinci.

‘Leonardo da Vinci.’ (Vinci = cidade da Itália.)

c. maneira, modo:

Vive **da** re.

‘Vive como rei.’

d. qualidade, característica física:

Comportamento **da** matto.

‘Comportamento de louco.’

e. fim, finalidade:

Macchina da scrivere.

‘Máquina de escrever.’

(38) Preposição *di*

a. propriedade, posse:

La macchina **di** Paolo.

‘A máquina de Paolo.’

b. autoria:

L'opera **di** Dante,
'A ópera de Dante.'

c. tempo, com as partes do dia e as estações:

Di notte, **di** mattino
'De noite', 'de manhã'.

d. matéria:

Tavolo **di** legno
'Mesa de madeira.'

e. nome, denominação:

La città di Roma.
'A cidade de Roma.'

Convém observar, ainda, que, com as preposições *sopra* 'sobre', *sotto* 'embaixo de', *dopo* 'depois de', *attraverso* 'através de', *tra, fra* 'entre', por exemplo, é opcional o uso da preposição *di* quando o complemento da preposição for um pronome pessoal, não sendo possível o uso da preposição quando o complemento é um nome (cf. MICHAELIS, 2004, pp. 376-380):

- (39) a. *attraverso i secoli.* > *attraverso (di) lui.*
'através dos séculos.' > 'através dele.'
b. *dopo la lezione* > *dopo (di) noi.*
'depois da aula.' > 'depois de nós.'
c. *sopra il tavolo* > *sopra (di) lui.*
'Sobre a mesa' > 'sobre ele'.

Tal fenômeno clareia a hipótese aqui defendida no sentido da possibilidade de o *de* (no italiano, o *di*) manifestar traços-*phi*, já que os casos em (39) se assemelham aos casos de preposições flexionadas na língua celta demonstrados em Salles (2001, p. 183), repetidos em (40):

- (40) a. gennyf **fi** (lps)
b. gennyt **ti** (2ps)
c. ganddo **fo** (3ps)
d. ganddyn **nhw** (3ppl)

Para a autora (2001, p. 183):

Existem preposições flexionadas, particularmente na família celta. Em galês, por exemplo, a preposição recebe sufixo de pessoa e número sempre que o complemento da preposição é expresso por uma forma pronominal livre, conforme ilustrado em (10) – [gan 'com' + sufixo número-pessoal] + forma pronominal livre.

Como Salles (2001) argumenta, a flexão de pessoa e número se manifesta morfofoneticamente quando o complemento da preposição “é expresso por uma forma pronominal livre”. Não nos comprometemos aqui com a análise de as formas pronominais *lui*, *noi*, *lei*, *voi* do italiano serem, de fato, formas livres, mas nos atemos ao fato de haver a flexão para as preposições do galês quando o complemento for pronominal, fenômeno que argumentamos ocorrer em italiano, mas, em vez de pelo uso da flexão de traços-*phi* na preposição, por meio da preposição *di*, à qual atribuímos a capacidade de manifestar tais traços.

Por fim, defendemos que o fato de os casos de preposição *de* como manifestadora de traços-*phi* em português serem ainda mais ou menos contextuais ou isolados se deve à variação existente na concordância nominal e verbal no português brasileiro, no que concerne à manifestação de variáveis explícitas ou zero, nos termos de Scherre (1988). De outra parte, o francês apresenta o *de* como manifestador de traços-*phi* de forma sistemática e abrangente pois, nessa língua, a concordância nominal e verbal manifestada por traços zero também já é sistemática e abrangente, não havendo variação como há no português brasileiro.

5.6 Conclusão

Defendemos que a variação de concordância tem estreita ligação com o fato de preposições, especialmente o *de*, poderem manifestar traços-*phi*, a fim de fazer as vezes dos nomes/verbos que não estão morfofoneticamente flexionados. Com efeito, defendemos que uma mudança tão importante num sistema linguístico tem impacto num sistema como um todo, seguindo a linha dos impactos, por exemplo, no sistema na escolha de um parâmetro *pro-drop* ou não, como a ordem e, indiretamente, a concordância.

Para tanto, demonstramos, após uma comparação detalhada a respeito da concordância entre o português e o francês, os diferentes usos da preposição *de* nas duas línguas e, a partir disso, formulamos nossa hipótese em relação ao uso da preposição *de* como manifestador de traços-*phi* nas duas línguas. Entendemos que este capítulo traz novas

reflexões a respeito da preposição *de*, bem como dados pouco discutidos na literatura, os quais demonstram que a preposição *de* se comporta de maneira distinta na língua.

Em suma, buscamos defender a hipótese de que a variação de concordância no português brasileiro enseja a variação também da manifestação de traços-*phi*, podendo se dar por meio de outros núcleos funcionais. Ademais, admitimos que, em português brasileiro, existem dois tipos de *de*, os quais têm correlatos morfossintáticos: o primeiro, que admite contração/combinção com determinantes, marcador de Caso, seguindo as ideias tradicionais a respeito do tema (cf. CHOMSKY, 1988; OUHALLA, 1994); o segundo, que não admite contração/combinção com determinantes, pois já carrega tais traços, ao qual denominamos manifestador de traços-*phi*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese, discutimos os aspectos categoriais e sintáticos do infinitivo e da preposição *de* que encabeça alguns contextos de oração infinitiva, a saber, as orações pré e pós-verbais e as orações *tough*. Abordamos a questão referente ao infinitivo com base na proposta de Panagiotidis (2015) de categorias mistas, a qual julgamos ser um avanço teórico na Teoria Gerativa que vai ao encontro dos dados empíricos que demonstram, de maneira a nosso ver explícita, o caráter misto de diversas categorias, o que, por anos, foi um desafio para teorias formalistas como o gerativismo.

Com efeito, analisamos dois contextos de oração infinitiva, um em que julgamos ocupar ela posição argumental, daí seu caráter misto, nos moldes da análise de Panagiotidis (2015), e outro em que defendemos não ocupar posição argumental, com base em testes de constituição, daí seu caráter não argumental, sendo o infinitivo, nesses contextos, puramente verbal.

Para a análise das orações impessoais, formulamos uma hipótese na direção de que a possibilidade ou não de omissão da preposição *de* nesses ambientes está correlacionada à variação de concordância em orações simples inacusativas, em que vários trabalhos têm apontado ser fruto da possibilidade de inserção de dois expletivos nulos, com traços sintáticos distintos. Embora a questão relacionada a qual posição argumental tais constituintes (DPs e orações) pós-verbais em ambiente inacusativo ocupam seja ainda motivo de amplo debate na literatura, nos comprometemos com uma análise em que as orações infinitivas nesses contextos ocupam de fato posição argumental, já que os testes de constituição que se aplicam aos argumentos prototípicos também se aplicam a essas orações nesses contextos, conforme discutido nesta tese.

Dessa forma, uma análise que se alinha a outra análise já amplamente discutida na teoria relacionada às orações simples em ambiente inacusativo e a variação de concordância encontrada aí nos é interessante na medida em que demonstra que uma variação sintática tem efeitos, como defendemos, em outros contextos sintáticos. Em outras palavras, demonstra um sistema sistêmico e sistemático, corroborando a ideia já consolidada de que as variações linguísticas não são aleatórias ou desregradas.

Ademais das orações impessoais objeto desta tese, nos chamam atenção as orações impessoais nas quais o verbo da oração encaixada está na voz passiva analítica, como em (1):

- (1) a. É difícil (de) ser morto aqui.
b. É fácil (de) ser achado (pela polícia).
c. É revoltante (?de) ser feito de bobo por todo mundo.
d. É chato (?de) ser julgado sempre.

As orações acima apresentam um desafio na medida em que elas parecem ser uma “mistura” das *tough* e das orações impessoais, já que, pela nossa proposta, poderiam ser vistas como reestruturação de voz, já que reúnem as duas condições perfeitas para tal, traço de voz passiva na oração encaixada e o mais ou menos passivo na matriz, bem como poderiam ser vistas como orações impessoais, pois apresentam a estrutura ser + adjetivo + oração infinitiva. Tais orações são de fato algo pouco analisada ainda na literatura e representam um bom objeto de estudo para pesquisas futuras.

Discutidas as hipóteses acima, existe outro contexto de uso obrigatório da preposição de que nos chama a atenção. Confira-se:

- (2) a. [Essa rua] é difícil ?/de sair.
b. [Aquela via] é fácil */de andar. c. Essa avenida é difícil ?/de chegar.
c. *Esse aparelho é melhor fazer
Esse aparelho é melhor de fazer
(no sentido de “é melhor fazer o exercício *nesse aparelho*”)

Os três exemplos acima se assemelham a estruturas *tough* no sentido de que os sintagmas em colchetes são sujeitos não agentes e logicamente ligados ao infinitivo da oração encaixada. No entanto, eles funcionam como adjunto/complemento circunstancial lógico [dessa rua], [naquela via], [nessa avenida], respectivamente. Nesses casos, há flagrante maior aceitabilidade da preposição em detrimento do seu não uso, em alguns casos, é obrigatório o uso da preposição. Assim, há, aparentemente, relação entre o uso obrigatório da preposição e a adjunção lógica de sintagmas na posição de sujeito.

Esses exemplos nos remontam a Kayne (2018), para quem o expletivo *there* e o advérbio *there* em inglês são a mesma palavra em contextos distintos. Nos remontamos a essa análise pelo fato de o expletivo *there* ser aquele em inglês que pode ocorrer com verbos no singular ou plural à direita, isto é, compartilha traços e ser também um expressão adverbial de lugar. E os casos que analisamos em que a o plural é marcado nas *tough*, defendemos ser um

caso em que está inserido o expletivo *there* e a preposição *se* torna (mais) obrigatória, e naqueles em que uma expressão adverbial está numa aparente posição de sujeito, como em (2), onde, por hipótese, estaria o expletivo *there* em relação às orações *tough*, a obrigatoriedade da preposição *de* também parece ser (mais) obrigatória. Vemos, por conseguinte, o uso da preposição *de* nessas estruturas *tough* (com DPs plenos ou adverbiais) estreitamente correlacionado à marcação de plural e à semântica adverbial, assim como ao expletivo *there*, que apresenta essas mesmas características. Há alguma correlação natural entre a marcação de plural e a noção adverbial? São questões a serem analisadas, caso seja de interesse do leitor/pesquisador, e que mereceram reflexões nossas, embora não tenham feito parte do objeto desta tese.

Dessa maneira, como as orações *tough* com DP adverbial (semântica adverbial também encontrada em *there*) tendem a exigir a preposição *de* e as orações *tough* no plural também tendem a exigir a preposição *de* (compartilhamento de número também traço de *there*), fica como pesquisa a futura a possibilidade de os DPs das orações *tough* no plural poderem ser interpretados com o traço [+there], isto é, com traço adverbial. É uma análise que iria na direção de um DP pleno com traços de expletivo, algo ainda raro em termos de análise, mas que merece, a nosso ver, reflexão e olhar atento.

Ademais, é necessário dar conta da estrutura que foi reanalisada, como defendemos, para reestruturação de incorporação em português brasileiro. Partindo-se de Hicks (2003), percebe-se que as estruturas *tough* em inglês carregam bastantes similaridades com o português, tais como a necessidade de subida do DP encaixado para ter seu Caso marcado, a obrigatoriedade de sujeitos preposicionados da oração encaixada *This is easy (for Daniel) to do*, mas se separam justamente em relação ao fato de que, em português brasileiro, é possível a morfologia analítica no predicado *tough* **This cake is easy to be made*, **This book is easy to be translated*, algo que tampouco ocorre em espanhol **Esta torta es fácil de ser hecha*, **Este libro es difícil de ser traducido*. Nesse sentido, conforme sugerido, a morfologia analítica desencadeou um processo de reanálise no português brasileiro, ensejando orações reestruturadas do tipo de incorporação, embora tenha mantido a leitura *tough*, isto é, de um DP da oração matriz cujo significado lógico é de complemento da oração não finita encaixada.

Assim, defendemos que o português brasileiro é uma língua de reestruturação e apresenta MLO, intuição também encontrada em Oliveira (2010). Nesse sentido, conforme observa Wurmbrand (2010), o português brasileiro se afasta do português europeu por este apresentar reestruturações *default* e aquele, de incorporação, o que sugere, como já há muito

reconhecido na literatura, que tais línguas apresentam gramáticas diversas, configurando-se em duas línguas distintas.

Além disso, defendemos que *tough constructions* são adjuntos e, por esse motivo, não necessitariam de Caso: preposições que encabeçam são (mais ou menos) lexicais, e tal aspecto de lexicalidade pode ser depreendido ao se poder substituir a preposição *de* por *para* em predicados *tough*:

- (3) a. Esse bolo é fácil do/pro Daniel fazer.
b. Esse recurso é difícil de/prá julgar.
c. Daniel é difícil de/prá enganar.
d. Essa prova é muito difícil de/prá fazer sozinho.

No entanto, o aspecto funcional é também evidente, no sentido de que há possibilidade de apagamento da preposição, comportamento típico de elementos funcionais, bem como de que a preposição está relacionada à manifestação de traços de número, isto é, traços gramaticais. A preposição, nesse sentido, apresenta um caráter misto (funcional e lexical) e acreditamos ser um objeto de estudo bastante interessante a ser analisado em pesquisas futuras.

Quanto à (não) marcação de Caso em orações com aspecto misto, entendemos que esse é um problema que pode ser objeto de pesquisa futuras, já que Caso é um tema bastante amplo na Teoria e que está relacionado a diversos outros fenômenos linguísticos. Nesse sentido, a despeito de postularmos uma marcação de Caso no próprio *switch*, abrimos a discussão para análises que também podem ser desenvolvidas no futuro.

Por fim, tendo discutido os aspectos de concordância em português brasileiro em contraste com o francês, devido ao fato de as duas línguas serem românicas, podemos pensar que o francês padrão apresenta estruturas de forma generalizada que possivelmente o português brasileiro também apresentará de forma sistêmica. Em outras palavras, por meio da comparação entre as duas línguas, podemos pensar que o francês padrão hodierno é possivelmente o português brasileiro no futuro, nos ajudando a entender de maneira melhor os parâmetros linguísticos e sua influência em outros contextos gramaticais bem como a maneira como funcionam e caminham as variações linguísticas.

ANEXO

Neste anexo, encontra-se o questionário com 57 sentenças para que trinta falantes nativos julgassem a aceitabilidade de cada uma das frases do francês, levando em consideração a língua francesa falada no dia a dia.

Dos 30 falantes consultados, 20 são homens e 10, mulheres, e, de todo o grupo, 5 são falantes também do português brasileiro, entre os quais apenas um fala português há mais de dez anos (até o momento da pesquisa). Ademais, do grupo de 30 falantes nativos, 27 são franceses e 3 do Canadá, não havendo diferença de julgamento de frases a ponto de se perceber uma diferença de aceitabilidade gramatical em relação às frases do questionário, isto é, as respostas dadas dos falantes de português brasileiro como segunda língua foi coerente com aquelas dos não falantes de português brasileiro como segunda língua,

A faixa de idade dos 20 homens consultados é a seguinte: entre 20-30 anos, 15 falantes; entre 30-40, 4 falantes; e +40, 1 falante. Embora este trabalho não tenha o escopo de fazer uma análise sociolinguística em relação à aceitabilidade das sentenças, sendo os dados acima apenas para orientar o leitor em relação à pesquisa feita, devemos esclarecer que não houve, em termos gerais, diferença de julgamentos a ponto de se perceber uma diferença de faixa etária influenciando a aceitabilidade das sentenças.

A faixa de idade das 10 mulheres consultadas é a seguinte: entre 20-30, 4 falantes; 30-40, 4 falantes; +40, 2 falantes. Também não houve nesse grupo, em termos gerais, diferença de julgamentos a ponto de se perceber uma diferença de faixa etária influenciando a aceitabilidade das sentenças também no âmbito desse grupo.

Questionário

Prénom, âge et lieu de naissance:

LES PHRASES

- 1) Ce serait intéressant de parler des équipements sportifs.
- 2) Ce serait intéressant parler des équipements sportifs.
- 3) Ce sont des femmes.
- 4) C'est des femmes.
- 5) C'est une femme.
- 6) On a décidé de sortir de chez nous maintenant.
- 7) On a décidé sortir de chez nous maintenant.
- 8) Il pense faire un gâteau là.
- 9) Il pense de faire un gâteau là.
- 10) J'ai réussi à dormir ici.
- 11) J'ai réussi de dormir ici.
- 12) J'ai réussi dormir ici.
- 13) Tu peines à trouver ça.
- 14) Tu peines de trouver ça.
- 15) Tu peines trouver ça.
- 16) C'est bien d'être ici.
- 17) C'est bien à être ici.
- 18) C'est bien être ici.
- 19) Ce n'est pas mon rôle à lui dire cela.
- 20) Ce n'est pas mon rôle de lui dire cela.
- 21) Ce n'est pas mon rôle lui dire cela.
- 22) Ce serait un plaisir de vous rencontrer.
- 23) Ce serait un plaisir vous rencontrer.
- 24) Ce serait un plaisir à vous rencontrer.
- 25) Il est bon faire des choses qui bousculent notre confort.
- 26) Il est bon de faire des choses qui bousculent notre confort.
- 27) Il est bon de faire une pause dans notre quête du bonheur.
- 28) Il est bon faire une pause dans notre quête du bonheur.
- 29) Je mange du gâteau.
- 30) Je ne mange pas du gâteau.
- 31) Je ne mange pas de gâteau.
- 32) Je ne mange pas de la gâteau.
- 33) Je bois de la bière.

- 34) Je ne bois pas de la bière.
- 35) Je ne bois pas du bière.
- 36) Je ne bois pas de bière.
- 37) Lui, il est insupportable.
- 38) Il est insupportable.
- 39) Lui est insupportable.
- 40) Lui, elle est insupportable.
- 41) Lui est ici.
- 42) Lui, il est ici.
- 43) J'ai lui dit tout cela (lui = une femme).
- 44) J'ai lui dit tout cela (lui=un homme).
- 45) J'y vais avec lui (lui =une femme).
- 46) J'y vais avec lui (lui= un homme).
- 47) Moi, je parle français.
- 48) Moi parle français.
- 49) Nous, on parle français.
- 50) Toi, tu es fatigué?
- 51) Toi es fatigué?
- 52) J'étudie le weekend.
- 53) J'étudie les weekends.
- 54) J'étudie au weekend.
- 55) J'étudie aux weekends.
- 56) J'étudie en weekend.
- 57) J'étudie en weekends.

RESULTADOS:

1) Estrutura do c'est+ plural :

- a. C'est des femmes.

60% aceitam.

‘São mulheres.’

2) Estrutura do ce sont + plural:

- b. Ce sont des femmes.

100% aceitam.

‘São mulheres.’

3) Estrutura do ce serait+ adjetivo + preposição de + infinitivo:

- a. Ce serait intéressant de parler des équipements sportifs. **100% aceitam.**

‘Seria interessante (de) falar dos equipamentos esportivos.’

4) Estrutura do ce serait+ adjetivo + infinitivo:

- a. Ce serait intéressant parler des équipements sportifs. **6,6% aceitam.**

‘Seria interessante (de) falar dos equipamentos esportivos.’

5) Estrutura do ce serait+ DP + preposição de + infinitivo:

- a. Ce serait un plaisir de vous rencontrer. **100% aceitam.**

‘Seria um prazer (de) conhecer você/o senhor/a senhora.’

6) Estrutura do ce serait+ DP + infinitivo:

- a. Ce serait un plaisir vous rencontrer. **20% aceitam.**

‘Seria um prazer conhecer você/o senhor/a senhora.’

7) Estrutura do c’est + adjetivo/advérbio + preposição de +infinitivo:

- a. C’est bien d’être ici. **100% aceitam.**

‘É bom (de) estar aqui.’

8) Estrutura do c’est + adjetivo/advérbio +infinitivo:

- a. C’est bien être ici. **73,3% aceitam.**

‘É bom (de) estar aqui.’

9) Estrutura do ce n’est pas + DP + preposição de + infinitivo:

- a. Ce n’est pas mon rôle de lui dire cela. **100% aceitam.**

‘Não é meu papel dizer isso a ele/ela.’

10) Estrutura do ce n’est pas + DP + infinitivo:

- a. Ce n’est pas mon rôle lui dire cela. **20% aceitam.**

‘Não é meu papel dizer isso a ele/a ela.’

11) Estrutura do il est + adjetivo + preposição de + infinitivo:

- a. Il est bon de faire des choses qui bousculent notre confort. **100% aceitam.**
‘É bom fazer coisas que mexem no nosso conforto.’
- b) Il est bon de faire une pause dans notre quête du bonheur. **100% aceitam.**
‘É bom fazer coisas que mexem no nosso conforto.’

12) Estrutura do il est + adjetivo + infinitivo:

- a) Il est bon faire des choses qui bousculent notre confort. **86,6% aceitam.**
‘É bom fazer coisas que mexem no nosso conforto.’
- b) Il est bon faire une pause dans notre quête du bonheur. **46,6% aceitam.**
‘É bom fazer uma pausa na nossa busca por prazer.’

13) Negativa com ne...pas e de + substantivo masculino:

- a. Je ne mange pas de gâteau. **100% aceitam.**
‘Eu não como bolo.’

14) Negativa com ne...pas e du:

- a. Je ne mange pas du gâteau. **66,6% aceitam.**
‘Eu não como bolo.’

15) Negativa com ne...pas e de + substantivo feminino:

- a. Je ne bois pas de bière. **100% aceitam.**
‘Eu não bebo cerveja.’

16) Negativa com ne...pas e de la:

- a. Je ne bois pas de la bière. **46,6% acietam.**
‘Eu não bebo cerveja.’

17) Estrutura de lui em tópico seguido de il sujeito:

- a. Lui, il est insupportable. **100% aceitam**
‘Ele, ele é insuportável.’
- b. Lui, il est ici. **100% aceitam**
‘Ele, ele está aqui.’

18) Estrutura de *lui* em tópico seguido de *elle* sujeito:

- a. Lui, elle est insupportable. 3.3% aceitam.
'Ela, ela é insuportável.'

19) Estrutura de *lui* na posição de sujeito, na posição de *il*:

- a. Lui est insupportable. 53,3% aceitam.
'Ele é insuportável.'
- b. Lui est ici. 40% aceitam.
'Ele está aqui.'

20) Estrutura de *lui* após a conjunção *avec* e se referindo ao sexo masculino:

- a. J'y vais avec lui. 100% aceitam.
'Eu vou embora com ele.'

21) Estrutura de *lui* após a conjunção *avec* e se referindo ao sexo feminino:

- a. J'y vais avec lui. 100% rejeitam.
'*Eu vou com ela.'

22) Estrutura com *moi* em tópico seguido de *je* como sujeito:

- a. Moi, je parle français. 100% aceitam.
'Eu, eu falo francês.'

23) Estrutura com *moi* na posição de sujeito:

- a. Moi parle français. 100% rejeitam.
'Mim fala francês.'

24) Estrutura com *toi* em tópico seguido de *tu* como sujeito:

- a. Toi, tu es fatigued ? 100% aceitam.

25) Estrutura com *toi* como sujeito:

- a. Toi es fatigued ? 100% rejeitam.

26) Estrutura com o verbo *penser* ('pensar') + infinitivo:

- a. Il pense faire un gâteau. **100% aceitam.**
'Ele pensa em fazer um bolo.'

27) Estrutura com o verbo *penser* ('pensar') + preposição *de* + infinitivo:

- a. Il pense de faire un gâteau. **100% rejeitam.**
'Ele pensa em fazer um bolo.'

28) Estrutura com o verbo *réussir* ('conseguir') + infinitivo:

- a. J'ai réussi dormir ici. **100% rejeitam.**
'Eu consegui dormir aqui.'

29) Estrutura com o verbo *réussir* ('conseguir') + preposição *de* + infinitivo:

- a. J'ai réussi de dormir ici. **100% rejeitam.**
'Eu consegui dormir aqui.'

30) Estrutura com o verbo *réussir* ('conseguir') + preposição *à* + infinitivo:

- a. J'ai réussi à dormir ici. **100% aceitam.**
'Eu consegui dormir aqui.'

31) Estrutura com o verbo *peiner* (ter dificuldade, penar) + infinitivo:

- a. Tu peines trouver ça. **100% rejeitam.**
'Você está penando para achar isso.'

32) Estrutura com o verbo *peiner* (ter dificuldade, penar) + preposição *de* + infinitivo:

- a. Tu peines de trouver ça. **100% rejeitam.**
'Você está penando para achar isso.'

33) Estrutura com o verbo *peiner* (ter dificuldade, penar) + preposição *à* + infinitivo:

- a. Tu peines à trouver ça. **100% aceitam.**
'Você está penando para achar isso.'

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACKEMA, Peter; NEELEMAN, Ad. *Beyond Morphology: Interface Conditions on Word Formation*. Oxford Studies in Theoretical Linguistics 6. Oxford University Press, 2004.
- ACQUAVIVA, P. *The Roots of Nominality, the Nominality of Roots*. Disponível em: <http://ling.auf.net/lingbuzz/000824>, 2009.
- ANDERSON, D. *The acquisition of tough-movement in English*. Dissertation submitted for the degree of Doctor of Philosophy, Universidade de York, 2005.
- ANDERSON, John M. *A Notional Theory of Syntactic Categories*. Cambridge Studies in Linguistics 82. Cambridge University Press, 1997.
- ALEXIADOU, A. *Functional Structure in Nominals: Nominalization and Ergativity*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- _____ et alli. *The properties of anticausatives cross-linguistically*. In: *Phases of interpretation*, ed. Mara Frascarelli, 187-211. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.
- ALRENGA, P. *A sentential subject asymmetry in English and its implications for complement selection*. *Syntax* 8, 175–220, 2005.
- AUTHIER, Marc; REED, Lisa A. *French tough-movement revisited*. In https://www.researchgate.net/publication/249934227_French_Tough-movement_revisited, acesso em 28. 6.2019.
- BAYER, S. *Tough movement as function composition*. In *The Proceedings of the Ninth West Coast Conference on Formal Linguistics*, pp. 29–42. Stanford, CA: Stanford Linguistics Association, 1990.
- BAGNO, Marcos. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2016.
- BAKER, M. *Lexical Categories*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- BETTENS, Olivier. *Chantez-vous français ? remarques curieuses sur le français chanté de moyen âge à la période baroque*. URL <http://virga.org/cvf/>, 2015.
- BORER, Hagit. *In Name Only*. *Oxford Linguistics 1*. Oxford University Press, 2005.
- BOWERS, J. Transitivity. *Linguistic Inquiry* 33.2, pp.183-224, 2002.
- BURZIO, L. *Italian Syntax. A government-biding approach*. Dordrecht: Reidel Publish Company, 1986.
- BOULARÉS, Michèle e FRÉROT, Jean-Louis. *Grammaire progressive du français*. CLE International, 2000.

- CASTILHO, A. T. *Gramática do Português brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- COSTA, J. *Orientação para o discurso importa?* In: *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, pp. 123-143, 2010.
- CRABBÉ, BENOIT; SIMONENKO, Alexandre e PRÉVOST, Sophie. *Agreement syncretisation and the loss of null subjects: quantificational models for Medieval French*, em <https://ling.auf.net/lingbuzz/003491>, acesso em 18.7.2019.
- CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- _____. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.
- _____. Remarks on Nominalization. In *Readings in English Transformational Grammar*, editado por Roderick Jacobs and Peter Rosenbaum, pp. 184–221. Waltham, Mass.: Ginn e Company, 1970.
- _____. On wh-movement. In: *Formal Syntax*, ed. Peter Culicover, Thomas Wasow, and Adrian Akmajian, 77–132. New York: Academic Press, 1977.
- _____. *Lectures on Government and Binding*. 5th ed. Holland, Foris Publications, 1981.
- _____. *Knowledge of language. Its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.
- _____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- _____. Beyond Explanatory Adequacy. In: *Structures and Beyond*, edited by Adriana Belletti, pp. 104–31. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- CUNHA, C.; CINTRA, L.F.L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DAVIS, Henry. *On Nouns and Nominalizations in Salish*. Unpublished ms. University of British Columbia, Vancouver, 1999.
- DE BELDER, M.. *Roots and Affixes: Eliminating Lexical Categories from Syntax*. Utrecht: Lote Belder, 2011.
- DÉCHÂINE, Rose-Marie. *Predicates across Categories*. PhD thesis, University of Massachusetts, Amherst, 1993.
- DE JONG, Thera. *La prononciation des consonnes dans le français de Paris aux 13^{ème} et 14^{ème} siècles*. Netherlands Graduate School of Linguistics, 2006.
- DELAHUNTY, G.P. *But Sentential Subjects Do Exist*. *Linguistic Analysis* 12, 379–398, 1983.
- DUARTE, I. *A família das construções inacusativas*. In: MATEUS, M.H.M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003. p. 507-548, 2003.
- ELISEU, A. *Verbos ergativos do português. descrição e análise*. Monografia para Provas de Aptidão Pedagógica e Científica. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa, 1984.

- EMONDS, J. *A Transformational Approach to English Syntax*. New York: Academic Press, 1976.
- FRANCHI, C.; Viotti, E.; Negrão, E.V. *Sobre a Gramática das Orações Impessoais com Ter/Haver*. *D.E.L.T.A.* 14: 105-131, 1988.
- FOLLI, R.; HARLEY, H. *Flavours of v: consuming results in Italian and English*. In: *Aspectual Inquiries*, eds. Paula Kempchinsky and Roumyana Slabakova, 95-120. Dordrecht: Springer, 2005.
- FOULET, Lucien. *L'extension de la forme oblique du pronom personnel em ancien français*. Romania, pp.61–62, 257–315, 1935.
- GALVES, C. 1993. *O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro*. In: ROBERTS, I; KATO, M. (orgs) *Português Brasileiro*. Uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- GIL, David. *The Structure of Riau Indonesian*. *Nordic Journal of Linguistics* 17: pp.179–200, 1994.
- _____. *Syntactic Categories, Cross-Linguistic Variation and Universal Grammar*. In *Approaches to the Typology of Word Classes (Empirical Approaches to Language References 193 Typology)*, editado por Petra M. Vogel and Bernard Comrie, 173–216. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.
- _____. *Word Order without Syntactic Categories: How Riau Indonesian Does It*. In *Verb First: On the Syntax of Verb-Initial Languages*, editado por Andrew Carnie, Heidi Harley and Sheila Dooley, pp. 243–63. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005
- _____. *Riau Indonesian: A Language without Nouns and Verbs*. In *Flexible Word Classes: Typological Studies of Underspecified Parts of Speech*, editado por Jan Rijkhoff and Eva van Lier. Oxford University Press, 2013.
- HAZOUT, Ilan. *Nominalizers in Theta Theory*. *The Linguistic Review* 11: 5–48, 1994.
- HICKS, G. “*So Easy to Look At, So Hard to Define*”: *Tough Movement in the Minimalist Framework*. Dissertation submitted in partial fulfilment of the requirements for the degree of Master of Arts (by Research) in Linguistics, Universidade de York, 2003.
- HIMMELMANN, Nikolaus. *Lexical Categories and Voice in Tagalog*. In: *Voice and Grammatical Relations in Austronesian Languages*, editado por Peter Austin and Simon Musgrave, 247–93. Stanford, Calif.: CSLI Publications, 2008.
- HORA, Demerval de e Espínola, Lucienne C. *O paralelismo linguístico e sua atuação no processo variável de concordância verbo-sujeito*. *Revista da Abralín* 1-2, pp. 217-241, vol. III, 2004.

- HORNSTEIN, N. *Move! a minimalist theory of construal*. Oxford: Blackwell, 2001.
- HUDDLESTON, Rodney. *The clause: complements*. In: HUDDLESTON; RODNEY; PULLUM, G.K. (eds.), *The Cambridge Grammar of the English Language*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 213–321, 2002.
- JACOBS, R.A.; ROSENBAUM, P.S. *English Transformational Grammar*. Waltham, Mass:Ginn, 1978.
- JACKENDOFF, Ray. *X Syntax: A Study of Phrase Structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1977.
- JESPERSEN, Otto. *Negation in English and other languages*. Copenhagen, 1917.
- KAYNE, R. *Parameters and Universals*. Cambridge, Cambridge University Press, 2000.
- _____. *Notes on expletive there*. In: www.ling.auf.net/lingbuzz/0044158. Acesso: 1º.8.2019, 2018.
- KATO, M.A.; MIOTO, C. *A existência/inexistência de sujeitos oracionais*. In: *Laços*, 1:61-90, Rio de Janeiro, 2000.
- KOSTER, Jan. *Why subject sentences don't exist*. In: KEYSER, S.J. (ed.), *Recent transformational studies in European languages*, Cambridge, MA: MIT Press, 53–64, 1978.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LAPINTE, Steve. *Dual Lexical Categories and the Syntax of Mixed Category Phrases*. In ESCOL 93, editado por Andreas Kathol e Michael Bernstein, pp. 199–210. Columbus, Ohio: Ohio State University, 1993.
- LEES, R. B. *A Multiply Ambiguous Adjectival Construction in English*. *Language* 36(2), pp. 207–22, 1960.
- LEMLE, M.; NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (Mobral) e Fundação Ford. Rio de Janeiro. 151p., 1997.
- LEVINSON, Lisa. *The roots of verbs*. Tese de doutorado, Universidade de Nova Iorque, 2007.
- LOHNDAL, T. *Sentential subjects: topics or real subjects?* In: *Proceedings of the 31st West Coast Conference on Formal Linguistics*, ed. Robert E. Santana-LaBarge, pp. 315-324. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2014.
- MANZINI. M. R.; SAVOIA, L. M. *Grammatical Categories, Variation in Romance Languages*. Cambridge, Cambridge University Press, 2011.

- MACHADO, D. *Preposições introdutoras de orações infinitivas*. Dissertação de Mestrado, Brasília: Universidade de Brasília, 2013.
- MAIA, Marcus. *Sintaxe experimental: uma entrevista com Marcus Maia*. ReVEL, v. 10, n. 18, 2012.
- MARANTZ, A. Phases and words. In *Phases in the theory of grammar*. Seoul: Dong In Publisher, pp. 191-220, 2008.
- MENUZZI, S. *A ordem verbo-sujeito no português do Brasil: algumas abordagens e questões em aberto*. Rio Grande do Sul: PUCRS, 2003.
- MIOTO, C. et alli. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.
- MORENO, B.S. *Tough-constructions e posição de sujeito no português brasileiro*. São Paulo, Unicamp, dissertação de mestrado, 2014.
- NASCIMENTO, Cristiana Aparecida Reimann. *Negação do português brasileiro falado em Vitória/ES*. Dissertação (Mestrado em Programa de pós-graduação em estudos linguísticos) - Universidade Federal do Espírito Santo, 2014.
- NARO, A. J.; LEMLE, M. *Syntactic diffusion*. In: STEEVER, Sandord B. et alii (eds.) *Papers from the parasession on diachronic syntax*. Chicago, Chicago Linguistic Society. pp.221-241, 1976.
- NARO, A. J. *The social and structural dimensions of a syntactic change*. *Language*. LSA, 57(1), pp. 63-98, 1981.
- NEELEMAN, Ad, Hans van de Koot e DOETJES, Jenny. *Degree expressions. the linguistic review* 21: pp. 1–66, 2004.
- NGAMOUNSIKA, Edouard. *Analyse morphosyntaxique de l'article partitif pluriel des en français parlé en république du Congo*. Em https://www.linguistiquefrancaise.org/articles/cmlf/pdf/2010/01/cmlf2010_000109.pdf, acesso em 17.7.2019.
- NUNES, J. *Preposition Insertion in the Mapping from Spell-out to PF* Disponível em: <http://www.ling.uni-potsdam.de/lip/28/LIP28-5nunes.pdf>, 2008.
- OLIVEIRA, I. *They are really tough, but also middle*. São Paulo, Unicamp, dissertação de mestrado, 2010.
- OUHALLA, J. *Introducing transformational grammar- from rules to principles and parameters*. Great Britain: British Library, 1994.
- PANAGIOTIDIS, P. *Categorial Features, A generative theory of word class categories*. Cambridge, Cambridge University Press, 2015.

- PANAGIOTIDIS, P.; GROHMANN. *Mixed projections: Categorical Switches and Prolific Domains. Linguistics Analysis* 35, pp. 141-161, 2009.
- PEREIRA, Bruna Karla. *'Ques' in Brazilian Portuguese*. Em Pronomes, morfossintaxe e semântica, EDUFBA, 2017.
- PERINI, M. *Estudos da gramática descritiva*. São Paulo: Parábola Editorial, 1995.
- PERLMUTTER, D. M. *Evidence for subject downgrading in Portuguese*. Amsterdam/New York: Oxford University Press, 1982.
- PILATI, E. *Aspectos sintáticos e semânticos da ordem verbo-sujeito no português*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, 2006.
- POSTAL, P.M. *Three Investigations of Extraction*. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.
- PRASADA, S. *Aspects of a Fully Psychological Theory of Sortal Representation*. Unpublished ms. Hunter College, CUNY, New York, 2008.
- PULLUM, Geoffrey. *English Nominal Gerund Phrases as Noun Phrases with Verb Phrase Heads. Linguistics* 29, pp. 763–99, 1991.
- RAMCHAND, Gillian. *Verb Meaning and the Lexicon: A First-Phase Syntax*. Cambridge Studies in Linguistics 116. Cambridge University Press, 2008.
- RAPOSO, E.P. *Romance infinitival clauses and case theory*. In: C. Neidle e R.A.N.Cedeño (orgs) *Studies in Romance Languages*. Dordrecht: Foris, 1987.
- RAUH, Gisa. *Syntactic Categories: Their Identification and Description in Linguistic Theories*. Oxford Surveys in Syntax & Morphology 7. Oxford University Press, 2010.
- REULAND, Eric. *Governing “-ing”*. *Linguistic Inquiry* 14: pp. 101–36, 1983.
- REY, Alain et alii. *Mille ans de langue française, histoire d'une passion : des origines au français moderne*. Paris, Perrin, 2007.
- RIEGL, M. , PELLAT, J-C e RIOUL, R. *Grammaire méthodique du français*. Paris : PUF, 1994.
- RIGAU, G. *Locative sentences and related constructions in catalan: esser /haver alternation*. In: <http://www.ehu.eus/ojs/index.php/ASJU/article/viewFile/9572/8806>, 1997.
- ROBERTS, I. *Diachronic syntax*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- ROSENBAUM, Peter S. *The grammar of English predicate complement constructions*. Cambridge, MA: MIT Press, 1967.
- ROSS, John. *'Nouniness'*. In *Three Dimensions of Linguistic Theory*, editado por Osamu Fujimura, pp. 137–258. Tokyo: TEC Co, 1973.
- SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima. *Preposições essenciais do Português*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 1992.

_____. *Preposições complementadoras: distribuição e propriedades sintático-semânticas*. Encontro nacional do GT – Teoria da Gramática da Anpoll, UnB, 2007.

_____. *Para/ For infinitives in Brazilian Portuguese and English: Similarities and Contrasts in the Grammatical Encoding of Modality*. In Tsangalidis, A.; R. Facchinetti, (org) *Studies on English Modality: in honour of Frank Palmer*. Peter Lang, Bern, 2009, pp. 157-180, 2009.

_____. *Preposições complementadoras: distribuição e propriedades sintático-semânticas*. Encontro Nacional do GT– Teoria da Gramática da ANPOLL, 2007, UnB. Em: www.reocities.com/gt_teor_da_gramatica/index_arquivos/download/HSalles.pdf, acessado em 9 de novembro de 2012.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. UFRJ, Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, 1988.

_____. *Aspectos da concordância de número no português do Brasil*. Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:3749, 1994.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. *Sobre a concordância de número no português falado do Brasil*. In Ruffino, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509523, 1998.

SCHERRE, M. M. P.; [NARO, A. J.](#); [CARDOSO, C. R.](#) *The role of verb type in subject/verb agreement in Brazilian Portuguese*. DELTA [online], vol. 23, n.especial, pp.283-317, 2007.

STOWELL, T. *Origins of Phrase Structure*. Ph.D. thesis, MIT, 1981.

URIAGEREKA, J. *Warps: Some Thoughts on Categorization*. *Theoretical Linguistics* 25, pp. 31–73, 1999.

WURMBRAND, S. *Infinitives: restructuring and clause structure*. Berlin/Nova Iorque: Mouton de Gruyter. 2001.

WURMBRAND, S.; SHIMAMURA, K. *The features of the voice domain: actives, passives, and restructuring*. In: file:///C:/Users/Daniel/Downloads/wurmbbrandEtAl_15_The-feat.pdf, 2015.

YODER, Brendon. *Syntactic Underspecification in Riau Indonesian*. In *Work Papers of the Summer Institute of Linguistics, University of North Dakota Session*, editado por Joan Baart, 50: pp. 1–15. Grand Forks, N. Dak.: SIL International, 2010.

YOON, James Hye Suk. *Nominal Gerund Phrases in English as Phrasal Zero Derivations*.
Linguistics 34: pp. 329–56, 1996.